



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

A CULTURA NA IMPRENSA REGIONAL OS CASOS DO LITORAL E DO INTERIOR

Daniela Alice Monteiro de Oliveira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Jornalismo
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor José Ricardo Carvalheiro

Covilhã, outubro de 2012

Dedicatória

Aos meus pais, Clara e Carlos;

À minha irmã Joana;

Aos meus avós, maternos e paternos;

Agradecimentos

Aos meus pais pelo apoio incondicional, tanto financeiro como pessoal, e porque sempre acreditaram em mim;

A toda a minha família, que de uma maneira ou de outra me apoiaram nesta etapa da vida;

Ao meu amigo, e namorado, António Marinho, por sempre acreditar em mim, incentivando-me e apoiando em todos os momentos mais difíceis.

Aos meus amigos, pela compreensão, apoio e otimismo;

Ao Prof. Doutor José Ricardo Carvalheiro, que me orientou na elaboração deste trabalho, pelo apoio e paciência;

Resumo

Este trabalho procura refletir sobre a difusão do jornalismo cultural na imprensa regional, concretamente em duas regiões de Portugal distintas, o interior e o litoral. Baseia-se numa pesquisa bibliográfica na qual procuramos, dentro das definições e opiniões de diversos autores, uma interpretação daquilo que está dentro do jornalismo cultural e como isso se traduz na imprensa regional. Da mesma forma que se baseia numa análise, quantitativa e qualitativa, dos jornais em análise que se enquadram no prisma da imprensa regional.

Face ao exposto, concluímos que os títulos apostam num tipo de cultura diversificado, o que inclui peças de cultura popular, erudita e de massas, sendo que uns se demarcam mais do que outros e que há diferenças na aposta de peças culturais consoante a zona geográfica. Nos quatro jornais em análise encontramos peças de cultura com marcas de proximidade, o que remete para quando falamos numa imprensa regional que, à partida, é dirigida para uma população em específico de menor dimensão.

Palavras-chave

Jornalismo cultura; imprensa regional.

Abstract

This work aims to reflect on the diffusion of cultural journalism in the regional press, specifically in two distinct regions of Portugal: the interior and the coast. This project/article was based on a bibliographic research in which we sought, within the definitions and opinions of various authors, an interpretation of what is within the cultural journalism and how that translates into the regional press. Likewise, it is based on a quantitative and qualitative analysis of the newspapers that frame the prism of the regional press.

Given the above, we can conclude that the titles rely on a kind of diversified culture, which includes parts of popular culture, scholarly and mass, being some more demarcated than the others making them stand out more; also, there are differences in cultural news depending on the geographical area. In the four newspapers under analysis, we found pieces of culture with proximity marks, which lead us to the regional press subject, which, by standard, is directed to a specific population of a lower dimension.

Keywords

Cultural journalism; regional press.

Índice

Introdução.....	17
Parte I - Enquadramento Teórico	19
Capítulo 1 - A imprensa: do geral à especificidade.....	20
1.1 História e desenvolvimento da imprensa	20
1.2 Imprensa nacional VS regional	23
1.3 Imprensa regional: como se caracteriza	26
1.4 Imprensa regional em Portugal: problemas que persistem	29
Capítulo 2 - Jornalismo	31
2.1 Origem do jornalismo	31
2.2 O jornalismo no caso Português	35
2.3 As Teorias do Jornalismo na construção das notícias.....	37
2.4 Mas, afinal, o que é o jornalismo?	39
2.4.1 Características do jornalismo: conceito, definições, valores-notícia	39
2.5 O jornalismo e os valores-notícia	40
2.6 Géneros jornalísticos	42
2.6.1 Notícia	42
2.6.2 Editorial	43
2.6.3 Reportagem.....	43
2.6.4 Entrevista	44
2.6.5 Crónica	45
2.6.6 Opinião	45
2.6.7 Fait-divers/ breves	45
2.6.8 Artigos	45
2.6.9 Fotolegendas	46
Capítulo 3 - Cultura	47
3.1 Definições, conceitos e origem do termo cultura	47
3.2 As várias conceções do termo cultura	49
3.3 Que cultura (s)?	51
3.3.1 Cultura Popular, Cultura Erudita e Cultura de massa	51
Capítulo 4 - Jornalismo e cultura: junção dos termos	53
4.1 Jornalismo Cultural: breve referência histórica.....	53

4.2 O jornalismo cultural	55
Parte II - Estudo de Caso	57
Capítulo 5 - Metodologia	58
1) Objeto	58
2) Corpus de análise	58
5.1 Hipóteses	60
5.1.1 Hipóteses da análise quantitativa	60
5.1.2 Hipóteses da análise qualitativa	62
5.2 O método de análise.....	62
5.2.1 Categorias da análise	63
5.2.1.1 Categorias das peças	63
5.2.1.2 Categoria dos temas das notícias	64
5.2.1.3 Dimensões das notícias	66
5.2.1.4 Enquadramento das notícias	66
5.2.1.5 Categoria das notícias de cultura	67
Capítulo 6 - Parte Prática	68
6.1 As regiões.....	68
6.1.1 Castelo Branco	68
6.1.2 Fundão.....	68
6.1.3 Guimarães	69
6.1.4 Póvoa de Varzim	69
6.2 Os distritos: estatísticas	69
6.3 Os jornais analisados	70
6.3.1 <i>Jornal do Fundão</i>	70
6.3.2 <i>Reconquista</i>	70
6.3.3 <i>A Voz da Póvoa</i>	71
6.3.4 <i>O Povo</i>	71
6.4 Análise quantitativa	72
6.4.1 Primeira página	73
6.4.1.1 Os géneros na primeira página	74
6.4.2 As peças de cultura	76
6.4.3 Género jornalístico das peças de cultura	78
6.4.4 O enquadramento das peças sobre cultura	79
6.4.5 Dimensão das peças de cultura	81
6.4.6 Que cultura?	82

6.5 Análise qualitativa	87
Capítulo 7 - Discussões dos resultados	96
Conclusão	98
Bibliografia.....	100
Anexos	104

Lista de Figuras

Figura 1: Exemplo de pirâmide invertida.....	42
Figura 2: Total das páginas por jornal (nº)	72
Figura 3: Total das peças por jornal (nº)	73
Figura 4: Total de peças de primeira página por jornal (nº)	74
Figura 5: Géneros jornalísticos das peças de primeira página por jornal (%)	76
Figura 6: Total das peças de cultura por jornal (%)	77
Figura 7: Total de peças de cultura por género jornalístico nos jornais em análise (%)	78
Figura 8: Total das peças de cultura por enquadramento nos jornais em análise (%)	80
Figura 9: Dimensão das peças de cultura por jornal (%)	81
Figura 10: Total de notícias por evento cultural (%)	86
Figura 11 - Exemplo de notícia de cultura popular no jornal <i>A Voz da Póvoa</i>	88
Figura 12 - Exemplo de notícia de cultura popular no jornal <i>O Povo</i>	88
Figura 13 - Exemplo de notícia de cultura popular no <i>Jornal do Fundão</i>	89
Figura 14 - Exemplo de notícia de cultura popular no jornal <i>Reconquista</i>	90
Figura 15 - Exemplo de notícia erudita no <i>Jornal do Fundão</i>	90
Figura 16 - Exemplo de notícia erudita no jornal <i>O Povo</i>	91
Figura 17 - Exemplo de notícia de cultura erudita no jornal <i>A Voz da Póvoa</i>	92
Figura 18 - Exemplo de notícia de cultura erudita no jornal <i>Reconquista</i>	92
Figura 19 - Exemplo de notícia de cultura de massas no jornal <i>A Voz da Póvoa</i>	93
Figura 20 - Exemplo de notícia de cultura de massas no <i>Jornal do Fundão</i>	94
Figura 21 - Exemplo de notícia de cultura de massas no jornal <i>Reconquista</i>	94
Figura 22 - Exemplo de notícia de cultura de massas no jornal <i>O Povo</i>	95

Lista de Tabelas

Tabela 1: Período discriminado da análise dos jornais.....	59
Tabela 2: Total de peças de Cultura de acordo com o tipo no <i>Jornal do Fundão</i>	83
Tabela 3: Total de peças de Cultura de acordo com o tipo no <i>Reconquista</i>	84
Tabela 4: Total de peças de Cultura de acordo com o tipo no jornal <i>A Voz da Póvoa</i>	84
Tabela 5: Total do número de peças pelo tipo de cultura no jornal <i>O Povo</i>	85

Introdução

Compreender as páginas de cultura na imprensa regional através da observação das páginas dos semanários da cidade de Póvoa de Varzim, Fundão, Castelo Branco, e Guimarães, especificadamente nos jornais *A Voz da Póvoa*, *Jornal do Fundão*, *Reconquista* e *O Povo*, é o objetivo do presente trabalho.

Interessa-nos, aqui, dois temas distintos e com um ângulo de abordagem bastante alargado e complexo. Por um lado, a imprensa regional, que para além de difundir informação pretende dar atenção aos problemas, aos acontecimentos de um, ou mais, território em específico. Consideramos que, embora haja um longo caminho a percorrer para se afastar das marcas de ruralidade que autores como João Carlos Correia (1998) lhe associa, a imprensa regional tem vindo a avançar nesse sentido, deixar para trás um jornalismo antiquado, que vive praticamente de discursos opinativos. Por outro, a cultura, que apesar de ser um tema bastante abrangente quisemos liga-lo ao jornalismo de forma a compreender como a cultura é praticada na imprensa regional e de que forma. Compreendida de várias formas, e uma vez que todos nós produzimos cultura, imediatamente associamos o conceito a algo que está ligado a nós. Pode ser definido como aquilo que é adquirido pelo indivíduo, como as crenças, costumes, tradições, no fundo como sendo uma forma de vida. No contexto deste trabalho, estende-se o conceito de cultura às artes, à produção de bens culturais, difundida por meio dos órgãos de comunicação regionais.

Em termos gerais, importa analisar os temas com mais destaque nas primeiras páginas dos quatro jornais em análise para conseguirmos perceber qual o impacto da cultura, ou qual o destaque dado a notícias de carácter cultural; da mesma forma que nos interessa compreender qual o tipo de cultura que prevalece nas páginas dos quatro semanários. Assim, escolhemos para esta análise duas regiões distintas, o interior e o litoral, também para compreendermos se existem diferenças no acesso, e posterior divulgação, a eventos culturais. Escolhemos estas duas regiões por serem, em primeiro lugar, as que estão mais próximas da nossa localização geográfica, e também porque há um interesse particular nos jornais acima referidos.

Desde logo existem diferenças nos próprios jornais, dois deles (*Jornal do Fundão* e *Reconquista*) têm um extenso número de páginas bem como uma alargada difusão regional, nacional e até internacional. Por outro lado, os jornais *A Voz da Póvoa* e *O Povo* que têm um número reduzido de páginas e a sua distribuição é quase toda nas regiões de onde estão implementados. Estes fatores são fulcrais para entendermos as diferenças existentes na divulgação de notícias sobre cultura.

Desta forma, para a realização deste trabalho baseamo-nos numa análise de conteúdo, analisando 3921 peças, das quais 503 pertencem à categoria de cultura. Baseamo-nos de igual forma numa análise qualitativa, realizada a partir dos dados recolhidos nas notícias de cultura. Com esta análise depreendermos as características que prevalecem nos três tipos cultura que definimos para a análise: popular, erudita e de massas. Deste modo, aclaramos qual o evento cultural mais praticado pelos quatro jornais regionais. Assim sendo, a análise que aplicamos nas notícias de cultura procura encontrar as tendências do jornalismo cultural que é produzido nos títulos regionais do interior e litoral.

Primeiramente procuramos entender, em termos históricos, o desenvolvimento da imprensa, que teve o seu marco histórico com a técnica inventada por Gutenberg, permitindo assim uma “explosão na comunicação”, tal como enunciou Jorge Pedro Sousa (2003). Procuramos enquadrar na imprensa os conceitos de nacional e regional, sendo com esta análise possível distinguir que a primeira procura alcançar uma maior abrangência, ao invés da segunda que, também pela sua implementação, procura atender ao público de uma região ou localidade. Daí falar-se de um jornalismo de proximidade, termo que tão bem é utilizado por Carlos Camponez (2002). Quisemos ainda refletir, especificamente, sobre a imprensa regional, o que a caracteriza e quais os problemas que nela ainda subsistem.

Numa segunda parte, dedicamos espaço ao jornalismo, incidindo sobre o conceito, origem, teorias e valores-notícia do jornalismo. Desta forma, compreendemos melhor o que é, em termos gerais, o jornalismo e no que se fundamenta. Assim sendo, achamos por bem salientar e definir igualmente o conceito de cultura, visto que é a partir da junção dos termos jornalismo e da cultura que se constrói um jornalismo cultural. Para que fosse possível chegar àquilo que é a base do nosso trabalho, no fundo o jornalismo cultural, frisamos ambos os conceitos em separado. Desta forma, no último capítulo da parte teórica, expomos o conceito de Jornalismo Cultural que, de certa forma, se refere à divulgação de fatos ou acontecimentos culturais pretendendo atender um público fragmentado e específico.

No que se refere ao estudo de caso, desenvolvemo-lo com base na análise de quatro jornais semanários, bem como as regiões onde estão inseridos. Apresentamos seguidamente os resultados obtidos na análise dos quatro jornais regionais. Com esta investigação pretende-se clarificar as peças de cultura que circulam na chamada imprensa regional, tendo como referência jornais da região do interior e do litoral, de forma a responder à nossa pergunta de investigação: será que a diferença geográfica dos jornais regionais se traduz na divulgação de peças sobre cultura?

Parte I - Enquadramento Teórico

Capítulo 1 - A imprensa: do geral à especificidade

1.1 História e desenvolvimento da imprensa

No mundo greco-romano, 500 anos a. C., a produção e o comércio do livro já eram um facto, utilizando materiais como o papiro. Mas, desde cedo que os Chineses inventaram o papel de onde resultou, por parte da “dinastia T’ang, que reinou na China de 618 a 907”, o lançamento de “uma gazeta oficial com o nome de *Ti pã*” (Jeanneney, 1996, p.20). Esta prática começa, nos séculos VI e VII, a difundir-se pelo Japão, Coreia e Pérsia.

Na Europa, foi também com o desenvolvimento das universidades, em pleno século XIII, que se utilizaram processos de fabrico em série de manuscritos, através de oficinas de copistas. Contudo, o papel “associado à escrita e à impressão, fixação, transmissão e difusão do pensamento, introduzido na Europa pelos Árabes, é um dado adquirido nos séculos XIV e XV” (Alves, 2005, p.22).

Até meados do século XV eram utilizados vários processos tipográficos como, por exemplo, a xilografia. Desde então que a técnica de impressão por caracteres móveis passa a ser utilizada, alargando-se a toda a Europa. E é esta técnica, inventada por Gutenberg, que vai permitir a “explosão da comunicação impressa” (Sousa, 2006, p.169). Esta prática permitiu que, no final do século XV e início do século XVI, fossem instaladas em toda a Europa máquinas de impressão que davam origem a folhas noticiosas não periódicas e ocasionais que se destinavam, apenas, a descrever um único acontecimento ou facto. Mas, e segundo José Tengarrinha, já apresentavam determinadas características direccionadas para a Imprensa mesmo “pela informação detalhada e pela atualidade que procuravam e até pelo sensacionalismo de que em geral se revestiam” (Tengarrinha, 1989, p.27).

Gutenberg não foi o pioneiro na descoberta da necessidade de produzir em grande escala. Contudo, teve êxito ao conseguir sintetizar todas as técnicas, correntes e tentativas que já existiam, uma vez que se baseou “na experiência técnica dos copistas, dos artesãos que faziam gravações em madeira e dos que trabalhavam os metais” e “produziu caracteres móveis que podiam ser combinados livremente” (Quintero, 1994, p.37). Embora não tenha sido o pioneiro nesta ideia da criação da imprensa, se assim se pode dizer, Gutenberg, e segundo Alejandro Quintero, contribuiu para a fundição dos tipos num molde metálico que possibilitava a disposição das centenas ou milhares de caracteres necessários para compor uma obra. Bem como, contribuiu

para a “criação de um braço suficientemente longo para cada carácter de forma a poder ser manejado e colocado junto a outros para formar palavras e frases” (Quintero, 1994, p.37).

Os vários meios de informação, como livros, revistas e até os jornais transformaram a sociedade. Jorge Pedro Sousa refere que até ao século XX “a imprensa foi o principal veículo da troca de informações de ideias e da cultura” (Sousa 2006). A imprensa, para além de grandes transformações sociais, culturais e políticas, gerou uma nova atividade económica, no que diz respeito à produção de matérias-primas, tais como o papel, dando origem ao comércio do livro e mais tarde da imprensa periódica. Nos séculos XVI e XVII a produção de livros foi o primeiro grande efeito da revolução da impressão, que foi, numa primeira fase, “maioritariamente de carácter religioso, mais tarde de carácter literário e de divulgação do pensamento próprio aos diferentes campos do saber” (Quintero, 1994, p.30).

Para além dos livros, também se destacaram as folhas soltas e pequenos folhetos, cuja finalidade era a da propaganda e informação. “Criavam-se, assim, os embriões dos futuros jornais, folhas informativas ocasionais que irão conviver com as notícias manuscritas anteriores à impressão e com as publicações periódicas impressas que constituíram um fenómeno assinalável a partir do século XVII, o século das gazetas” (Quintero, 1994, p.30). Já no século XVIII, a impressão deixou de ser apenas a técnica de produzir livros, passando a produzir folhas periódicas.

No caso português, e de acordo com o que se tem conhecimento, a primeira folha noticiosa manuscrita nasce com o título *Notícias da Infelicidade da Armada de Sua Majestade Que Escreveu o Mestre de Santa Catarina*, a 19 de Outubro de 1558. A partir daí surgem, até 1643, outras folhas noticiosas que procuravam difundir notícias sobre Portugal, bem como de outros países. As primeiras folhas noticiosas impressas, que surgem em diversos países da Europa, apresentam-se, no nosso país, com o título de *relação*, manifesto, *cópia*, *carta* (Tengarrinha, 1989, p.28 e 29). Segundo o mesmo autor, sabe-se que a primeira destas folhas noticiosas impressas intitula-se por *Relação do Lastimo Naufrágio da Nau Conceição Chamada Algarvia a Nova de Que Era Capitão Francisco Nobre a Qual Se Perdeu nos Baixos de Pero dos Banhos em 22 de Agosto de 1555*. A segunda aparece em 1557 e, até de 1641, foram publicadas diversas folhas impressas que, segundo José Tengarrinha, apresentavam o aspeto de um livro, em papel grosseiro, sem carácter de regularidade, sem comentários nem interpretações. O primeiro periódico português, com conteúdos mais informativos, aparece com as *Gazetas da Restauração*, tendo por título *Gazeta em Que Se Relatam as Novas Todas Que Houve Nesta Corte e Que Vieram de Várias Partes no Mês de Novembro de 1641* (Tengarrinha, 1989, p.35).

Em Portugal também se tem conhecimento dos *mercúrios*¹(mensageiros dos deuses), tal como acontecia em países da Europa como a França, Alemanha, Holanda. O *Mercúrio Português* foi, segundo José Tengarrinha, o mais importante. Surge em Janeiro de 1663 e o seu assunto principal era as notícias da guerra entre Portugal e Espanha, informando também sobre outros

¹ Mercúrio era o deus romano do comércio e dos viajantes.

acontecimentos do país e também do estrangeiro. Embora o mais importante, é de referir que o *Mercúrio Português* não foi o único em Portugal. Existiram outros, desde o século XVII ao século XIX.

É na segunda metade do século XIX que se começa a falar numa imprensa de informação, uma vez que até então era predominante uma imprensa focada na opinião. Além disso, foi com o nascimento desta imprensa de opinião que se inicia a fase realmente industrial da imprensa, resultado de novas máquinas de impressão surgidas no contexto da revolução industrial e com capacidade para maiores e mais rápidas tiragens. Por fim, trata-se de um novo impulso no cariz comercial dos jornais: a imprensa noticiosa quer ser lucrativa, vender notícias a grandes públicos (e incluir publicidade), ao passo que a imprensa de opinião era sobretudo de militância política e não era movida por objetivos comerciais dos seus proprietários. Neste contexto, surge, a 1 de Janeiro de 1865, o *Diário de Notícias*. O jornal procurava, assim, “interessar a todas as classes, ser acessível a todas as bolsas e compreensível as todas as inteligências” (Tengarrinha, 1989, p.215). Desta forma, José Tengarrinha diz-nos que foi a partir de então que em Portugal se começa a ver o desenvolvimento da “Imprensa preponderantemente noticiosa”, sendo a informação a principal preocupação e objetivo. Em 1870 destacam-se diversos jornais. Em Lisboa, os títulos mais importantes eram o *Jornal do Comércio*, *A Revolução de Setembro*, *Diário de Notícias*, *Diário Popular*, *Gazeta do Povo* e *A Nação*. No Porto, destacava-se o *Comércio do Porto* (Quintero, 1994, p.361).

No século XX a história da imprensa em Portugal ficou grandemente marcada pelo regime ditatorial. A imprensa sofre duras perseguições, era demasiado politizada e com intervenções do poder do Estado aquando da nomeação de Oliveira Salazar para presidente do Conselho de Ministros. De acordo com Jean Seaton e Bem Pimlott (citado em Quintero 1994, p.364) “a polícia salazarista tratou a imprensa de modo autoritário, porque era considerada como uma arma poderosa que a oposição podia utilizar contra o Estado”.

Em forma de protesto, os jornais começaram a deixar em branco os sítios onde deviam ser publicadas as notícias impedidas pela censura” (Tengarrinha, 1989, p.254). *O Século*, *O Mundo*, *A Vanguarda* e *O Progresso*, foram alvos de assaltos e vigilância que resultaram, posteriormente, na apreensão dos mesmos. Nessa época, todas as publicações passaram a ser obrigadas a uma aprovação antes de qualquer publicação, a chamada censura prévia. Nessa altura, a imprensa serve também como arma de propaganda pelo regime em que vários jornais da época, por como exemplo o *Diário da Manhã*, estavam ligados à governação salazarista.

O ano de 1975 foi de mudanças. Foi aprovada uma nova Lei da Imprensa que protegia a liberdade da imprensa, acabava com a censura e estabelecia os estatutos da profissão do jornalista. Partindo desta data, começa-se a nacionalizar a imprensa portuguesa, o que, segundo Paulo Faustino (2005, p.2), demarca a grande fase d história da imprensa portuguesa - o pós 25 de Abril. Contudo, a nacionalização da imprensa é apenas a primeira grande fase após 1974, onde

os jornais eram usados por diversos partidos como armas políticas. Uma outra fase importante após este período é a privatização e liberalização económicas dos jornais. No início da década de 80, em Portugal, começa-se a desenvolver um outro tipo de imprensa, com a criação de jornais privados como por exemplo o Correio da Manhã, em que o primeiro número é publicado em 1979. Segundo Mário Mesquita (citado em Caleiro 2007, p.204) entre 1976 e 1986 o desaparecimento no setor público de títulos como O Século (1977) e no setor privado da revista Opção (1976-78) e o desaparecimento, na área da direita, do Jornal Novo, significa que não era fácil viabilizar jornais opinativos de tendência, fosse à esquerda ou à direita. Segundo o mesmo autor (Caleiro,2005, p.204) “o primeiro Governo maioritário de Cavaco Silva (1987-1991) marca o momento de viragem na comunicação social portuguesa, no sentido da afirmação de conceções liberais associadas aos vários setores de atividade económica”.

1.2 Imprensa nacional VS regional

O termo imprensa pode ter vários significados. Inicialmente diria respeito, segundo a perspectiva de José Tengarrinha, à máquina de imprimir caracteres tipográficos em papel ou em qualquer outra matéria. Pode ainda designar “os meios jornalísticos ou o jornalismo no seu conjunto, pode designar a tipografia e também pode designar o conjunto das publicações impressas” (Sousa, 2005).

Sem dúvida que há uma divisão entre aquilo que é imprensa nacional e regional Mas é normal, e aceitável, que se faça essa mesma distinção, uma vez que é igualmente diferente a imprensa que se dirige a todo o “povo”, inserido em qualquer ponto geográfico, daquela que apenas se foca e se interessa por um número populacional mais reduzido, ou mesmo um espaço ou localidade. É também por isto que nos interessa esclarecer estes dois conceitos. Na informação de âmbito nacional, vemos os interesses gerais da sociedade, independentemente do seu espaço territorial, enquanto a imprensa regional procura um ângulo mais concreto e específico relativo a uma comunidade.

Contudo, João Mesquita (citado em Camponez 2002, p.107) faz questão de frisar que a distinção entre a imprensa nacional e regional apenas é feita por uma questão de comodidade, visto que “ boa parte dos meios de comunicação social cuja sede é em Lisboa e no Porto - aqueles a que normalmente atribuímos o qualitativo de imprensa nacional - nem por isso deixam de ter um carácter eminentemente regional”. Na nossa opinião, é de sustentar esta afirmação, até porque não há um jornal específico que publique apenas informação nacional, todos eles, embora num ângulo mais reduzido, difundem notícias regionais. Até pela implantação geográfica de cada jornal. Porque os acontecimentos divulgados por cada jornal reportam para a área onde está implementado. Nesta linha de pensamento, e segundo Carlos Camponez, aquilo que pode estar na

base da distinção entre o nacional e o regional é “as suas formas de organização empresarial e a sua estratégia claramente vocacionada para uma abordagem dos termos tanto mais generalista se pretende que seja o seu público num território mais ou menos vasto” (Camponez, 1998 citado em Santos, 2007).

O autor revela também que a implementação geográfica de um título abrange o seu espaço de ação, que é também o local de produção e de apreensão dos acontecimentos; espaço de difusão privilegiada e estratégica; de conteúdos partilhados; da informação disponível; e da seleção do ou dos públicos (Camponez, 2002, p.109). Notamos que pode ser mesmo o local de implementação de determine a difusão das notícias, até porque um jornal nacional tem uma visão mais ampla dos acontecimentos, enquanto a imprensa local, regional, é o dia-a-dia, cara a cara, é a proximidade com os leitores, específica Guillamet (citado em Labella, 2010, p. 15). Um outro autor, Günter Kieslich (citado em Camponez, 2002, p.108 e 109) conclui que devemos entender por comunicação local tudo o que “diz respeito à maioria das pessoas e membros integrados nesse sistema local”.

Como já referido, o propósito da imprensa regional é atingir um público mais específico, sendo que aquilo que escreve interessa, sobretudo, àqueles que procuram inteirar-se do que acontece no espaço que os envolve, mesmo que parte das notícias também abrangem o território nacional. Por sua vez, a imprensa dita nacional, preocupa-se em englobar tudo aquilo que possa dizer respeito ao público espalhado pelo território nacional. Ou seja, podemos tomar como exemplo a medida adotada pelo Governo sobre a introdução de pagamento nas antigas SCUTS. Em que a imprensa nacional vai ter em conta as implicações, os números e os dados genéricos da medida, e a imprensa regional preocupar-se-á em ouvir o Sr. X e Y, de uma região específica, que são afetados por essa mesma medida.

Generalidade e especificidade são, talvez, o que demarcam o que é nacional e regional, visto que na informação nacional aquilo que é divulgado corresponde aos interesses gerais da sociedade e na imprensa regional foca-se aspetos mais concretos e específicos da sociedade onde está inserida. Ora, se aquilo que está na base da imprensa nacional, a nosso ver, é tudo aquilo que implica o interesse generalizado da sociedade, já a imprensa regional especifica tanto os temas como o público-alvo. Estes acontecimentos particulares e pormenorizados, atribuídos à imprensa regional, têm como objetivo, a nosso ver, responder às expectativas e necessidades do público que a procura. Por norma, a imprensa nacional não tem como preocupação a particularidade, até porque o seu público é outro. Relativamente às diferenças que se possam apontar a cada uma das imprensas, Barreiras diz-nos que a imprensa regional tem “uma capacidade de gerar informação mais útil e com impacto mais imediato no dia-a-dia das populações” (Barreiras, 2005, p.14). A comunicação local, ou regional, de acordo com Xosé López García, no século XX “ existe porque hay una sociedade local com determinadas características -

diferentes en cada caso - económicas, sociales y culturales que precisa de medios para la socialización del conocimiento y la canalización y opinión (López, 2004, p.96).

Embora com o mesmo objetivo, o de informar, existem diferenças entre os dois tipos de imprensa. Bom exemplo disso é a perspectiva de Fernando Garcia quando diz que “el periódico central tiene vocación de generalidad y el periódico local tiene vocación de singularidad. El primero busca la cima de la montaña para tener una perspectiva más amplia desde las alturas, el segundo se propone profundizar mucho más en las raíces, en la base, en la perspectiva celular” (Garcia, 2000, p.91). O que o autor refere vai de encontro ao que mencionámos anteriormente. Assim, enquanto a imprensa nacional procura divulgar a informação mais geral, até porque não consegue relatar os interesses e preocupações próprios de cada sociedade, a regional aprofunda cada tema, cada acontecimento, de forma a captar todas as pessoas envolvidas naquela área geográfica. Mas também não se pode descartar a ideia de que o nacional não insere questões específicas e que o regional não noticia acontecimentos gerais, ou nacionais.

Ainda no que diz respeito às diferenças entre um e outro tipo de imprensa, é de realçar as especificações que Carlos Camponez aponta para a imprensa regional. O autor caracteriza-a pela forte territorialização; pela territorialização dos seus públicos; devido à proximidade em relação aos agentes e às instituições sociais que dominam esse espaço; e do conhecimento dos seus leitores e das temáticas correntes na opinião pública local. Camponez considera então que estas podem ser mesmo as características que distinguem os dois tipos de imprensa, mesmo que “ambas possam ser consideradas formas de comunicação de massa e utilizem suportes que entram nessa categoria demasiado abrangente de *mass media*”. Diz também que a imprensa regional constrói-se pelo compromisso com a região e com as pessoas que a habitam. É também nos *media* regionais que são divulgadas as realidades com que as populações vivem, no seu dia-a-dia, que é exatamente o contrário de uma imitação menos conseguida da comunicação social nacional (Correia, 1998, p. 157). Ou seja, a imprensa nacional nem sempre consegue acompanhar o que acontece, ao pormenor, em determinadas regiões, pelo que não consegue captar nem assimilar aspetos daquela comunidade. A mesma notícia publicada pelo órgão de comunicação social nacional e pelo regional vai ter contornos diferentes, visto que há conhecimentos e pormenores que apenas serão conseguidos por quem os presencia diariamente. O autor reforça ainda a ideia de que os jornais regionais são, por um lado, instância de reforço da identidade das comunidades com que se relacionam. E, por outro, espaços de uma potencial abertura ao mundo, uma vez que pode servir de reforço a uma identidade local da mesma forma que permite um maior acesso ao mundo exterior.

O território e a proximidade podem ser os elementos base, por assim dizer, na distinção entre estes dois conceitos. Como nos diz Camponez “essa proximidade da comunidade de lugar, criada na partilha de valores e de um território é também geradora de formas comunicacionais características de que a imprensa regional e local é um exemplo. E isso faz a diferença entre o

órgão de comunicação “da terra” e os outros: os de outras regiões, os nacionais, os de além-fronteiras” (Camponez, 2002, p.20). Mas, esta diferenciação entre o que é imprensa regional ou nacional nem sempre tem esta asserção, uma vez que também se pode dividir ou “analisá-la segundo outro parâmetro que opõe, simplesmente, a imprensa regional diária à não diária, acreditando que toda a informação escrita portuguesa não ultrapassa o âmbito regional” (Santos, 2007, p.28). Assim, segundo a definição dada pela autora, a imprensa regional diária engloba os jornais matutinos e vespertinos enquanto a imprensa regional não diária corresponde às publicações semanais, bissemanais, quinzenais e mensais.

Muitas vezes espera-se que o resultado dos jornais regionais seja o mesmo que o dos nacionais. Contudo, existe uma diferença que se torna essencial quando abordamos os órgãos da imprensa regional: a proximidade. A imprensa regional dirige-se mais para as situações do quotidiano da comunidade onde está inserida do que propriamente para questões relacionadas com o país ou o mundo. O certo é que falta aqui uma outra distinção para além desta entre o regional e o nacional. Talvez seja importante referir, nem que seja de forma abreviada a diferença entre a imprensa regional e a imprensa local.

A imprensa regional suporta uma estrutura mais sólida, com base em profissionais do jornalismo, embora a sua cobertura informativa seja direcionada à comunidade local onde está sediada. Por sua vez, a imprensa local pode ser entendida ou reduzida a pequenos títulos e relaciona-se a instituições específicas e locais, como é o caso das associações, juntas de freguesia, pequenos municípios que, estando mais próximos da população, conseguem atender à sua preocupações e necessidade. É da nossa opinião que na chamada imprensa local a população colabora na construção desses títulos, o que não acontece tanto na imprensa regional, a população está mais afastada no que diz respeito à elaboração das notícias.

Ora, um jornal regional será aquele que consegue abranger outras áreas que não a sua área de influência, vai para além da aldeia, da vila, da cidade. Embora se foque naquela região tem proximidade por causa da sua implementação, não exclui outros locais onde a notícia pode ter interesse. No caso da imprensa local, apenas se destina a matérias que abrangem a sua área de influência, aí é que interessam as notícias da aldeia e da vila.

1.3 Imprensa regional: como se caracteriza

Na opinião de Paulo Ferreira (2005), a imprensa regional tem por objetivo recolher, tratar e divulgar factos noticiosos que decorrem na área geográfica onde o jornal em questão está inserido.

Com a variedade de leis que foram surgindo para definição do conceito de imprensa regional, torna-se mais difícil defini-la concretamente. De acordo com a Lei de Imprensa de 1971

dizia-se que a “imprensa regional é constituída pelas publicações periódicas não diárias que tenha como principal objetivo divulgar os interesses de uma localidade, circunscrição administrativa ou grupos de circunscrição vizinhos” (Ferreira, 2005). No entanto, em 1975, a Lei da Imprensa acrescenta que “as publicações periódicas podem ser de expansão nacional e regional, considerando-se de expansão nacional as que são postas à venda na generalidade do território” (Ferreira, 2005). Ora, só nestas duas publicações, nota-se que aquilo que está na base da definição de imprensa regional é o âmbito geográfico de proximidade, o que a distingue, à partida, da imprensa dita nacional. Em 1988, o Estatuto da Imprensa Regional define-a como “todas as publicações periódicas, de informação geral, conformes à Lei de Imprensa, que se destinem predominantemente às respetivas comunidades regionais e locais, dediquem, de forma regular, mais de metade da sua superfície redatorial a factos ou assuntos de ordem cultural, social, religiosa, económica e política a elas respeitantes e não estejam dependentes, diretamente ou por interposta pessoa, de qualquer poder político, inclusive o autárquico”. Por fim, a Lei de Imprensa de 1999 define as publicações de carácter regional como as “que pelo seu conteúdo e distribuição se destinem predominantemente às comunidades regionais e locais” (Sousa, s.d).

Segundo a nossa perspetiva é fácil incluímos no conceito de imprensa regional os títulos que apenas abrangem uma área mais restrita. Tal como refere Sofia Santos quando diz que “a expressão *imprensa regional* sempre foi sonante porque sugere de imediato um leque de pequenos jornais não diários, mais vocacionados para a história quotidiana das comunidades locais do que para o país ou o mundo” (Santos, 2007, p.26-27). De facto, esta noção leva-nos para a ideia pré-concebida de que à imprensa regional apenas interessa aquilo que está dentro de uma comunidade ou região específicas. Na verdade, atribui-se à imprensa regional “a missão de preservar valores culturais”, bem como a questão da proximidade que é “facilitadora da intervenção dessas pessoas, que normalmente são quadros médios que procuram nessas localidades respostas para aquilo a que estão habituados. E todas essas respostas estão na imprensa regional” (Santos, 2004, citado em Santos, 2007). Assim sendo, podemos enquadrar estes paradigmas da imprensa regional em três aspetos diferentes. Fala-se de uma imprensa que tem por missão preservar valores culturais, porque reproduz essa mesma cultura local, que é vivida e desenvolvida pela comunidade onde se insere; possibilita a intervenção das pessoas, visto que têm a característica base da proximidade no sentido de que a informação útil é dada por aquele meio e não por outro, intervenção no sentido de meio de expressão e discussão públicas em que as pessoas (nomeadamente cidadãos com habilitações e apetência para intervirem na opinião pública) podem participar, o que nos órgãos de comunicação nacionais é mais difícil.

Agregado a esta caracterização, a atual Lei da Imprensa, no artigo 14º, faz referência a este meio de comunicação como aquele que é composto por títulos, ou publicações, que se

destinam a comunidades regionais e locais. De acordo com o documento consideram-se de âmbito regional ainda

todas as publicações periódicas de informação geral, que (...) dediquem, de forma regular, mais de metade da sua superfície redatorial a factos ou assuntos de ordem cultural, social, religiosa, económica e política a elas respeitantes e não estejam dependentes, diretamente ou por interposta pessoa, de qualquer poder político, inclusive o autárquico”. Já o Decreto-Lei nº106/88 define, num excerto do seu preâmbulo, que “a imprensa regional também desempenha um papel relevante na informação e contributo para a manutenção de laços de autêntica familiaridade entre as gentes locais e as comunidades de emigrantes dispersas pelas partes mais longínquas do mundo.

Existem algumas características próprias da imprensa regional. E segundo o Estatuto da Imprensa Regional, no artigo 2, esta tem como funções: a) Promover a informação respeitante às diversas regiões, como parte integrante da informação nacional, nas suas múltiplas facetas; b) Contribuir para o desenvolvimento da cultura e identidade regional; c) Assegurar às comunidades regionais e locais o fácil acesso à informação; d) Contribuir para o enriquecimento cultural e informativo das comunidades regionais e locais; e) Proporcionar aos emigrantes portugueses no estrangeiro informação geral sobre as suas comunidades de origem, fortalecendo os laços entre eles e as respetivas localidades e regiões; f) Favorecer uma visão da problemática regional, integrada no todo nacional e internacional (Estatuto da Imprensa Regional, 1988). Assim, e segundo o ex-Presidente da Entidade Reguladora para a Comunicação, J.A Azeredo Lopes, a imprensa regional desempenha “um papel notável de reforço de um conceito rico de cidadania. Cultiva a proximidade, é útil para quem a lê, estimula ou, pelo menos, conserva, laços identitários, culturais e históricos da maior importância. Acarinha o particular, numa altura em que só se prega o global. Cultiva a língua portuguesa, num plano cada vez mais raro na Imprensa em geral” (ERC, 2010, p.18).

Na verdade, e como já foi referido anteriormente, a questão da proximidade “é um dos fatores mais poderosos no momento de escolher uma notícia” (Fontcuberta, 1999, p.36). A nosso ver, essa proximidade resume-se à cobertura de factos noticiosos que dizem respeito aos leitores implementados numa determinada área geográfica. Até porque a imprensa regional é delimitada pela cobertura das notícias. Ou seja, enquanto um jornal nacional amplia, em termos geográficos, os acontecimentos, um jornal regional confere especial atenção à informação decorrida numa região específica. Não quer isto dizer que um jornal de maior expansão não divulgue notícias destinadas apenas a uma comunidade, como um jornal regional não cubra assuntos de interesse nacional.

1.4 Imprensa regional em Portugal: problemas que persistem

Muitos dos estudos que se fazem a nível da imprensa por vezes passam ao lado da própria imprensa regional, nomeadamente quanto à questão da industrialização. Como refere Carlos Camponez a industrialização da imprensa em Portugal passou ao lado da imprensa regional, colocando-a em segundo plano no contexto comunicativo da sociedade de massas. É também por isso que a imprensa regional portuguesa não mostra um nível de desenvolvimento tão rápido quanto os outros meios de comunicação.

De acordo com João Carlos Correia (1998, p.158), a imprensa regional portuguesa apresenta ainda alguns traços típicos do jornalismo pré-industrial. São eles a escassa relação com a publicidade; a forte relação entre as elites locais e os media; a importância dada ao artigo de opinião e à colaboração externa; contiguidade entre os artigos e colaborações e as preocupações manifestadas nos espaços de reunião dos públicos; a tendência para estruturar o discurso em torno de alguns assuntos recorrentes, onde veiculam opiniões, debates e polémicas; a presença de marcas discursivas que remetem para formas de sociabilidade que pressupõem um saber comum partilhado pelos produtores de mensagens e pelos públicos; e o conhecimento recíproco e partilhado por produtores e recetores quanto aos factos e realidades que servem de referentes às mensagens jornalísticas.

Estrela Serrano, num estudo apresentado pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social (2010, p. 21) menciona que a imprensa regional apresenta enormes problemas. Destaca o escasso investimento publicitário e outras fontes de receitas, o reduzido índice de leitura nas zonas do interior, a diminuição do número de assinantes, as dificuldades na distribuição, e, conseqüentemente, o seu impacto diminuto na vida política, social e cultural a nível nacional. É por isso verdade que não podemos igualar a imprensa regional à imprensa nacional, uma vez que a primeira não se desenvolve tanto como a segunda. Talvez porque, e a nosso ver, a imprensa regional se destina àquele público, a alguém em específico, não procurando alargar o seu público e a sua área de influência.

Parte destes problemas têm também a ver com aspetos sociológicos mais vastos que caracterizam o país, nomeadamente na dita “província” (tudo o que não é Lisboa e Porto) e sobretudo no interior. Esses aspetos são, por exemplo, a baixa urbanização/ existência de poucas cidades com dimensões razoáveis - logo o fraco mercado de leitores a nível local/ concelhio; a baixa literacia e hábitos de leitura da população portuguesa em geral, principalmente nas faixas etárias mais idosas, que são as que predominam nas áreas mais rurais e do interior, o fato de, ao contrário do que aconteceu no centro e norte da Europa, onde a imprensa se consolidou como hábito de leitura de massas na primeira metade do século XX, em Portugal a televisão chegou

(anos 50/60) quando ainda quase metade do país era analfabeto e não havia uma imprensa desenvolvida e popularizada, tornando-se facilmente o principal meio de consumo de notícias e barrando, de certa forma, o caminho para a imprensa noticiosa se desenvolver.

Capítulo 2 - Jornalismo

2.1 Origem do jornalismo

Não há consenso acerca das origens do jornalismo. Há quem diga que começa desde cedo aparecer, logo na antiguidade. Outros atribuem a sua origem aos séculos XVIII e XIX, quando os jornais já começam a ter características próprias, como por exemplo atualidade e a publicidade. Alejandro Pizarroso Quintero diz que existem três grandes opiniões sobre a origem do fenômeno jornalístico. A primeira remonta à Antiguidade, uma vez que a partir daqui já havia uma necessidade de troca de informação. Outra opinião é que esse mesmo fenômeno se desenvolveu na Modernidade, quando surge a tipografia e a expansão da imprensa na Europa, embora “tenha como antecedente imediato as folhas noticiosas volantes manuscritas e impressas que surgiram entre a Baixa Idade Média e o Renascimento” (Quintero, citado em Sousa, p.4). Uma terceira opinião sobre o aparecimento do fenômeno do jornalismo remota ao século XIX. Isto porque começam a aparecer dispositivos técnicos, como as impressoras, que facilitavam a massificação dos jornais e também porque se inventaram dispositivos auxiliares que permitiam a transmissão da informação à distância.

Desta forma, para Sousa (2008, p.7) pode dizer-se que em termos históricos aquilo que veio a contribuir para fixar a matriz do que viria a ser o jornalismo proveio dos antigos gregos. A retórica, associada à política e ao direito, a literatura, a historiografia e os relatos geográficos e etnográficos foram alguns dos contributos, dos gregos, para a fixação dos valores e formas de agir dos jornalistas, bem como para a definição dos formatos e dos contributos jornalísticos, ou seja, para a fixação das estruturas típicas das matérias jornalísticas e dos temas abordados pelo jornalismo. Para o autor, as *Actas Diurnas*, conhecidas igualmente por *Actas Pública*, *Actas Urbanas* ou *Diurnálias*², foram as primeiras, no mundo, a surgir com características dos modernos jornais e que contribuíram para a natureza do jornalismo. Herando Cuadrado (citado em Sousa, 2008, p. 34) conclui que “o primeiro exemplo seguro do jornalismo na história da humanidade, ainda que (...) não reúna todas as características que se exigem (...) aparece em Roma. O enorme desenvolvimento político, social, económico, territorial (...) provoca o nascimento e a utilização dos meios de comunicação dos quais uma comunidade organizada e evoluída não pode prescindir”. Dessa forma, naquela altura, com as técnicas disponibilizadas, pretendia-se “satisfazer as necessidades dos governantes, dando a conhecer à população as suas decisões, manter informados os procônsules (...) e alimentar a curiosidade de uma numerosa classe

² Estas actas surgiram na Roma antiga.

dominante que necessitava da notícia e incluso da bisbilhotice” (Herando, citado em Sousa, 2008, p.34). Após esta análise talvez seja interessante equipararmos as características das *Actas Diurnas* e vemos as que permaneceram nos jornais contemporâneos. Permaneceu a: 1. Periodicidade mais ou menos regular; 2. Frequência da publicação; 3. Conteúdos multifacetados de carácter noticioso; 4. Difusão pública da informação; 5. Difusão à distância; 6. Uso de diferentes para a mesma mensagem; Iniciativa editorial do estado e também de particulares. (Sousa, 2008, p.43).

Entre os finais do século XIV e meados do século XVI, onde se situa o período renascentista, há um desenvolvimento cultural e social marcado por diversos fenómenos. Nomeadamente a consolidação do comércio e da burguesia, a instituição das primeiras universidades, o desenvolvimento da indústria do papel e começa a desenvolver-se uma atitude sociocultural que promovia o cultivo das artes e o apego ao conhecimento (Sousa, 2008, p. 56). Estes fenómenos, segundo este autor, permitem uma melhor compreensão das condições que favoreceram a crescente difusão de livros e publicações, manuscritas e impressas, apoiadas sobretudo pela tipografia de Gutenberg. Nesta época é também importante a importância que a cultura escrita começa a ter.

Poderíamos, obviamente, enumerar outros períodos que conduziram ao nascimento do jornalismo. Contudo, foi no século XVII ou a partir deste que se começa a falar num jornalismo moderno. No século XVII a Europa encontrava-se politicamente dividida e a sociedade, sujeita a transformações, instabilidade e mudanças, necessitava de informação. Dessa forma, a recetividade de notícias e matéria-prima informativa sustentaram o aparecimento dos primeiros jornais eminentemente jornalísticos, os quais se designavam por gazetas³. Na sua origem, as gazetas correspondiam “a uma evolução do conceito “livro noticioso” para uma publicação mais frequente, muito menos volumosa, de menos custo e com notícias mais atuais” (Sousa, 2008, p.75).

Já o século XVIII, marcado pelo Iluminismo, é um século de fixação e ampliação do processo jornalístico, visto que a necessidade de divulgação de informação à sociedade aumentava. Essa necessidade de informar pode dever-se à criação dos cafés e espaços de debates onde se contestavam temas como a política, economia, literatura e de carácter científico, que contribuíram para a criação do espaço público. De acordo com Habermas (citado em Sousa, 2008, p.89) com o aparecimento desse espaço público começa-se a falar dos conceitos de público e privado. Inicialmente, o conceito de espaço público era considerado por Habermas o espaço onde se formavam opiniões e decisões políticas e onde se justificava o exercício do poder. Para Jorge Pedro Sousa (2008, p. 90), inicialmente “concretizava-se na vida social, nos debates racionais sobre política, economia, assuntos militares, literatura e artes que ocorriam nos cafés, clubes e

³ Nome que deriva da moeda veneziana “gazeta”, quantia paga para se ouvirem as notícias das folhas volantes e dos primeiros jornais em atos de leitura. (Sousa, 2008, p.75)

salões (...) era um espaço público “físico””. Contudo, com a expansão da imprensa passou-se a transmitir para os jornais e revistas os debates que antes se faziam nesses espaços. A imprensa torna-se, então, a primeira instância conciliadora na figura do espaço público.

Relativamente aos jornais, no século XVIII, tinham ainda um acesso restrito, começando já a ganhar dimensão e conquistando novos públicos. Na Europa o jornalismo começa a desenvolver-se e a ter rápidos progressos. A imprensa, por sua vez, ganhava várias proporções e era bastante diversificada, pelo que as publicações tornavam-se noticiosas, eruditas e de difusão pública, com carácter económico, político, moral e de crítica social. Contudo, e apesar deste progresso no jornalismo, havia ainda jornais que mais do que noticiosos eram de carácter propagandista. Desta forma, o jornalismo do século XVIII “demonstrou vigor à Europa (...) ofereceu um veículo para a expressão de notícias e da cultura burguesa da época e estimulou crenças uniformes no espaço continental” (Sousa, 2008, p. 95). Nesta época, o jornalismo era particularmente um produto concebido por donos de tipografias, não havendo ainda uma distinção ou uma certeza sobre o que era um jornalista. O jornalista era assim “um cidadão que fazia notícias” ou “um cidadão que escrevia sobre política” (Sousa, 2008, p. 97). Não havia uma especificação para o jornalista, não possuía características diferentes dos outros cidadãos.

No século XIX ocorreram diversas transformações, nomeadamente na sociedade ocidental. Ocorreu também uma transfiguração da imprensa e das relações entre o jornalismo e a política. Nas primeiras décadas o jornalismo até então dominante, político e de “partido”, converteu-se numa nova espécie de espaço público, onde se discutiam ideias e ideais governamentais. Mas nem só. Os espaços públicos começaram também a expandir-se e a contar com mais participantes. Jorge Pedro Sousa (2008, p.105) diz que “o século XIX foi o século de entrada da imprensa jornalística na contemporaneidade (...) da expansão das ideias liberais e do espírito burguês a que se associava a ideia de liberdade de imprensa”. Com isto, desenvolveu-se a chamada imprensa política, a chamada “imprensa de elites e para as elites alfabetizadas e envolvidas no combate político e ideológico, uma imprensa cara, inacessível aos cidadãos comuns” (Sousa, 2008, p. 105). Na primeira metade do século XIX predominou na Europa a imprensa política, enquanto nos EUA começavam a surgir jornais com carácter noticioso, mais baratos, independentes - quanto à política - com discursos acessíveis.

Já nas duas últimas décadas do século XIX surgiu uma nova modalidade no jornalismo, nomeadamente os jornais populares. Denominada de “Novo Jornalismo”, esta nova instância trouxe consigo novas características, como o preço, que era mais baixo; a linguagem era mais acessível; destacava-se por dar mais atenção aos títulos, às fotografias, ao texto e ao design; introdução de temáticas populares - desporto, corrupção, crime, entre outras -; começou-se a dar destaque ao jornalismo de investigação; inclusão de publicidade sofisticada e atraente; recurso intensivo à reportagem e entrevista; gestão comercial e inovação tecnológica; aposta na profissionalização.

Quando deu entrada o século XX, a imprensa, sobretudo a imprensa popular europeia, vivia numa época de radicalização do discurso. A história da imprensa no século XX teve ainda um outro marco importante: a ascensão das revistas. O seu formato proporcionou-lhe o sucesso, visto que facilitava a sua publicação.

Nesse mesmo século, e nos finais dos anos noventa, apareceu no Ocidente uma nova corrente jornalística, conhecida por jornalismo cívico ou jornalismo público, uma corrente que “preconiza um maior envolvimento dos jornalistas nas suas comunidades e com o público dessas comunidades” (Sousa, 2008, p. 192). Contudo, ocorreram outras transformações no jornalismo. A imprensa generalista diária foi perdendo leitores, por causa da expansão da rádio, televisão e mais tarde da internet. A profissão de jornalista vulgarizou-se e rejuvenesceu-se. O nível de formação dos jornalistas aumentou, devido à criação de cursos superiores nessa área. Outro fenómeno foi a feminização da profissão, visto que cada vez mais mulheres procuravam a área da comunicação, do jornalismo. O negócio do jornalismo começava a concentrar-se e a globalizar-se formando fortes grupos mediáticos internacionais e nacionais. (Sousa, 2008, pp. 192, 193, 194, 195).

Desta forma, podemos concluir que o jornalismo enquanto processo de recolha, processamento e difusão de informações noticiosas tem raízes profundas na Antiguidade. Podemos também concluir que o processo jornalístico foi-se formando com base na imprensa. Ao longo dos tempos a imprensa foi-se alargando, introduzindo o fotojornalismo, a infografia e o design. Mas não foi só a imprensa, ou a ideia de imprensa que se traduz naquilo que é o jornalismo. Começaram a desenvolver-se outros suportes jornalísticos, a rádio, a televisão e também a internet. E apesar da modificação dos modos de produção, difusão e adaptação da informação o jornalismo continua a definir-se “pela produção de informação por jornalistas. (...) o ecossistema jornalístico formou-se por fenómenos de acumulação, interação e adaptação” (Sousa, 2008, p.258). Atualmente não há apenas um jornalismo. Há diferentes jornalismo, dependendo da política dos estados, da cultura, da ideologia, dos públicos. Dependendo também daquilo que agora é, ou pode ser, o jornalismo. Em que o jornalismo “industrial e profissional taylorista está a ser desafiado pelos jornais, rádios e televisões on-line, pelos sistemas de autoria coletiva e pelo “jornalismo dos cidadãos”, pelos weblogs, alguns dos quais “artesaniais”, feitos por não profissionais” (Sousa, 2008, p. 259).

A evolução do jornalismo pode estar associada a processos de segmentação e competição, que “proporcionaram uma paisagem jornalística diversificada e em constante inovação, em que se procuravam satisfazer necessidades e interesses informativos de cada segmento do mercado” (Sousa, 2008, p. 259). Na história do jornalismo, Habermas diz que esta se pode distinguir pelo modo dominante de produção jornalística, por questões ligadas ao poder e controle sobre o jornalismo e à interação entre jornalismo e vida pública, onde devem ser consideradas diferentes épocas na história do jornalismo. A época da imprensa noticiosa rudimentar, correspondendo dos

séculos XV ao XVII. A época dominada pela primeira imprensa política, desde o século XVIII até à primeira metade do século XIX em que o jornalismo estava ligado à forte atividade de discussão de ideias e política ocorridas em salões literários e cafés. Fala também da época dominada pela primeira imprensa opinativa, outra dominada pela imprensa de ‘partido’ e da época dominada pelo jornalismo profissional, caracterizada pela profissionalização dos jornalistas. (Sousa, 2008, pp. 261, 262).

Em suma, e como nos diz Jorge Pedro Sousa, pode dizer-se que o jornalismo vai buscar a sua origem mais remota aos tempos imemoriais em que os seres humanos começaram a transmitir informações e novidades e a contar histórias, quer por uma questão de necessidade - visto que nenhuma sociedade, mesmo as mais primitivas, conseguiu sobreviver sem informação - quer por entretenimento, quer ainda para a preservação da sua memória para gerações futuras. (Sousa, 2002, p.5). Com a invenção da escrita, e depois do papel, começa-se a transmitir essas informações e histórias de forma mais fiel, verdadeira.

No século XIX começa-se assistir à expansão do jornalismo, tal como a expansão da imprensa. Mas é a partir do século seguinte que este começa a ter mais visibilidade, graças ao surgimento de novos meios de comunicação social, tais como a rádio e a televisão. Tal como refere Néelson Traquina, o jornalismo tal como o conhecemos, tem origem no século XIX. Diz ainda que foi durante o século XIX que se verificou o desenvolvimento do primeiro *mass media*, a imprensa. Além disso, a expansão dos jornais, nesse mesmo século, permitiu que se chegasse a um novo objetivo, o de fornecer informação (Traquina, 2005, p.34).

2.2 O jornalismo no caso Português

Em Portugal, o jornalismo surgiu com a junção de três fatores que para José Tengarrinha são “o progresso da tipografia, a melhoria das comunicações e das relações postais e o interesse do público pela notícia”. Isto mostra que de facto o jornalismo em Portugal não foi muito diferente daquilo que se registou em outros países. Contudo, o processo de desenvolvimento da própria imprensa não alcança o ritmo obtido nos outros países. Como refere Sofia Santos (2007), no século XVI o “jornalismo português - centrado nos grandes centros populacionais - registava um grande atraso face a outros países europeus”. Esta situação deve-se, ainda no entender da autora “à técnica rudimentar, à falta de atualidade e rigor das notícias, a uma circulação restrita, a um preço elevado e também à censura régia e inquisitorial”. Só em 1820, com a Revolução liberal, é que Portugal começou a ter condições para desenvolver a prática do

jornalismo. Foi também a partir de então que se cria a primeira Lei da Imprensa⁴. Desta forma, José Tengarrinha (citado em Santos, 2007) explica que em Portugal a evolução do jornalismo passou por três fases diferentes. Numa delas, o jornalismo era eminentemente noticioso (mesmo com tendências políticas), outra fase passa pela chamada imprensa romântica ou de opinião e por fim, a terceira fase, sujeita à organização industrial da imprensa onde o jornal tem de procurar o público, ajustar-se a ele, adivinhar-lhe os gostos, ir ao encontro da sua mentalidade.

Recuando no tempo, e tal como já vimos, o século XVII trouxe, tanto para outros países da Europa como para Portugal, a novidade do jornalismo periódico. A necessidade de propagar a Restauração da Independência que começa a circular no nosso país o primeiro jornal periódico, a *Gazeta*. Essa primeira gazeta, intitulada *Gazeta em Que Se Relatam as Novas Todas Que Houve Nesta Corte e Que Vieram de Várias Partes no Mês de Novembro de 164*, foi publicada em Lisboa (Sousa, 2008, p4). A segunda publicação que surgiu em Portugal foi o *Mercúrio Português*.

No século XIX o jornalismo português começa a ser afetado pelas ocorrências que agitaram a Europa, desde a Revolução Francesa (1789). A imprensa nesse século viveu assim sob a reação do Antigo Regime à Revolução Francesa e às ideias que esta tinha. Aliás, no início do século XIX, ainda existia Inquisição em Portugal, daí que a censura tivesse atrasado a expansão da imprensa. Contudo, com o aparecimento do Diário de Notícias, em 1865, o jornalismo português entra na modernidade. Acaba-se com a imprensa opinativa ou partidária, designada também por imprensa de partido (party press), que por vezes era o conjunto de notícia e opinião, e começa a ir ao encontro da profissionalização dos jornalistas portugueses.

É certo que se começa a partir deste século a notar-se uma rápida expansão do jornalismo noticioso objetivo, neutro e independente, mas que trouxe várias consequências, como (Sousa, 2008, p.43):

1. A rápida expansão do número de jornalistas profissionais, de perfil técnico;
2. A divisão de trabalho nas redações e a fixação de uma hierarquia profissional (diretor; editor - corresponsável pelo conteúdo à luz da Lei de Liberdade de Imprensa; secretário de redação; redatores; repórteres; informadores);
3. A fixação do vocabulário específico e das competências e conhecimentos técnicos associados à profissão;
4. A diferenciação entre o “estilo literário, erudito ou persuasivo” e o “estilo jornalístico”;
5. A fundação de organizações de classe, como as associações de jornalistas de Lisboa e Porto, que seriam o embrião do sindicalismo jornalístico;
6. A mobilidade dos jornalistas entre os órgãos de comunicação social para ascenderem profissionalmente;

⁴ Naquela altura designada por Carta-de-Lei de 4 de Julho de 1821, que foi substituída em 1910 aquando da Implantação da República por uma nova Lei da Imprensa (Santos, 2007, p.15).

Ao longo do século XIX, começaram a aparecer vários jornais regionais e locais, alguns de feição política, outros de orientação político-noticiosa e noticiosa (Tengarrinha, citado em Sousa, 2008, p.45). Também será interessante referir a aparição de jornais operários a partir do início da segunda metade do século XIX, como *A Federação*, *O Protesto Operário*, *O Pensamento Social*, *A Voz do Operário* e *A Sementeira*. A grande característica deles é que eram jornais mais opinativos do que noticiosos e “todos visavam a adesão do operariado às lutas pela melhoria das condições salariais e profissionais e pela proteção social” (Sousa, 2008, p46).

No século XX, Sousa (2008, p. 50) diz-nos que o jornalismo português começou sob o signo da intensificação da censura à imprensa e da repressão sobre os jornalistas e jornais que desafiavam o poder, em particular sobre os republicanos. Até 25 de Abril de 1974, no governo de Salazar e posteriormente de Marcelo Caetano, manteve-se a censura à imprensa e a repressão sobre os que procuraram desafiar o Estado Novo. Sousa (2008, p. 60) refere que as dificuldades para o jornalismo durante o Estado Novo não eram apenas relativas à censura e a medidas repressivas como a suspensão de publicações, apreensão de exemplares, multas e mesmo a prisão para jornalistas, editores e vendedores. Havia outros impedimentos que traziam entraves à prática do jornalismo. O sucesso da Revolução desencadeada pelo Movimento das Forças Armadas, a 25 de Abril de 1974, permitiu a recuperação da liberdade de imprensa em Portugal.

2.3 As Teorias do Jornalismo na construção das notícias

No século XIX ocorreram mudanças fundamentais na história do jornalismo. No livro de Nélson Traquina sobre as Teorias do Jornalismo encontramos essas mesmas mudanças. Começamos pela industrialização da imprensa, a sua enorme expansão e o nascimento de um mito - “Quarto Poder”. Surge também um novo paradigma no jornalismo, onde a imprensa é concebida de um modo diferente passando a fornecer principalmente factos e não opiniões, ou seja, passou de uma imprensa que se destinava à propaganda para uma imprensa de informação. Uma outra mudança ocorre com a emergência de um campo jornalístico que se associava ao campo político para conquistar uma “autonomia relativa” em que um número crescente de pessoas ganham a vida a fazer um trabalho e desenvolvem técnicas específicas, um saber especializado, aquilo que é notícia e uma identidade profissional. É também no século XIX que se começa a instituir a definição de dois polos dominantes no campo jornalístico moderno: o polo económico, em que as notícias são a mercadoria de um negócio cada vez mais lucrativo. Por outro lado, o polo ideológico ou intelectual, que ao identificar a imprensa como elemento fulcral da teoria democrática, o jornalismo passa a ser entendido como um serviço público “em que as

notícias são o alimento de que os cidadãos precisam para exercer os seus direitos democráticos” (Traquina, s/d, p.126).

Depois de muitos estudos sobre o jornalismo, Traquina (s/d, p.146) considera ser possível estabelecer algumas teorias sobre o conceito. De forma breve apresentaremos essas teorias, para que melhor as possamos compreender. Uma dessas teorias é a Teoria do espelho, onde basicamente as notícias são vistas como o espelho da realidade, consoante a ideologia profissional clássica dos jornalistas. Em termos académicos, pode considerar-se que a primeira teoria no campo do jornalismo foi a Teoria da ação pessoal ou do *gatekeeper*. David Manning White foi o principal teórico da Teoria do *gatekeeper*, onde estudou o fluxo das notícias dentro de empresas jornalísticas. Aqui, o processo de produção de informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates* que nada mais é do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não. Pode-se então falar no conceito de “seleção” que advém desta teoria, em que o processo de produção das notícias tem uma visão mais limitada. Portanto, a teoria do *gatekeeper*, subentende que as notícias são como são porque os jornalistas assim as determinam. Daí que analise as notícias apenas a partir de quem as produz, o jornalista.

Por parte de Warren Breed surge uma nova teoria, a organizacional. Alarga-se a perspetiva teórica, passando do âmbito individual para uma visão mais alargada, a organização jornalística. Aqui, o trabalho jornalístico depende dos meios utilizados pela organização para a qual trabalha. Segundo esta teoria “as notícias são o resultado de processos de interação social que têm lugar dentro da empresa jornalística e “o trabalho jornalístico é influenciado pela importância do fator económico” (Traquina, s/d, p. 157, 158). Outra das teorias apresentadas é a teoria da ação política, em que as notícias são como são devido aos interesses políticos e ideológicos. Nas teorias da ação política os media são vistos de uma forma instrumentalista, ou seja, servem sobretudo alguns interesses políticos. Esta teoria defende que “a posição de que as notícias são distorções sistemáticas que servem os interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos que utilizam as notícias na projeção da sua visão do mundo, da sociedade, etc” (Traquina, s/d, p.163).

Na teoria construcionista, as notícias fazem parte da construção social. Esta teoria, adaptada ao jornalismo nos anos 70, opõe-se à Teoria do Espelho, por diversos motivos. Traquina enuncia-os: a impossibilidade de estabelecer uma distinção radical entre realidade e os meios noticiosos que devem refletir essa realidade; a inexistência de uma linguagem neutral; a influência de fatores organizacionais, orçamentais e à imprevisibilidade dos acontecimentos. A notícia como construção não é ficção, aliás para Schudson (citado em Traquina, s/d, p. 169) as notícias não são ficcionais mas sim convencionais. O que os teóricos do construcionismo, como Gaye Tuchman, Schudson, Bird, Dardenne e Hall tentam explicar é que a notícia deixa de ser um simples relato e passa a ser considerada como uma construção. Na perspetiva da teoria

estruturalista as notícias são produtos socialmente construídos. Um dos principais estudos desta teoria é o de Stuart Hall em que “os media, embora involuntariamente, e através dos seus próprios ‘caminhos autónomos’ têm-se transformado efetivamente num aparelho do próprio processo de controlo” (Traquina, s/d, p. 175). Ainda relativo a este estudo, as notícias são produtos resultantes de diversos fatores como: a organização burocrática da media; a estrutura dos valores-notícia; o momento da construção de valores, ou da notícia. Por fim, e de forma breve, na teoria interaccionista as notícias são o resultado de um processo de produção e os jornalistas passam a ter um papel ativo na construção da realidade. Tanto esta teoria como a teoria estruturalista têm conclusões semelhantes. Para ambas, a conexão entre fontes e jornalistas faz das notícias uma ferramenta importante.

2.4 Mas, afinal, o que é o jornalismo?

2.4.1 Características do jornalismo: conceito, definições, valores-notícia

Depois de uma breve passagem sobre a história do jornalismo tanto geral como em Portugal, interessa agora focarmo-nos naquilo que realmente é o jornalismo. Quais os seus significados contando com as contribuições de historiadores, sociólogos e professores. Desta forma, após as revoluções liberais associa-se o jornalismo à democracia, aos interesses do público e à procura da verdade. Hoje o jornalismo tornou-se um “elemento dominante na construção de uma experiência pública comum e na formação de um consenso sobre o que é real e importante” (Schudson 2003, citado em Caleiro 2005, pp. 62, 63). Já Grisprud (2000, p.294) define como “objetivo central do jornalismo a produção e distribuição de informação séria e o debate dos principais assuntos sociais, políticos e culturais”. Basicamente, o jornalismo transforma um acontecimento em informação, tendo em conta os chamados “valores-notícia”. O jornalismo funciona, assim, como mecanismo de produção e reprodução, como construtor da realidade, através do discurso produzido (Wolf, 1987 citado em Lopes, s/d, p.4). É igualmente considerado um sistema produtivo de mensagens, caracterizado pela produção consistente e rápida difusão dessas mensagens, destinadas a um público vasto, heterogéneo, anónimo, disperso (Lopes, s/d, p.4)

Embora haja estudos sobre a origem do jornalismo, o que é e aquilo a que diz respeito, não podemos atribuir-lhe uma única definição ou seguir uma linha sobre o que realmente é.

Assim, o jornalismo, segundo o que nos diz Correia (2009, p.5) refere-se a objetos, pessoas e estados de coisas do mundo que têm um valor relevante e atual. Ou seja “atuais, no sentido em que se realizaram normalmente há pouco tempo e transportam alguma espécie de urgência no seu conhecimento” (Correia, 2009, p.5). Por outro lado, o jornalismo identifica-se como relevante na medida em que as notícias “repercutem sobre o mundo da vida das audiências” (Correia, 2009, p.5). Não é, com certeza, fácil definirmos, em concreto, o que é o jornalismo, até porque a nosso ver não lhe podemos atribuir um significado concreto. Para Jorge Pedro Sousa, o jornalismo “corresponde à atividade de divulgação mediada, periódica, organizada e hierarquizada de informações com interesse para o público” (Sousa, 2006, p.53). Mas, a nosso ver, consideramos que o significado lato da palavra nos remete para uma profissão, ou uma área, em que se trata especialmente de notícias e divulgação de informação. Aliás, numa simples pesquisa no Google encontramos a palavra jornalismo associada à atividade profissional que consiste em lidar com notícias, dados factuais e divulgação de informações. Define-se também como a prática de coletar, redigir, editar e publicar informações sobre eventos atuais.

2.5 O jornalismo e os valores-notícia

Neste processo de entender o que é o jornalismo, será também importante e necessário falarmos dos valores-notícia, elementos fundamentais da cultura jornalística. Não são mais do que “acessórios”, “guiões”, que estão presentes ao longo do processo de produção jornalística, que vão desde da recolha à apresentação da informação. “Os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, um assunto, é suscetível de se tornar notícia” (Traquina, 2002, p.173). Mauro Wolf define a noticiabilidade como “o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que selecionar as notícias” (Wolf, 1987, p.173). Numa primeira tentativa de se explicar ou identificar esses valores-notícia, nos anos 60 Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge (citado em Correia, 2011, p.149) enumeraram alguns critérios de noticiabilidade, ou valores-notícia, São: 1) a frequência ou intervalo de tempo - tem a ver com a existência de uma espécie de sintonia entre a frequência do acontecimento e a periodicidade jornalística; 2) a amplitude - que diz respeito à dimensão e intensidade de um acontecimento. Desta forma, quanto maior for a amplitude desse acontecimento, maior será a sua divulgação; 3) clareza - o acontecimento a transmitir será de ser unidimensional, apenas com um significado; 4) significância - este critério resulta da junção da proximidade e relevância. Quanto maior for a proximidade cultural com o auditório e quanto mais relevante for o acontecimento, maior será o seu impacto; 5) a consonância - diz respeito à capacidade de inserir uma ‘nova’ ação numa ‘velha’ definição. Este valor-notícia está ligado à pré-imagem mental, em que os acontecimentos

que se desviarem das expectativas existentes não serão registados; 6) o inesperado - uma ocorrência inesperada tem mais probabilidade de ser escolhida para notícia; 7) a continuidade - quando um acontecimento atinge os cabeçalhos e é definido como notícia, continuará a ser definido como notícia durante algum tempo, mesmo que a amplitude seja drasticamente reduzida; 8) composição - os acontecimentos são escolhidos de modo a constituir um todo equilibrado; 9) a referência a nações de elite - neste critério, quanto mais um acontecimento diga respeito às elites mais probabilidade tem de ser representado; 10) a referência a pessoas de elite; 11) personificação - as notícias têm tendência para apresentar os factos como protagonizados por um sujeito, assim o acontecimento é visto como uma consequência da ação das pessoas; e 12) a negatividade - este critério tem a ver com o impacto, uma vez que as más notícias, perante o público, têm mais impacto.

Outros autores, como Nélson Traquina, Mauro Wolf, Ericson, Baranek e Chan apresentam também listas de valores-notícia. Correia (2011, p.152) e Sousa (2001, p.41) explicam que Mauro Wolf define cinco critérios de valores-notícia: 1) critérios relativos ao conteúdo, relacionado com a importância e interesse das notícias; 2) critérios relativos ao produto, que tem a ver com a disponibilidade das informações e com as características do produto informativo; 3) critérios relativos à disponibilidade de materiais, os quais dizem respeito à forma como os acontecimentos são possíveis de ser tratados consoante as ferramentas disponíveis; 4) critérios relativos ao público, relacionados de certa forma com aquilo que o público deseja; 5) critérios relativos à concorrência, relativos à competição pelos exclusivos. À semelhança de Wolf, Traquina (citado em Correia, 2011, p.153) faz referência a dois tipos de critérios, que se traduzem em valores-notícia de seleção e de construção. Os últimos autores acima mencionados indicaram valores-notícia como a simplicidade, a dramatização, a continuidade, consonância, o inesperado e a infração.

Os valores-notícia de seleção, que estão divididos em dois grupos: os critérios substantivos e os critérios contextuais de produção de informação. Os critérios substantivos “articulam-se, essencialmente, em dois fatores: a importância e o interesse da notícia”. Em que a importância pode ser determinada por quatro variáveis: “1) Grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável (...) 2) Impacte sobre a nação e sobre o interesse nacional (...) 3) Quantidade de pessoas que o acontecimento envolve (...) 4) Relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação” (Wolf, 1987, pp.178 a 182). Aos critérios contextuais de produção de informação podem associar-se a disponibilidade; o equilíbrio; visualidade; e concorrência. É com base nos valores-notícia, e com a junção deles, que o jornalista vai selecionar um acontecimento e torná-lo notícia.

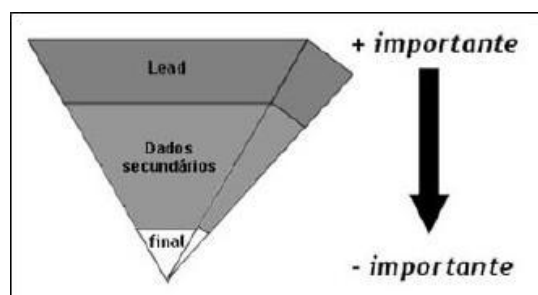
2.6 Géneros jornalísticos

Praticamente, quando nos referimos a géneros jornalísticos falamos em notícia, entrevista, reportagem, crónica, editorial, opinião. Contudo, nem sempre é fácil distinguir, no meio de comunicação, cada um deles uma vez que todo o trabalho jornalístico pode estar centrado ou pode ser considerado como notícia.

2.6.1 Notícia

A notícia segundo Daniel Ricardo (citado em Gradim, 2000, p.57) tem como características a veracidade, atualidade, e capacidade de interessar. A notícia pode, de certa forma, ser tudo aquilo que um jornal publica. Para Gradim (2000, p.57) a notícia refere-se a textos de carácter informativo, um quanto curtos, claros, diretos, breves e elaborados de acordo regras de estruturação definidas: título, lead, construção por blocos e pirâmide invertida. Em jeito de resumo, o título anuncia o texto jornalístico e é aquilo que o leitor apreende em primeiro lugar. O título de uma notícia, reportagem, ou outro género jornalístico, tem de ser concreto, atrativo e estar relacionado com aquilo que o jornalista redige logo de seguida. O lead corresponde ao primeiro parágrafo da notícia e deve obedecer a seis questões: O Quê?, Quem?, Onde?, Quando?, Como? e Porquê?. Aquilo a que o jornalista deve preocupar-se quando escreve o lead é que este informe de imediato o leitor sobre o que vai noticiar. A construção por blocos é uma técnica que se assemelha à pirâmide invertida, significando que cada parágrafo funciona na notícia como uma entidade logicamente autónoma, visto que os parágrafos funcionam de forma autónoma, uns em relação aos outros. Por fim, a pirâmide invertida é a técnica mais usada na construção das notícias. Significa que depois do lead, toda a informação discriminada numa notícia faz-se por ordem decrescente quanto à importância. Assim, com a construção das notícias pela pirâmide invertida aquilo que noticiosamente é o mais importante está no topo. Vejamos, assim, o exemplo do que é a pirâmide invertida:

Figura1: Exemplo de pirâmide invertida



Fonte: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>

2.6.2 Editorial

O editorial é um texto da responsabilidade da Direção do jornal e que corresponde aos acontecimentos mais marcantes da atualidade. Considera-se como um texto de opinião, nomeadamente da opinião do jornal e sobre a cultura da empresa. É também um género jornalístico argumentativo. O editorial “saberá tomar pulso da opinião já formada, contradizê-la se for caso disso; mas ainda aperceber-se da opinião que se está formando, do clima cultural e expectativas que o seu público vive, e aí, nesse caldo de ideias ainda em formação, intervir com lucidez, inteligência e rigor” (Gradim, 2000, p.85). Quanto à extensão, o editorial deverá ser relativamente curto. De acordo com a sua tipologia, Luiz Beltrão (citado em Sousa, 2000, p.284) divide os editoriais quanto ao assunto, em que podem ser *preventivos* no sentido de se anteciparem à realidade; de *ação*, que quando acompanha uma situação, analisa as suas causas; e de *consequência*, quando procura esclarecer o leitor sobre as repercussões e consequências de um acontecimento. Quanto ao conteúdo, os editoriais podem ser *informativos*, visto que pretendem informar o leitor relativamente a um acontecimento, aclarar ideias e revelar aspetos contidos nas notícias; *normativos*, quando tentam que o leitor tome uma determinada ação; *ilustrativos*, quando a intenção é entreter o leitor e chamar a sua atenção para assuntos que normalmente lhe passam despercebidos. Relativamente ao estilo, podem ser *intelectuais*, quando este apela à razão dos leitores, convidando-o a seguir uma determinada linha de raciocínio; e *emocionais*, quando recorrem à sensibilidade, às emoções do leitor. Quanto à natureza, o editorial pode ser *promocional*, quando funciona como o editorial frequente do jornal; *circunstancial*, quando é resultado de um acaso; e *polémico*, quando resulta da necessidade de estabelecer a posição do jornal envolvido em alguma polémica.

2.6.3 Reportagem

A reportagem, enquanto género do jornalismo, considera-se como um género nobre “sublime e literalmente privilegiado” (Gradim, 2000, p.87). Não muito diferente das notícias, a reportagem tem igualmente o objetivo de informar mas, neste caso, informar com alguma profundidade, com algum pormenor, de forma a contar uma história. Contudo, a reportagem “pode abrigar elementos da entrevista, da notícia, da crónica, dos artigos de opinião e de análise, etc.” Considera-se também a reportagem como “um género jornalístico híbrido, que vai buscar elementos à observação direta, ao contacto com as fontes e à respetiva citação, à análise de dados quantitativos, a inquéritos, em suma, a tudo o que se possa contribuir para elucidar o leitor. (Sousa, 2001, p.259).

Este género jornalístico assume características particulares que são identificadas por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (citado em Sousa, 2001, p.259) como: a predominância da narração; humanização do relato; texto impressivo; e factualidade da narrativa. Basicamente a reportagem é o contar uma história, que pode ser uma história de vida, a história de um lugar, de um acontecimento.

2.6.4 Entrevista

A entrevista fornece os dados, informações, conteúdos para quase todos os géneros jornalísticos. Para Gradim (2000, p.97) a entrevista no seu sentido amplo “denomina todos os contatos com uma fonte que são efetuados pelo jornalista durante o processo de recolha de informações”. Enquanto género jornalístico, corresponde à transcrição das perguntas e respostas realizadas durante a entrevista, para a recolha de informações. Pode-se classificar as entrevistas de várias formas. Segundo Erbolato (citado em Sousa, 2001, p.236) distinguem-se quanto:

- 1) Origem: entrevistas de rotina (entrevistas do quotidiano); e entrevistas caracterizadas (entrevistas às quais os jornais dão grande destaque ou importância);
- 2) Estilo: entrevista pergunta-resposta (às perguntas do jornalista o entrevistado responde ou vice-versa); entrevista em “discurso indireto” (as respostas do entrevistado são introduzidas num texto que completa outras informações, as quais servem como citações);
- 3) Entrevistados: entrevistas individuais (feitas a uma única pessoa); entrevistas de grupo (feitas a várias pessoas);
- 4) Entrevistadores: entrevista coletiva (por exemplo as conferências de imprensa); entrevista pessoal ou exclusiva (entrevista de vários entrevistados a um único entrevistador);
- 5) Tipo: entrevista de personalidade (tem por objetivo divulgar a maneira de ser, o pensamento, a vida de uma pessoa que por norma é de uma figura pública); entrevista de declarações (procuram obter declarações de um entrevistado sobre um ou vários temas); entrevista mista (engloba aspetos da entrevista de personalidade e da entrevista de declarações); inquérito (as mesmas perguntas são feitas a vários entrevistados); mesa-redonda (corresponde à transposição das declarações de vários participantes num debate moderado pelo jornalista);
- 6) Tamanho: entrevista curta (entrevista de pequena extensão); grande entrevista (de grande dimensão que por norma é feita a uma figura pública).

2.6.5 Crónica

Por norma, a crónica é um texto que conta uma história ou se debruça sobre factos curiosos do dia-a-dia. Num jornal, o leitor encontra sempre um espaço dedicado à crónica, seja ela de carácter político, social, local, desportiva, crónica policial, crónica de um correspondente no estrangeiro, crónica de uma viagem, entre outros tipos (Sousa, 2001, p.288). Praticamente não existe regras para a realização de uma crónica, apenas corresponde a factos reais que permite ao cronista liberdade para redigir de forma criativa, com imaginação esse mesmo texto.

2.6.6 Opinião

Muitas da vezes confunde-se um texto de opinião com a crónica. A opinião é um texto onde quem o escreve expressa a sua opinião, o seu ponto de vista, relativamente a assuntos que sejam do seu interesse. Distingue-se, por exemplos, da notícia por não apresentar ao leitor informações novas ou informá-lo sobre acontecimentos, por isso o seu principal objetivo é esclarecer o leitor sobre os assuntos que escreve e também proporcionar o debate. De certa forma não há regras para escrever um artigo de opinião, no entanto, quem o escreve deve estar ciente que aquilo que diz tem que dizer algo de importante ao leitor.

2.6.7 Fait-divers/ breves

Os *fait-divers* são pequenas notícias com temas bastantes diversificados e que, por norma, os conhecemos como breves. Para Gradim (2000, p.94) enquadram-se nesta categoria os roubos, os acidentes, os casos de polícia e todos os factos suficientemente curiosos que é suscetível de originar uma notícia. O que caracteriza este género jornalístico é a sua originalidade e a curiosidade que transparece ao leitor.

2.6.8 Artigos

Por norma, os artigos têm um carácter interpretativo, explicativo e/ou persuasivo em que as peças são subjetivas e pessoais. Desta forma, os artigos não podem ser escritos de qualquer forma nem o seu tema pode ser algo feito ou escolhido ao acaso. Uma das regras para se escrever um artigo (Sousa, 2001, p.298) é abordar temas com interesse, não só para quem o escreve mas

também para o público, para o leitor. Deve igualmente ter como regra a comunicação, a expressividade e que seja cativante.

Pode falar-se ainda de artigos de opinião e artigos de análise. Um artigo de opinião pretende, sobretudo, opinar para convencer. Preocupam-se em constituir um debate de ideias, não se focam tanto na divulgação de informação. Considera-se um artigo de análise quando, o artigo, procura explicar, debater e interpretar um facto ou ideias que sejam da atualidade. Neste tipo de artigo, a explicação sobrepõe-se à persuasão.

2.6.9 Fotolegendas

As Fotolegendas dizem respeito sobretudo à junção entre a fotografia e um texto. Este funciona como uma espécie de legenda para a fotografia, mas tanto a fotografia como o texto beneficiam de uma relação de complementaridade e interdependência que a tornam uma unidade autónoma (Sousa, 2001, p.296). De certa forma, o texto pode assumir várias funções na fotolegenda: a função de ancoragem, já que ajuda a atribuir um determinado significado à fotografia; função de complemento, já que complementa informativamente a fotografia; função de atenção, isto porque com o texto há uma chamada de atenção que algum pormenor da fotografia que possam ser despercebidos pelo leitor. Contudo, não se pode confundir a legenda de uma fotografia com a fotolegenda. A legenda, por norma, costuma ser um pequeno texto, por vezes uma única frase que se coloca na base da fotografia.

Capítulo 3 - Cultura

3.1 Definições, conceitos e origem do termo cultura

Falar de cultura implica conhecer os vários sentidos e definições que lhe foram atribuídos por diversos autores ao longo de vários estudos. Primeiramente, e antes de partirmos para essas definições, podemos esclarecer que a palavra cultura deriva do latim *cultus*, do verbo *colere*. Este último pode ter diversos significados, como cuidar, praticar, ocupar-se de, respeitar, proteger e vigiar. Inicialmente a palavra cultura surge como significado de cultivo, cultura dos campos.

A cultura, e o seu estudo, são tão complexos que, a nosso ver, não se pode apenas referir uma única definição. Este conceito alarga-se a mais de uma centena de significados, definições e/ ou interpretações, identificados por Alfred Kroeber e Clyde Kluckhohn, em 1952. Este último tentou então sintetizar os vários conceitos atribuídos à palavra cultura. Para tal, o autor indica que ‘cultura’ se pode definir como:

- 1) o modo de viver de um povo na sua globalidade; 2) a hereditariedade social que um indivíduo adquire no seu grupo de pertença; 3) uma maneira de pensar, sentir, crer; 4) uma abstração derivada do comportamento; 5) uma teoria elaborada pelo antropólogo social sobre o modo como efetivamente se comporta um grupo de pessoas; 6) a globalidade de um saber coletivamente possuído; 7) uma série de orientações generalizadas relativamente aos problemas aos problemas recorrentes; 8) um comportamento aprendido; 9) um mecanismo para a regulação normativa do comportamento; 10) uma série de técnicas que permitem a adequação, quer ao ambiente circundante, quer aos outros homens; 11) um aglomerado de história, de um mapa, de uma peneira, de uma matriz. (Crespi, 1997, p.13).

Estes significados, atribuídos por Alfred Kroeber e Clyde Kluckhohn, podem agrupar-se em dois grupos distintos. Por um lado, podemos atribuir-lhe uma conexão mais restringida. Por outro, podem ser agrupados em algo mais vasto. Ou seja, enquanto o primeiro nos pode levar a uma dimensão mais subjetiva - a forma como o grupo organiza o seu conhecimento - o segundo pode conduzir-nos a um carácter mais objetivo - abrangendo todo o conjunto ou formas que são transmissíveis. Assim, e segundo Franco Crespi, o primeiro grupo onde podemos agrupar as definições dadas sobre cultura corresponde a critérios como “modos de pensar, sentir, crer; orientações estandardizadas; mecanismos de regulação do comportamento, etc.” (Crespi, 1997 p.13). Já no segundo grupo correspondem questões relacionadas com a “hereditariedade social, depósito do saber, das técnicas, composto de história, superfície geográfica” (Crespi, 1997 p.14).

O certo é que o termo «cultura» parece significar variadíssimas coisas. Pode ter uma série de discursos diferentes. E é certo que não existe uma concordância sobre aquilo que pode constituir a história da cultura muito menos sobre aquilo que está envolvido no termo. Por isso mesmo, não podemos, na nossa maneira de ver, nem conseguimos, atribuir-lhe uma definição fixa, muito menos quando os contextos são diferentes. Contudo, o seu conceito é “história: os seus sentidos e usos estabelecidos resultam do seu uso dentro de vários discursos”. (Hartley, 2004, p.62). De uma maneira geral, e também com aquilo que nos deparamos no dia-a-dia, o termo aqui referido, no seu sentido mais lato, pode ir de encontro à aceção protagonizada e formulada por Edward B. Tylor, quando diz que cultura é todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos outros hábitos e capacidades que o Homem adquire enquanto membro de uma sociedade.

Com a afirmação do Iluminismo, em meados do século XVIII, o termo cultura alargou, ainda mais, o seu significado. Passou então a integrar um património de conhecimentos e valores formativos ao longo da história da humanidade. Ora, esta alteração do conceito, passou de algo relacionado com a “formação de espírito” para um conceito relacionado com o conjunto “objetivo de representações, modelos, comportamentos, regras, valores” (Crespi. 1997, p.16).

Já contamos aqui com várias interpretações sobre o significado atribuído à cultura. A palavra pode ser considerada, segundo Edgar Morin (1997, p.75) uma “armadilha” ao contrário de “firme”, como realmente deveria ser. O mesmo autor atribui-lhe ainda três sentidos que nos podem levar à sua definição. Assim, enquadra-a no sentido antropológico, que diz respeito a tudo que não corresponde aos comportamentos naturais; o sentido etnográfico, que engloba as crenças, os valores, normas e formas de comportamento que passam de geração em geração; por fim, associa a cultura às orientações das humanidades, à qual o autor atribui um sentido que vai de encontro às humanidades clássicas (Morin, 1999, p.75).

Sem dúvida que numa primeira abordagem sobre o que pode significar cultura, a ideia que temos é que diz respeito aos conhecimentos, valores, crenças, rituais, que se transmitem de geração em geração. Jorge Pedro Sousa entende a cultura como “uma herança não genética do Homem”. Ou seja, tudo aquilo que não é próprio da natureza do Homem é, então, aquilo que se adquire, constrói, transmite que se produz e reproduz e “altera-se por meio da comunicação, seja ela mediática, organizacional ou interpessoal” (Sousa, 2006,) Portanto, e segundo aquilo que entendemos dentro da linha de pensamento de Jorge Pedro Sousa, tudo aquilo que associamos à cultura pode ser formatado, como os valores, as crenças, os gostos, dependendo da cultura onde estamos inseridos. A cultura pode, e é, nada mais do que o “conjunto variado de modos de fazer e proceder e de rituais que se pretende alcançar, nas diferentes situações, consoante as exigências colocadas pelas diversas estratégias nas situações sociais concretas” (Crespi, 1997, p.80). Não muito distante da nossa maneira, e da dos autores até então apresentados, de

classificar ou entender a cultura, a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, da UNESCO, esta deve ser considerada como:

o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. (Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, UNESCO, 2002).

Ainda com o intuito de procurar mais definições acerca do termo cultura, para que também melhor o possamos compreender, encontramos Bourdieu que associa a cultura “a um sistema de significações susceptíveis de distinguir e hierarquizar simbolicamente os indivíduos na sociedade, permitindo a supremacia de determinados grupos sobre os outros” (citado em Sousa, 2006).

3.2 As várias concepções do termo cultura

Contudo, as interrogações acerca daquilo que pode ou não ser cultura são cada vez mais. Isabel Ferin (2009) enquadra diversos períodos: desde a antiguidade clássica, os finais do século XIX e início do XX, os estudos britânicos e as tendências atuais da cultura para que melhor possamos compreender a sua complexidade.

Assim, e referente ao que consideramos como o primeiro período, na concepção clássica de cultura, a autora remete-nos à Antiguidade Clássica onde o conceito de cultura como “a ação que o homem realiza - quer sobre o seu meio, quer sobre si mesmo - no sentido de aperfeiçoar as suas qualidades e promover a cultura de espírito”. Permanecendo na Idade Média e alargando-se ao Iluminismo no século XVIII, o conceito de cultura expande-se de forma a desenvolver as competências da língua, da espiritualidade, da arte, ciências e letras. Esta concepção clássica de cultura, que se manifestava nas sociedades francesa e alemã durante o século XVIII, fez com que a “estratificação das classes superiores” (Ferin, 2009, p.35) levasse os intelectuais a reclamar a posse da cultura, deixando a nobreza com o poder da civilização. O conceito de cultura, e segundo aquilo que podemos deter desta análise, está ligado e desenvolve-se a partir da ascensão da burguesia europeia.

Surgida nos finais dos séculos XIX e inícios do século XX, a concepção antropológica associa o conceito de cultura à necessidade de “inventarem, classificarem, compararem e analisarem objetos, fenómenos, valores ou crenças pertencentes a sociedades não ocidentais” (Ferin, 2009, p.37) com o intuito de procurar um estatuto científico da cultura enquanto disciplina. Para além de querer assinalar as práticas e os factos atingíveis pela cultura, pretende-se também analisar as concepções simbólicas, aquilo que pode ser menos visível. Assim, pode entender-se a cultura de um grupo ou sociedade como um estudo que engloba as crenças, os costumes, ideias, valores e

objetos que são adquiridos pelos indivíduos como parte integrante de um grupo ou sociedade (Ferin, 2009, p.37).

Para o antropólogo Clifford Geertz, um dos grandes representantes da corrente antropológica, a essência da cultura afasta-se daquilo a que se entende por cultura pela via tradicional. Ou seja, diz que a cultura não assenta em aspetos como os costumes e tradições, mas sim em significados partilhados. No seu ponto de vista “o homem é um animal suspenso em teias de significados que ele mesmo teceu” (Ferin, 2009, p.39). Sobre a conceção marxista, ligada ao pensamento de Marx, Isabel Ferin refere que a cultura:

é determinada por forças e relações de produção, constituindo parte integrante da superestrutura social [...] Marx afirma serem os condicionamentos sociais e económicos [...] os elementos constitutivos do que se designa por cultura. (Ferin, 2009, p.39)

Com base nestes princípios teóricos, a Escola de Frankfurt afasta-se do conceito de cultura proposto pela conceção clássica, uma vez que utiliza o conceito de indústrias culturais, associando a cultura a uma estrutura económica, isto num sentido crítico. O pensamento marxista teve forte influência sobre aquilo que fora reproduzido pela Escola de Frankfurt, como também viria a ter nas correntes estruturalistas e nos estudos culturais. Posteriormente, alguns debates questionaram esta estrutura económica da conceção da cultura. Para muitos, as leis, as ideias, a filosofia, a literatura podiam desenvolver-se de forma autónoma e exercer a sua influência para uma base económica na sociedade.

Ainda no século XX, desenvolve-se também a conceção estruturalista de cultura, com o contributo de estudos linguísticos de Saussure, Jakobson e com o contributo de Lévi-Strauss. Assim, e para Saussure, segundo o que nos diz Ferin (2009, p.41) “um sistema linguístico pode ser analisado como um sistema estático, dadas as convenções gramaticas e sintáticas [...] mas também as transformações a que está sujeito em função do contacto com diversas práticas e realidade”. Já Jakobson propõe um sistema binário, com fundamento na análise das formas da metáfora e da metonímia. Ambos os autores procuram, com a sua metodologia, as relações constantes entre os mais variados elementos. O estruturalismo procura analisar as inter-relações entre as quais o sentido é produzido dentro de uma cultura. Os significados são produzidos e reproduzidos através práticas e atividades que servem como sistemas de significação.

A conceção sociológica de cultura pode subdividir-se em duas vertentes, uma que corresponde a ação individual e outra aos factos e ações sociais. Émile Durkheim e Max Weber, impulsionadores da sociologia, apresentam factos sociológicos que nos ajudam na compreensão de cultura. Durkheim “partindo do «facto social» procura compreender a sociedade como sendo um conjunto coeso de unidades sociais possuidoras de leis próprias, onde a cultura assume, preferencialmente, a função integradora”. (Ferin, 2009, p.42). Por outro lado, Weber considera o sujeito o seu “objeto” de análise. Para o autor, o objeto da sociologia deve ser a “captação da

relação de sentido da ação humana” (Ferin, 2009, p. 42). Weber propõe assim aplicar o “*método compreensivo*, que consiste na aplicação de metodologias que permitam entender o sentido mais profundo e contido nas ações de um indivíduo” (Ferin, 2009, p.42). Um outro autor, Talcott Parsons, de acordo com Isabel Ferin (2009), relaciona a cultura a “um sistema complexo e relativamente coerente de significados, normas e valores que orientam a ação social” (p.43). Parsons (citado em Ferin, 2009, p.43) atribui ainda três fases sobre o conceito de cultura. Assim, realça a cultura enquanto simbolismo, enquanto sistema com uma lógica própria e, numa última fase, estuda a cultura sobre um código que transpõe os vários sistemas e subsistemas sociais.

Na conceção dos estudos culturais britânicos, Mathew Arnold - continuador desses mesmos estudos - valoriza e aprofunda a dimensão individual da cultura com o intuito de procurar a *perfeição* de forma a compreender os domínios do pensamento, das artes e letras. Assim sendo, de acordo com Ferin (2009, p.44) pode definir-se cultura como “o processo de desenvolvimento e enobrecimento das faculdades humanas [...] facilitado pela assimilação de trabalhos académicos e artísticos [...]”. Um outro contributo para os estudos culturais advém de T. S. Eliot, que diz que a cultura de um sujeito/ indivíduo não pode ser isolada da cultura de um grupo, sendo que esta última depende igualmente da cultura da sociedade onde pertencem.

Por último, Isabel Ferin apresenta-nos as tendências atuais que definem a conceção de cultura. Segundo Crespi (citado em Ferin, 2009, p.45) consolidou-se nos finais dos anos 80 a ideia de cultura, considerando-a como um conjunto variado de modos de fazer e proceder de forma a compreender em função das diversas situações e exigências aplicadas pelas variadas estratégias em situações concretas.

3.3 Que cultura (s)?

3.3.1 Cultura Popular, Cultura Erudita e Cultura de massa

Depois da análise ao que podemos entender como cultura, apesar do ser um campo de amplas interpretações, é-nos agora importante tentar distinguir e perceber aquilo que nos leva a tudo o que a cultura engloba. Parece-nos importante diferenciar vários conceitos: o que se entende por cultura popular, o que esta agrupa na sua definição; a cultura erudita ou de elite e ainda a cultura de massa. Isto de forma a conseguir enquadrar o jornalismo, a comunicação e a sociedade.

Talvez tenha sido a partir do século XVI que se começa a fazer uma distinção entre a cultura popular e cultura erudita. O conceito de cultura popular está ligado ao processo de urbanização que ocorre a partir do século XVIII e quando começa a aparecer a cultura de massas. À partida, a cultura popular aparece associada ao povo, às classes que são dominadas. Pode ser

definida como uma manifestação cultural, como a dança, a música, festas, folclore, em que ocorre da participação ativa do povo. É um tipo de manifestação mais natural, mas simples, com inúmeras características regionais que, na maior parte das vezes, são transmitidas de geração em geração. Podemos ligar a cultura popular aos modos de vida de um povo.

Dominic (citado por Sousa, 2010) lembra que “na modernidade, a discussão sobre cultura popular adquire importância por estar relacionada com o conceito de cultura de massa, que se desenvolve, particularmente, a partir dos anos 1920 e 1930”. Originalmente a expressão «popular» era usado para distinguir a massa de pessoas das classes mais ricas, instruídas e com títulos. No mundo anglófono, aquilo que se considera como cultura popular está ligado ao interesse e aos significados que são produzidos “pelos ou para as pessoas, e de se considerar esses significados como prova daquilo que o público quer ou daquilo que o público obtém” (Hartley, 2004, p.212).

Enquanto consideramos a cultura popular como um produto de um saber não institucional, que não se aprende mas sim que advém de tradições ou processos ligados ao povo. A cultura erudita pressupõe uma elaboração maior, e por isso esteja ligada as formas ou acontecimentos do indivíduo que nada têm a ver com essas mesmas tradições. Intimamente está ligada a um alto grau de instrução, de estudo, de conhecimentos de arte, movimentos artísticos.

O conceito de cultura de massa surge, essencialmente, com a sociedade industrial e engloba elementos da cultura popular e erudita. Tem por finalidade o consumo. Ao contrário das outras culturas, a cultura de massa não está vinculada a um grupo específico, é transmitida de maneira industrializada, para um público generalizado e interfere tanto na cultura erudita quanto na cultura popular. Os produtos da cultura de massa são consumidos tanto pela cultura popular quanto pela cultura erudita e ignora a diferença entre as duas culturas.

Capítulo 4 - Jornalismo e cultura: junção dos termos

4.1 Jornalismo Cultural: breve referência histórica

Definidos os conceitos de jornalismo e cultura, talvez agora consigamos interligar os termos e concentrar a nossa pesquisa e o nosso trabalho naquilo que é o Jornalismo Cultural.

Embora o nosso interesse seja o de estudar o Jornalismo Cultural, conseguir identificar os seus princípios e a que é que realmente se destina não é fácil obtermos uma definição concisa e de fácil compreensão. Tem-se reconhecido o Jornalismo Cultural como uma especialização que nasce das necessidades da imprensa em atender a um público segmentado e de tratar de temas de maior profundidade, como acontece em outras secções do jornalismo, tais como a política, a economia, a saúde, entre outras⁵.

O marco principal na história do jornalismo cultural tem a data de 1711 quando, dois ingleses, Richard Steele e Joseph Adison, criaram a revista diária *The Spectator*. Revista que era marcada pela avaliação de ideias e valores em diversos campos da arte. *The Spectator* tinha por objetivo “fomentar a discussão nos centros formadores de opinião, sobre lançamento de obras artísticas e filosóficas a partir de ensaios e críticas” (Freire, M. & Lopez, D. s/d). Daniel Piza associa o surgimento da revista ao crescimento dos centros urbanos, afirmando que “de certo modo nasceu na cidade e com a cidade [...] A *Spectator* dirigia-se ao homem da cidade, “moderno”, isto é, preocupado com modas, de olho nas novidades para o corpo e a mente, exaltando diante das mudanças no comportamento e na política” (Freire, M. e Lopez, D. s/d). O mesmo autor indica que

a revista falava de tudo - livros, óperas, costumes, festivais de música e teatro, política - num tom de conversação espirituosa, culta sem ser formal, reflexiva sem ser inacessível, apostando num fraseado charmoso e irônico que faria o futuro grão-mestre da crítica [...] podia tratar dos novos hábitos vistos numa casa de café, como temas em discussão e roupas na moda, ou então criticar o culto às óperas italianas e o casamento em idade precoce. (PIZA, 2004, p. 12 citado em Magalhães, 2010, p.11)

Desde o século XVIII surgiram outras publicações, fazendo com que o jornalismo cultural se expandisse por todo o mundo, refletindo todo o processo de socialização e diversificação

⁵ Texto de Eliane Fátima Corti Basso, Doutora e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

cultural, provocado pela imprensa de Gutenberg. De certa forma, o jornalismo cultural nasce com o objetivo de levar o conhecimento e aproximá-lo a um maior número de pessoas, de forma a dar a conhecer toda a informação cultural para que esta não seja restringida a uma sociedade, a uma elite (Melo, s/d). Isabelle Melo diz que desde o seu nascimento o jornalismo cultural tem-se caracterizado pela sua análise crítica, o que o distingue das outras secções do jornalismo, como por exemplo a secção da política ou economia. Isto porque, e nestes últimos casos, enquanto são noticiadas as práticas, o jornalismo cultural faz uma reflexão sobre essas mesmas práticas nas suas críticas e crónicas (Melo, s/d).

Em Portugal, mesmo durante a ditadura as páginas de cultura dos jornais eram já um refúgio da intervenção política e as formas de expressão cultural, como o cinema, a literatura, a música, eram controladas pela censura, que praticamente decidia aquilo que podíamos ver, ler e escrever. “O Tempo e o Modo ou o Vértice constituíam veículos de tertúlias, cineclubes e movimentos literários que existiam à margem da ditadura. Neste período, a oferta existente baseava-se na revista Flama e no Século Ilustrado, suplemento semanal do diário O Século que dava espaço à cultura e espetáculo” (Silva, s/d).

Após o 25 de Abril as manifestações de cariz cultural expandiram. Neste período começaram a surgir as indústrias culturais e, sobretudo, a partir dos anos 80 deu-se uma crescente fragmentação e especialização nos media, o que permitiu o aparecimento dos primeiros jornais e revistas dedicados à cultura. É de referir que os semanários *Se7e* e *Blitz* foram os únicos que se dedicaram exclusivamente à cultura e aos espetáculos. Teresa Maia e Carmo dizem que o *Se7e* fazia o primeiro cartaz exaustivo de tudo o que se passava a nível cultural no país e dava a uma camada jovem ambiciosa de informação especializada linhas de leitura e acompanhamento da atualidade, enquanto o *Blitz* acompanhava o *que de* alternativo ia nascendo, sobretudo a nível musical (Carmo, 2006).

No caso das revistas, em Portugal, a primeira referência a uma revista de carácter cultural é a *Gazeta Literária* ou *Notícias Exactas dos Principais Escritos Modernos*, editada em 1761, no Porto. Os séculos seguintes, XIX e XX, foram abundantes em revistas sobre cultura.

A título de curiosidade, e relativamente ao jornais nacionais, o Diário de Notícias publica diariamente as secções de artes e media, publica dois suplementos um ao Sábado e outro ao Domingo, o IN e a revista Notícias Magazine, respetivamente. O jornal 24 Horas, o Correio da Manhã e o Jornal de Notícias dedicam parte das suas páginas cultural ao chamada jornalismo popular e às celebridades. O semanário Expresso publica também um suplemento (Actual) que também se dedica exclusivamente à cultura. O único que se dedica exclusivamente ao jornalismo cultural é o Jornal de Letras Artes e Ideias.

4.2 O jornalismo cultural

Decerto não conseguimos encontrar uma única definição para o jornalismo cultural. No seu sentido mais lato, podemos associá-lo à especialização da prática jornalística em fatos relacionados com a cultura, seja ela local, nacional e internacional, em diversas manifestações como a música, cinema, teatro, artes plásticas, televisão, folclore, entre outras. Pode então dizer-se que tais publicações de cariz cultural nasceram em França a partir de panfletos literários e revistas dirigidas, principalmente, ao público feminino.

O jornalismo cultural não é de fácil compreensão, antes pelo contrário, é muito complexo e heterogéneo de meios, géneros e produtos que abordam com propósitos criativos, críticos, reprodutivos ou de divulgação do campo das ‘belas artes’, correntes do pensamento, as ciências sociais e humanas, a chamada cultura popular e muitos outros aspetos que têm a ver com a produção, circulação e consumo de bens simbólicos (Rivera, 1995 citado em Lopez e Freire, s.d). Na perspetiva de Fábio Gomes (2009, p.8) o jornalismo cultural tem por missão “informar e opinar sobre a produção e a circulação de bens culturais na sociedade”. Por sua vez, Ivan Tubau (citado em Lopez e Freire, s.d, p.2) considera o jornalismo cultural “uma forma de conhecer e difundir os produtos culturais de uma sociedade através dos meios de comunicação de massa”.

Considera-se, sobretudo, que o jornalismo cultural nada mais é do que jornalismo, apenas se designa desta forma por abordar, ou se dedicar, a conteúdos específicos e de cariz cultural. Até porque no que diz respeito às regras e critérios, o jornalismo cultural adota os mesmos que o jornalismo geral. O autor Sérgio Gadini (citado em Lopez e Freire, s.d, p. 2e3) apreende por jornalismo cultural “os mais diversos produtos e discursos mediáticos orientados pelas características tradicionais do jornalismo (atualidade, universalidade, interesse, proximidade, difusão, objetividade, clareza, dinâmica, singularidade, etc) que ao pautar assuntos ligados ao campo cultural, instituem, refletem/ projetam (outros) modos de pensar e viver dos recetores, efetuando assim uma forma de produção singular do conhecimento humano no meio social onde o mesmo é produzido, circula e é consumido”.

Foi a partir dos anos 90 que, como diz Daniel Piza (citado em Basso, 2006), a tendência do jornalismo cultural se tem alargado para além dos assuntos das chamadas sétimas artes, incluindo a partir de então assuntos relacionados com a moda, gastronomia e design. Desta forma, com o passar do tempo o jornalismo cultural integrou novas formas de entender a cultura e alterou as suas tendências de abordagem e cobertura. Passou de um jornalismo estreitamente dedicado à cultura erudita, assuntos pertencentes a uma classe específica, letrada, culta, para um jornalismo dedicado a toda a sociedade.

Em termos históricos pode considerar-se que o jornalismo cultural se desenvolveu a partir da ideia da produção da cultura erudita, tendendo a mostrar a cultura como algo ‘superior’, sofisticada e formal, dirigida a uma minoria de conhecedores, conseguindo algum prestígio deste

público. Mas hoje, o campo do jornalismo cultural é bastante amplo, uma vez que abrange a análise e a divulgação dos produtos das distintas culturas, seja ela erudita, ou ilustrada, popular ou de massa.

Assim sendo, a cultura erudita dedica-se, se assim se pode dizer, aos saberes da classe letrada, às artes e literatura. A cultura popular representa o comportamento social, revelando hábitos sociais do dia-a-dia através das formas de ser e de estar. Representa o povo, as suas manifestações, ao contrário da erudita, não valoriza a escolarização e corresponde a temas culturais como peças de teatro amador e a música tradicional. Por sua vez, à cultura de massas dizem respeito os produtos em série a ser consumidos por um número relativamente alargado de pessoas.

O jornalismo cultural apresenta-se muito dependente da agenda, da agenda cultural. Nesse sentido, nas palavras de André Fonseca (2006, p.1) nos últimos anos o jornalismo cultural “tornou-se quase sinónimo da agenda cultural. Os cadernos e secções de cultura de jornais e revistas dedicam-se a criticar burocraticamente filmes, espetáculos e CDs, divulgar grandes eventos supostamente culturais e criar pautas baseadas em *releases* de assessorias de imprensa. O espaço para a reflexão é cada vez menor, e o comprometimento dos grandes veículos com anunciantes e parceiros podam a independência e a imparcialidade do que se publica”. É certo que no que toca ao jornalismo cultural, daquilo que se tem visto nos jornais, é que não se realiza um texto sobre notícias culturais, são apenas pequenas notas muitas vezes de carácter informativo. Para Debora Lopez e Marcelo Freire resumir o jornalismo cultural a um jornalismo de agenda “sem reflexão ou preocupação é transportá-lo para quem do seu conceito fundamental” (Lopez e Freire, 2007:9).

Parte II - Estudo de Caso

Capítulo 5 - Metodologia

1) Objeto

O objeto de estudo da dissertação é a imprensa regional. Aliás, aquilo que interessa realmente estudar são as notícias de cultura na imprensa regional. Ao início despertou-nos o interesse pela imprensa regional localizada no interior do país, nomeadamente da Covilhã, pela questão da proximidade e por ser, neste momento, o local onde estamos inseridos. Contudo, achou-se necessário ir mais além, ver a realidade ‘cultural’ que poderá surgir nas páginas dos jornais regionais em territórios, geograficamente, diferentes. Daí escolhermos para objeto de estudo quatro jornais, localizados em diferentes regiões, do litoral e interior do país.

Quis-se, portanto, fazer uma análise de cada um dos jornais de forma a perceber se a sua localização é um fator relevante para a difusão de notícias sobre cultura. Bem como compreender se a estrutura e o impacto atribuídos às notícias de cultura são semelhantes ou, se pelo contrário, variam consoante a sua localização geográfica. Interessa também saber se, pelo simples facto de dois jornais estarem mais no litoral e outros dois no interior, há dificuldades em obter notícias de carácter cultural. Por outro lado, é também nosso interesse perceber que tipo de cultura existe nas páginas dos jornais regionais, se é uma cultura dedicada a uma elite, se faz referência apenas à cultura do povo ou se o que os jornais produzem tem por finalidade o consumo e daí resulte uma cultura de massas. Procuramos também compreender o enquadramento desse género de notícias, isto porque, e a nosso ver, há muito a ideia de que as peças sobre cultura difundidas pelos meios de comunicação social está muito dependente da agenda.

2) Corpus de análise

Para que fosse possível desenvolver este trabalho foi necessário escolher quais os jornais e as regiões a analisar. Ao início pareceu fácil, uma vez que praticamente todas as regiões têm presente a imprensa regional. Contudo, alguns imprevistos fizeram com que a nossa escolha alterasse.

Desde logo optamos por estudar jornais do interior e do litoral do país visto que porque pensamos que se há uma discrepância na distribuição da população e nos modos de vida, à partida também se verificam diferenças na imprensa regional. Neste contexto, escolhemos

analisar comparativamente a região da Beira Interior⁶ e a região d'Entre Douro e Minho⁷ (anexo1). Do interior, selecionamos o jornal *Reconquista* e *Jornal do Fundão* por considerarmos que são jornais com considerável implantação e difusão. No caso dos jornais do litoral, a escolha recaiu sobre os jornais *A Voz da Póvoa* e *O Povo*, pesando nesta escolha o fator acesso. Talvez seja importante referir que notamos diferenças quanto ao número de jornalistas profissionais em cada um dos jornais. Sendo que os jornais do interior apostam num maior número de profissionais, comparativamente aos do litoral. Este dado, embora não desenvolvido em profundidade, pode influenciar os resultados finais quanto à cobertura dos temas culturais.

Aquando da seleção dos jornais, tivemos de procurar aqueles que possuíssem as mesmas características. Automaticamente tinham de pertencer à imprensa regional e a sua periodicidade teria de ser semanal, com estes fatores de seleção diminuiu o número de jornais possíveis para análise. De imediato a escolha dos jornais do interior recaiu sobre o *Jornal do Fundão* e o *Reconquista* porque, para além da daquilo que já foi referido, eram os mais fáceis de conseguir uma vez que a nossa localização geográfica assim o permite. No caso dos jornais do litoral, como presencialmente era-nos quase impossível, optámos por solicitar, via e-mail, à redação de vários jornais a possibilidade de nos enviar as edições pretendidas. Nesse sentido, só obtivemos resposta por parte do jornal *A Voz da Póvoa* e o *Povo*, situado em Guimarães, daí que a nossa escolha tenha recaído sobre esses títulos.

Assim, decidimos desenvolver este trabalho através de uma análise de conteúdo, em que o período escolhido decorreu ao longo de três meses, Outubro, Novembro e Dezembro do ano de 2011. Para o estudo compreendeu uma análise de 13 edições de cada publicação. A amostra distribuiu-se da seguinte forma:

Tabela 1: Período discriminado da análise dos jornais

<i>Jornal do Fundão</i>	<i>Reconquista</i>	<i>A Voz da Póvoa</i>	<i>O Povo</i>
6 de Outubro	6 de Outubro	5 de Outubro	7 de Outubro
13 de Outubro	13 de Outubro	12 de Outubro	14 de Outubro
20 de Outubro	20 de Outubro	19 de Outubro	20 de Outubro
27 de Outubro	27 de Outubro	26 de Outubro	28 de Outubro
3 de Novembro	3 de Novembro	2 de Novembro	4 Novembro
10 de Novembro	10 de Novembro	9 de Novembro	11 Novembro
17 de Novembro	17 de Novembro	16 de Novembro	18 Novembro

⁶ Abrange a área dos seguintes concelhos incluídos nos distritos de: Guarda (Aguiar da Beira, Almeida, Celorico da Beira, Figueira de Castelo Rodrigo, Fornos de Algodres, Gouveia, Guarda, Manteigas, Pinhel, Sabugal, Seia e Trancoso); e Castelo Branco.

⁷ Abrange a área dos municípios incluídos nos distritos de: Viana do Castelo; Braga; Porto; Aveiro (apenas Espinho e Castelo de Paiva); Viseu (apenas Cinfães).

24 de Novembro	24 de Novembro	23 de Novembro	25 de Novembro
1 de Dezembro	1 de Dezembro	30 de Novembro	2 de Dezembro
8 de Dezembro	8 de Dezembro	7 de Dezembro	9 de Dezembro
15 de Dezembro	15 de Dezembro	14 de Dezembro	16 de Dezembro
22 de Dezembro	22 de Dezembro	21 de Dezembro	23 de Dezembro
29 de Dezembro	29 de Dezembro	28 de Dezembro	30 de Dezembro

Dos 52 jornais em análise resulta uma amostra de 3921 peças, sendo que definimos para o corpus de investigação o total de 503 peças, correspondendo ao total de peças de cultura dos quatro jornais.

5.1 Hipóteses

Para a realização deste trabalho partimos de hipóteses organizadas, que nos levarão a uma análise quantitativa, bem como das suas perguntas de investigação. No entanto, também não nos foi indiferente a análise qualitativa, uma vez que pretendemos identificar as marcas de proximidade relativamente ao tipo de notícias de cultura divulgadas por cada jornal.

5.1.1 Hipóteses da análise quantitativa

Hipóteses	Perguntas de Investigação	Variáveis
Os temas utilizados na primeira página são similares nos quatro jornais.	Qual a percentagem de notícias de primeira página por tema? Qual é o tema de notícias de primeira página com mais destaque por jornal?	Número de peças de primeira página. Número de peças sobre o mesmo tema em cada jornal.
O número de páginas influencia o número de notícias sobre cultura.	Qual é o total de páginas de cada jornal? Em cada jornal qual é o total de notícias sobre cultura? Qual a percentagem que as notícias de cultura	Número de páginas de cada jornal, incluindo primeira e última página. Total das peças que se refiram a assuntos de carácter cultural.

	representam no total das páginas de cada jornal?	
O enquadramento das notícias de cultura é meramente ligado à agenda.	A maioria das notícias, de cultura, são apresentadas em forma de agenda? No total de notícias de cultura, o enquadramento é o mesmo nos quatro jornais?	Número de notícias de cultura consoante o enquadramento.
Independentemente dos jornais, as notícias com o tema 'cultura' têm a mesma dimensão.	Em cada jornal, qual é a dimensão das notícias de cultura? No total das notícias de cultura a dimensão é a mesma em todos os jornais.	Total de peças de cultura consoante a sua dimensão.
O facto de os jornais serem de diferentes regiões influencia a divulgação de notícias sobre cultura.	Quantas notícias de cultura há em cada jornal? Os jornais que têm mais notícias de cultura são de que região?	Total de peças de cultura consoante o jornal.
Os géneros jornalísticos utilizados nas notícias de cultura são idênticos nos quatro jornais.	No total das notícias de cultura transmitidas, os quatro jornais recorrem, na maioria, ao mesmo género?	Número de peças de cultura segundo o género jornalístico.
O fato de os jornais serem regionais traduz-se na divulgação de notícias de carácter popular.	Quantas peças há em cada jornal quanto à cultura popular, erudita e de massas?	Número de peças de cultura segundo o tipo de cultura.

5.1.2 Hipóteses da análise qualitativa

Hipóteses	Perguntas de investigação	Variáveis
Tratando-se da imprensa, e regional, os títulos das notícias sobre cultura têm marcas de proximidade, tanto da população como da região onde estão inseridos.	Os títulos divulgam acontecimentos da região?	Assunto, ou título, das notícias de cada jornal

5.2 O método de análise

De acordo com as hipóteses e perguntas de investigação formuladas, optamos, tal como já referido, por uma análise quantitativa. De todos os métodos achamos por bem optar por este porque, tal como definiu Berelson (citado por Bardin, 1997, p.18), “ é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. A análise de conteúdo surgiu no início do século XX, nos Estados Unidos, como um “método quantitativo para analisar o conteúdo de jornais (por exemplo, a percentagem de notícias de política, desporto, etc.) ” (Sousa, 2006, p.662). Com base nas palavras deste autor, pareceu-nos que esta seria a melhor escolha, uma vez que tencionamos determinar a tendência com que se publicam notícias de carácter cultural, e este método permite analisar isso mesmo, os conteúdos de jornais. Assim, é-nos possível obter dados quantitativos que dão rigor à pesquisa. Desta forma Marques de Melo (citado por Sousa, 2006, p.663) indica que com este método

ao invés de entrevistar o leitor sobre os seus hábitos de leitura, utiliza-se o processo inverso, ou seja, analisar aquilo que é oferecido ao leitor, assumindo que aquilo que o leitor lê no jornal da sua escolha reflete as suas atitudes e valores em relação ao facto noticiado (...) Outra vantagem deste tipo de pesquisa é o facto de trabalhar com valores essencialmente quantificáveis, definidos por categorias estabelecidas e comprovadas em estudos similares. Desta forma, a coleta de dados é baseada na mensuração de textos e as conclusões expressas em forma numérica, o que facilita o cruzamento de informações e a elaboração de tabelas e gráficos explicativos, além de permitir com facilidade a reavaliação e comprovação de todo o projeto ou parte dele.

Para que seja possível verificar as hipóteses já mencionadas, utilizamos uma análise quantitativa, avaliando a quantidade de notícias de cultura em cada jornal, bem como uma

análise qualitativa de forma a encontrar traços regionais conforme o tipo de cultura utilizado nas notícias.

Começamos por desenvolver toda a questão teórica para conseguirmos uma melhor compreensão da parte prática. Para a realização deste estudo, escolhemos a nossa análise, os jornais já referidos, com base naquilo que pretendemos estudar, a cultura na imprensa regional, de acordo com diferentes regiões. A escolha foi de encontro com os jornais regionais, e semanários, existentes na região da Beira Interior e na região Entre Douro e Minho, analisando-os num período de três meses. Definimos a nossa unidade de análise, que é a peça jornalística, e definimos de igual forma as categorias da análise. Analisamos os dados até então recolhidos e como parte final interpretamos os resultados.

5.2.1 Categorias da análise

Nas categorias de análise que previamente escolhemos, esperamos responder às hipóteses formuladas. Assim, definimo-las o mais exaustivamente possível para que “todos ou quase todos os elementos substantivos do discurso possam ser classificados”, de forma detalhada uma vez que a “fiabilidade da pesquisa poderá ser diminuta se as especificações das categorias forem vagas e gerais”, usamos uma definição sistemática porque “os conteúdos devem ser selecionados segundo regras explícitas (...) implicando que cada elemento representativo, em função dos objetivos da pesquisa, tenha idênticas possibilidade de ser incluído na análise”, tentamos também definir essas categorias de forma exclusiva “para que os elementos substantivos que se classificam numa categoria pertençam claramente a essa categoria e não a nenhuma outra” (Sousa, 2006, pp. 669 e 670).

5.2.1.1 Categorias das peças

Género	Definição
Breve	Texto que descreve um acontecimento de forma resumida e breve. Para efeitos deste estudo concordou-se que nesta categoria apenas pertencem as notícias que tenham entre um a três parágrafos.
Cartas de leitores	Texto que relata qualquer tipo de acontecimento que seja escrito pelos leitores.
Entrevista	Texto que se origina a partir das respostas dadas por um entrevistado às perguntas a ele feito. Pode ser em formato de pergunta-resposta, a cada

	pergunta é descrita a resposta, ou integração das respostas ao longo do enunciado.
Notícia	Texto que enquadra qualquer tipo de texto, por norma mais ou menos desenvolvido. Para efeitos deste estudo concordou-se que nesta categoria pertencem as notícias que tenham mais de três parágrafos.
Opinião	Texto que à partida está identificado como tal e inserido na secção de opinião. É um texto que expressa a opinião e/ ou o ponto de vista de quem o escreve, assinado por outros que não os jornalistas.
Reportagem	Texto que abrange de forma extensa e em profundidade todos os temas e eventos e que por norma se enquadra numa narrativa.
Outro	Texto que não se enquadre em nenhum dos outros géneros e que não seja um texto de opinião ou crónica.

5.2.1.2 Categoria dos temas das notícias

Tema	Definição
Ambiente	Todas as peças que mencionem assuntos do meio ambiente, associações e investigações, assuntos ambientais, relacionados com praias, poluição, incêndios, florestam.
Ciência/ Tecnologia	Todas as peças de cariz científico como investigações quer em empresas ou instituições, ligadas à ciência e à tecnologia.
Cultura	Todas as peças que contenham assuntos sobre teatro, dança, cinema, música, pintura, escultura, artesanato, folclore ou qualquer outra forma de expressão e manifestação artística.
Crime/ Polícia/ Tribunais	Todas as peças que estejam relacionadas com crimes, infrações, acidentes, atos sociais que envolvam a polícia, julgamentos, tribunais ou questões forenses.
Desporto	Todas as peças que envolvam modalidades desportivas, bem como façam referência a atletas, clubes e associações.

Economia	Todas as peças que envolvam assuntos relacionados com atividades económicas, como por exemplo as bolsas, ou assuntos de empresas ou associações empresariais, desemprego, crise.
Educação	Todas as notícias que se a assuntos educativos, escolas, alunos, festejos, formações profissionais, professores, referência a instituições ou aos seus colaboradores.
Festas/ Tradições	Peças que se refiram a festas populares, concelhias, e/ ou promovidas por associações, bem como tradições populares, gastronómicas, feriados municipais, feiras e festejos locais.
Outras	Peças que pelo seu conteúdo não se enquadrem em nenhuma das outras categorias
Política	A esta categoria dizem respeito a todas as notícias que se refiram a pessoas, representantes políticos, ou instituições governamentais, como as Câmaras Municipais, Juntas de Freguesia ou quaisquer outros órgãos autárquicos. Assim como peças que façam referência a eleições ou decisões políticas e governamentais.
Religião	Enquadram-se nesta categoria peças que digam respeito às Igrejas, eventos religiosos ou acontecimentos que envolvam membros da Igreja.
Saúde	Todas as peças que se refiram a instituições de saúde, doenças, vírus ou ações de saúde, investigações ou que se refiram aos representantes das instituições e profissionais da saúde.
Sociedade	Todas as peças que digam respeito à vida em sociedade. Entende-se aqui as histórias de cidadãos comuns, protestos, e atividades profissionais e organizacionais que não pertençam a uma das outras categorias. Peças relativas a homenagens, entrevistas, desastres naturais, mortes, convívios, ações de solidariedade, campanhas e assuntos do bem-estar da sociedade.
Telecomunicações e Transportes	Enquadram-se todas as peças que englobem assuntos relacionados com os meios de comunicação, serviços e transportes, nomeadamente estradas, vias ou que digam respeito a assuntos relacionados com cartas de condução e veículos.
Turismo/ Património/ Lazer	Enquadram-se nesta categoria todas as peças que digam respeito a questões do turismo, como restauração e hotelaria, bem como referentes ao património, território, museus, monumentos e elementos turísticos.

5.1.1.3 Dimensões das notícias

Dimensão	Definição
Pequena	Considerou-se para efeitos deste estudo que, todas as notícias, independentemente da sua categoria, que tivessem até três parágrafos seriam de pequena dimensão.
Média	Considerou-se para efeitos deste estudo que, todas as notícias, independentemente da sua categoria, que tivessem de quatro a dez parágrafos seriam de dimensão média.
Grande	Considerou-se para efeitos deste estudo que, todas as notícias, independentemente da sua categoria, que tivessem mais de dez parágrafos seriam de grande dimensão.

5.2.1.4 Enquadramento das notícias

Enquadramento	Definição
Agenda	Enquadram-se nesta categoria todas as peças que se refiram a datas, programação, agenda, de eventos, exposições, lançamentos de livros, concertos ou outras formas de expressão cultural.
Apreciação	Enquadram-se nesta categoria todas as peças que refiram a uma análise, avaliação, positiva, estima de alguém, do seu trabalho tanto particular como coletiva ou de instituições.
Crítica	Enquadram-se nesta categoria todas as peças que à partida estão identificadas como tal, como críticas de teatro, cinema, literatura. Normalmente são peças que se fundamentam em comentários sobre alguém ou alguma coisa.
Informação	Enquadram-se nesta categoria as peças que sejam de carácter neutro, que descrevam acontecimentos, que informem os leitores
Elogio/ Enaltecimento	Enquadram-se nesta categoria todas as peças que se refiram a homenagens, tributos, qualidades ou virtudes de algo ou de alguém.
Lamento/ Queixa	Enquadram-se nesta categoria todas as peças que exponham situações que, de alguma forma, foram motivo de desagrado, originando um certo descontentamento.

Outro	Nesta categoria enquadram-se todas as peças que não se enquadrem em nenhuma das outras categorias. Consideramos, aqui, peças como opiniões, que não estejam identificadas como tal, informações relativas a acontecimentos e/ ou pessoas que não refiram nenhum aspeto em particular. Serão consideradas as peças de carácter neutro.
-------	---

5.2.1.5 Categoria das notícias de cultura

Categoria	Definição
Cultura Popular	Todas as peças que digam respeito a qualquer manifestação cultural. Enquadram-se nesta categoria as notícias sobre música popular, dança, festas, tradições, folclore, artesanato, que é produzida pelo povo e onde este participa ativamente.
Cultura Erudita	Todas as peças que digam respeito a qualquer miniestação cultural direccionada a uma elite social. Enquadram-se nesta categoria todas as notícias sobre literatura, pintura, teatro, esculturas, exposições, música clássica, artes plásticas, entre outras.
Cultura de Massas	Todas as peças são transmitidas de forma industrializada para um público em geral. Enquadram-se nesta categoria todas as notícias que se refiram, por exemplo, ao cinema, televisão, rádio, moda.

Capítulo 6 - Parte Prática

6.1 As regiões

6.1.1 Castelo Branco

Geograficamente o distrito é delimitado a Norte pelo distrito da Guarda, a Sul pelo distrito de Portalegre, a Oeste pelos distritos de Santarém, Leiria e Coimbra e a Leste é demarcado por Espanha. Atravessam-no as Serras da Estrela, Lousã, Gardunha, Malcata, Alvelos e Muradal. Situa-se na região Centro (Beira Baixa) e sub-região da Beira Interior Sul. É um dos maiores municípios portugueses com mais de 1 400 00 km² de área e quase 54 mil habitantes.

O município de Castelo Branco (anexo2) é limitado a norte pelo município do Fundão, a Leste por Idanha-a-Nova, a Sul por Espanha, a Sudoeste por Vila Velha de Ródão e a Oeste por Proença-a-Nova e por Oleiros. O distrito de Castelo Branco é formado por onze concelhos: Covilhã, Belmonte, Fundão, Idanha-a-Nova, Oleiros, Penamacor, Proença-a-Nova, Sertã, Vila de Rei e Vila de Rodão.

A cidade de Castelo Branco é sede do próprio distrito e o concelho está dividido em 25 freguesias: Alcains; Alameda; Benquerenças; Caféde; Castelo Branco; Cebolais de Cima; Escalos de Baixo; Escalos de Cima; Freixial do Campo; Juncal do Campo; Lardosa; Lourçal do Campo; Lousa; Malpica do Tejo; Mata; Monforte da Beira; Ninho do Açor; Póvoa de Rio Moinhos; Retaxo; Salgueiro do Campo; Santo André das Tojeiras; São Vicente da Beira; Sarzedas; Sobral do Campo; e Tinalhas.

6.1.2 Fundão

A cidade do Fundão, no distrito de Castelo Branco (anexo 2), fica situada em plena Cova da Beira⁸, entre as Serras da Gardunha e da Estrela. O município é delimitado a Norte pelos municípios da Covilhã, Belmonte e Sabugal, a Leste por Penamacor e Idanha-a-Nova, a Sul por Castelo Branco, a Sudoeste por Oleiros e a Oeste por Pampilhosa da Serra. Com uma área de 700,0 km² e mais de 29 mil habitantes é um dos 11 municípios distrito de Castelo Branco, abrangendo administrativamente 31 freguesias: Alcaide, Alcaria, Alcongosta, Aldeia de Joanes,

⁸ A Cova da Beira é a depressão situada entre as duas Serras, Estrela e Gardunha.

Aldeia Nova do Cabo, Alpedrinha, Atalaia do Campo, Barroca, Bogas de Baixo, Bogas de Cima, Capinha, Castelejo, Castelo Novo, Donas, Enxames, Escarigo, Fatela, Fundão, Janeiro de Cima, Lavacolhos, Mata da Rainha, Orca, Pêro Viseu, Póvoa de Atalaia, Salgueiro, Silvares, Soalheira, Souto da Casa, Telhado, Vale de Prazeres, Valverde.

6.1.3 Guimarães

Habitualmente conhecida pela ‘Cidade Berço’, a cidade de Guimarães contribuiu, em parte, para a história de Portugal. Uma vez que, e de acordo com a tradição, terá sido em Guimarães que nasceu e foi batizado D. Afonso Henriques, que, em 1179, viria a ser coroado como primeiro Rei de Portugal. Foi, pela sua importância histórica, intitulada Património Cultural da Humanidade.

Situada no distrito de Braga (anexo3), na região Norte e sub-região do Vale do Ave. O concelho é limitado a Norte pelo município de Póvoa de Lanhoso, a Este por Fafe, a Sul por Felgueiras, Vizela e Santo Tirso, a Oeste por Vila Nova de Famalicão e a Noroeste por Braga. Compreende uma área de cerca de 242.0 km², distribuídos pelas 69 freguesias, e com mais de 155 mil habitantes.

6.1.4 Póvoa de Varzim

Póvoa de Varzim (anexo 4) é um dos 18 municípios do distrito do Porto, situada no extremo Noroeste da região do Douro Litoral. A Norte demarca com o concelho de Esposende, a Nordeste com o de Barcelos, a Nascente com o de Vila Nova de Famalicão e a Sul com o de Vila do Conde. A Oeste é banhado pelo oceano Atlântico e localiza-se entre o rio Cávado e o rio Ave.

Abrange uma área de aproximadamente 82 km² ocupados por cerca de 60 mil habitantes. Divide-se em doze freguesias: Aguçadoura, Amorim, Argivai, Aver-o-Mar, Balazar, Beiriz, Estela, Laúndos, Navais, Póvoa de Varzim, Rates e Terroso.

6.2 Os distritos: estatísticas

De acordo com Bareme Imprensa Regional (Marktest, 2010), Castelo Branco apresenta a maior taxa de hábitos de leitura de imprensa regional, apresentando mais de 74%. Por sua vez, os distritos do Porto, Lisboa e Bragança têm a menor taxa, igual ou inferior a 35%, já o distrito de

Braga fica-se pelos 68%. A diferença entre a leitura de jornais regionais e nacionais é igualmente notória. Verifica-se que o distrito de Castelo Branco é o que apresenta uma maior percentagem de leitura de jornais regionais, 75%, enquanto a leitura de jornais nacionais representa 56% (anexo5).

É certo que esta análise é de 2010 e os resultados, certamente, já sofreram alterações. No entanto, e visto a percentagem que se atribuiu a Castelo Branco, talvez arriscássemos dizer eu é o distrito que mais taxa de leitura de imprensa regional apresenta. No Porto, a situação é inversa. A leitura de jornais regionais é de 38% e de jornais nacionais 74%. No distrito de Braga, os hábitos de leitura entre jornais regionais e nacionais é quase igualável. Os primeiros representam 68% e os segundos 63%.

6.3 Os jornais analisados

6.3.1 *Jornal do Fundão*

Fundado em 1946 por António Palouro, o *Jornal do Fundão* é hoje uma referência na imprensa regional portuguesa. Tem uma tiragem média de 13 mil exemplares (anexo6) e uma audiência que atinge os 50 mil leitores. Custa 0.75 euros por edição e tem uma média de 48 páginas, excluindo suplementos. É editado às quintas-feiras.

O jornal divide-se pelas secções de opinião, recortes, sociedade, política, saúde, polícia, desporto, cultura, especiais JF e galeria. Divide-se pelas regiões de Castelo Branco, Covilhã, Fundão, Guarda, Raia, Belmonte e Pinhal. Tem distribuição geográfica em Castelo Branco de 58%, para o estrangeiro em 15%, Lisboa 13%, Guarda 4% e 10% para o resto do país (anexo 7).

Em termos de curiosidade, foi distinguido com a Ordem do Infante D. Henrique e arrecadou prémios como o Prémio Gazeta, homenagem das Universidades de Salamanca e da Comunidade Portuguesa em França. É propriedade do jornal o grupo Controlinveste.

6.3.2 *Reconquista*

O *Reconquista* é um jornal semanário de Castelo Branco e foi fundado a 13 de Maio de 1946. Tem uma tiragem de 13 mil exemplares (anexo8), custa 0.60 euros e tem em média 48 páginas por edição, saindo às quintas-feiras.

Para além de Castelo Branco, o jornal cobre semanalmente os acontecimentos dos concelhos de Idanha-a-Nova, Vila Velha de Ródão, Proença-a-Nova, Sertã, Oleiros e Penamacor. Divide-se pelas secções de destaque, Castelo Branco, cultura, sociedade, centrais, terras da beira, desporto, opinião e leitores. A sua distribuição geográfica centra-se maioritariamente em Castelo Branco, 76%, seguido de Lisboa com 13% e para o resto do país tem uma percentagem de distribuição de 8% (anexo9). O jornal é propriedade da Fábrica da Igreja da Paróquia de São Miguel da Sé de Castelo Branco.

6.3.3 A Voz da Póvoa

A *Voz da Póvoa* é um jornal regional semanal situado na cidade de Póvoa de Varzim e tem data de fundação de 1938. Tem uma média de 24 páginas por edição saindo às quintas-feiras. Custa 0.80 euros e atinge em média os cinco mil exemplares.

Foca-se essencialmente em notícias sobre Vila do Conde, política, cultura e desporto. Mas nas suas edições podem ler-se peças inseridas nas secções de conversa afiada, informação local, reportagem, luas e marés. Quanto à sua distribuição, é sobretudo para a zona da Póvoa de Varzim atingindo os 90%, deixando apenas 10% para o resto do país (anexo10). A *Voz da Póvoa* tem propriedade e edição em A Voz da Póvoa - Comunicação Social, S.A.

6.3.4 O Povo

O semanário vimaranense tem sede na cidade de Guimarães. Cada edição está disponível nas bancas às sextas-feiras e tem um custo de 0.60 euros. É dividido pelas secções de atualidade, destaque, cultura, desporto, sociedade e opinião.

O jornal teve edição em papel durante vários anos e intitulava-se *O Povo de Guimarães*, mas encerrou essa publicação a 22 de Outubro de 2010, continuando apenas a ser editado em formato digital na internet. Após celebrar o seu 33º aniversário voltou às bancas com o título *O Povo*. Tem propriedade e edição em *O Povo de Guimarães*, CRL.

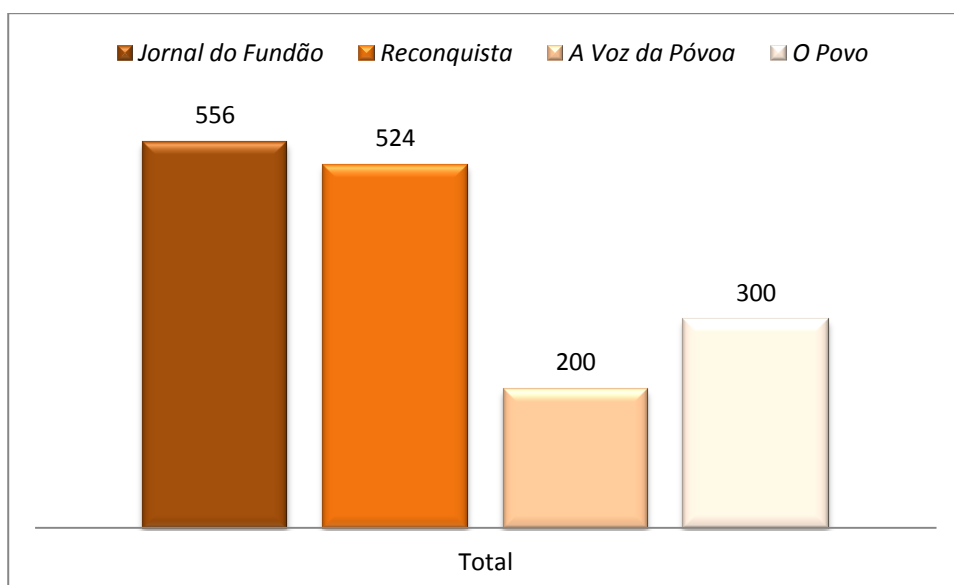
6.4 Análise quantitativa

No que diz respeito à análise quantitativa das edições dos jornais escolhidos para este estudo, estabelecemos tabelas onde inserimos o total de notícias, de páginas, os temas de primeira página, o total de notícias de cultura, o enquadramento das notícias de cultura, a sua dimensão, bem como o tipo de cultura por edição para cada um dos jornais em análise.

Foram analisadas um total de 3921 peças, distribuídas por 13 edições por um período de três meses (anexo 11). Apesar de serem contabilizadas todas as peças de cada um dos jornais apenas foram analisadas as que se referem ao tema cultura. Um dos nossos objetivos é perceber se o número de páginas de cada jornal influencia a divulgação das notícias, nomeadamente as de cultura.

A figura abaixo representada mostra o total das páginas de cada um dos jornais.

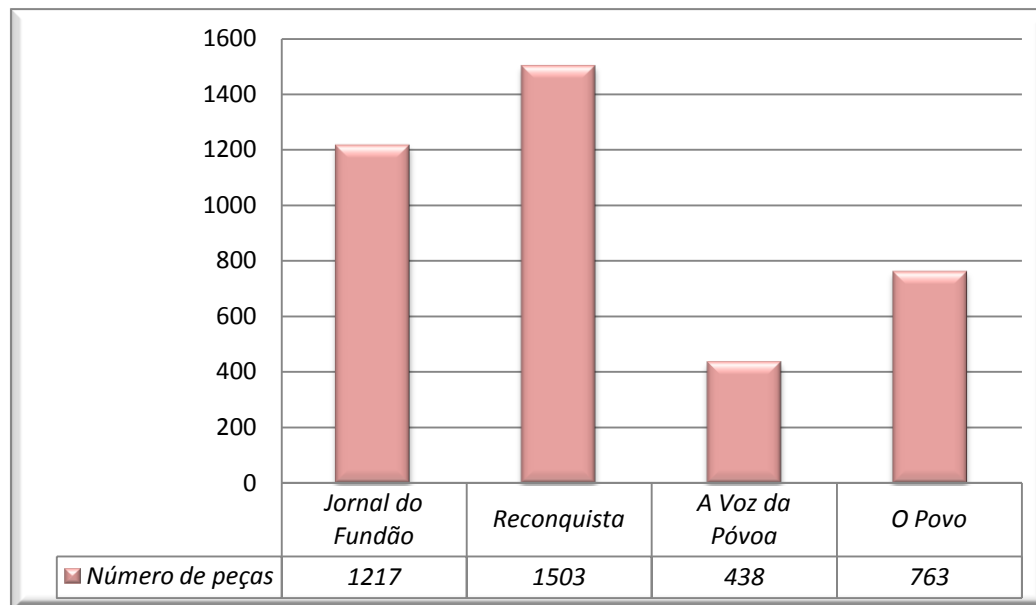
Figura 2: Total das páginas por jornal (n°)



Estes dados mostram que pelo número de páginas de cada jornal já existe uma grande diferença entre os quatro. Analisamos estes dados com base nas 13 edições de cada jornal, não incluindo suplementos. As conclusões confirmam que em termos de páginas, o *Jornal do Fundão* é aquele que mais páginas tem por edição, uma média de 42 páginas. O jornal *A Voz da Póvoa*, em contrapartida, é o que menos tem, uma média de 15 páginas - menos de metade que as do *Jornal do Fundão*. Em comparação, o jornal *Reconquista* conta com uma média de 40 páginas, enquanto o jornal *O Povo* apresenta uma média de 23 páginas (anexo12). Pelo número de páginas de cada jornal podemos concluir que o número de notícias também se distribuirá desta forma.

A figura abaixo mostra as percentagens do total das peças difundidos por jornal. Com estes dados conseguimos perceber se o *Jornal do Fundão*, tendo o maior número de páginas, também tem um total de peças (incluindo todos os temas) superior aos outros jornais.

Figura 3: Total das peças por jornal (nº)



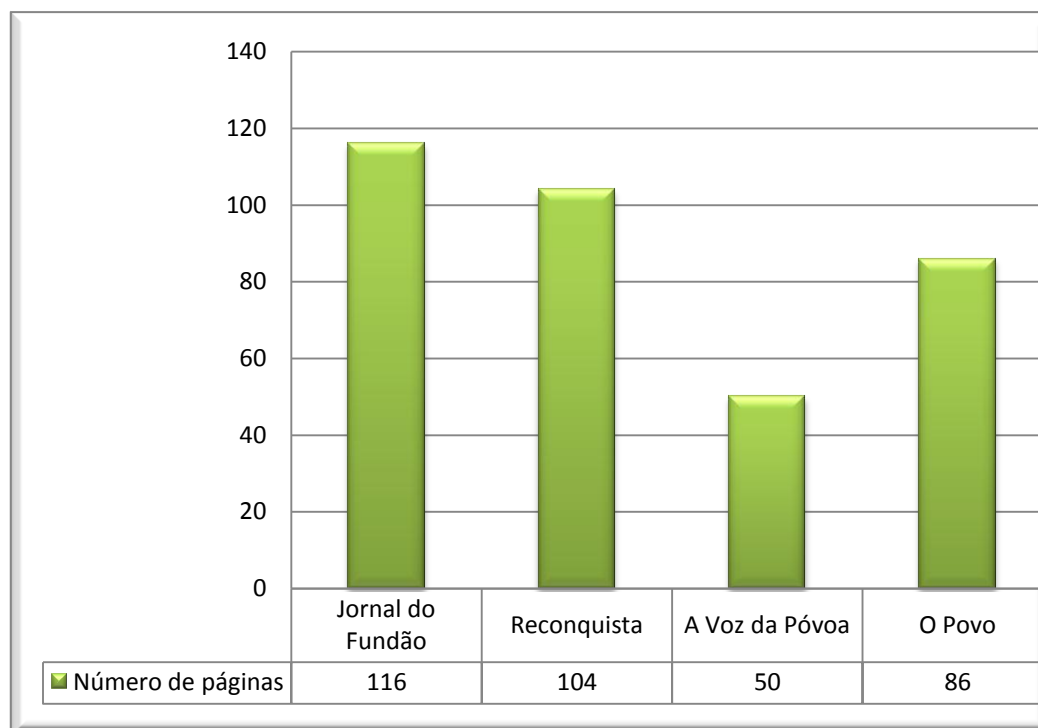
De acordo com estes dados confirmamos que no que respeita ao número de peças por jornal, o *Reconquista* fica em vantagem, com 1503, em seguida o *Jornal do Fundão* com 1217, com 763 encontra-se *O Povo* e *A Voz da Póvoa* regista um total de 438 peças. Portanto, neste caso, o número de páginas dos jornais por vezes não corresponde ao número de peças difundidas. Note-se o caso dos jornais *Reconquista* e *Fundão*. No primeiro, apesar de o número de páginas ser menor apresenta um maior número de peças difundidas, o que não acontece com o *Jornal do Fundão*, que apesar de se destacar no número de páginas não se distingue no total de peças difundidas.

6.4.1 Primeira página

As notícias que compõem as primeiras páginas, em cada jornal, vão de encontro com aquilo que pretendemos averiguar: que lugar ocupa a cultura na imprensa regional. Quisemos perceber quais os temas que predominam nas primeiras páginas dos jornais em análise. Contabilizamos um total de 356 peças, sendo que o *Jornal do Fundão* conta com 116 peças, o *Reconquista* 104, o jornal *A Voz da Póvoa* tem um total de 50 peças de primeira página e *O Povo*

86 (ver anexo 13). Embora não aplicados em outro tipo de análise, incluímos, para esta comparação, as peças que eventualmente só sejam referidas em suplementos. A figura mostra-nos o número de peças de primeira página por jornal.

Figura 4: Total de peças de primeira página por jornal (n°)



Com estes dados percebemos que o *Jornal do Fundão* continua a demarcar-se dos outros com 33% do total de peças da nossa amostra de primeiras páginas. Com 29% está o jornal *Reconquista*, 24% corresponde ao jornal *O Povo* e com apenas 14%, o jornal *A Voz da Póvoa*. Ora, à partida já esperávamos este resultado uma vez que é por esta mesma ordem que estão representados quanto ao número de páginas, já no número de notícias difundidas por cada um, já verificamos que os dados se alteram.

6.4.1.1 Os géneros na primeira página

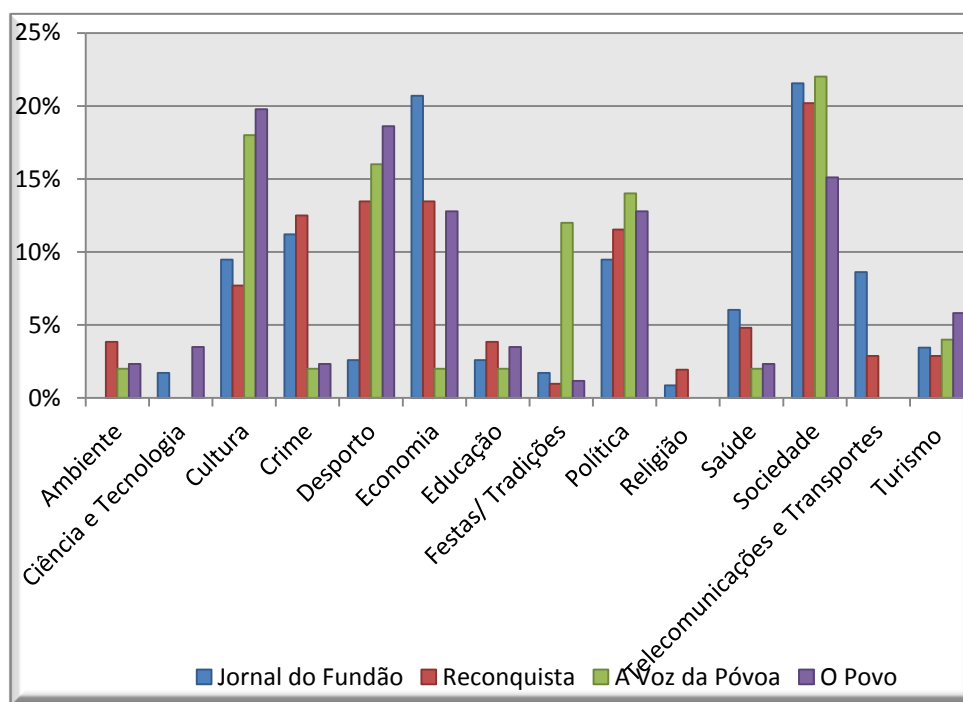
A partir das primeiras páginas dos semanários, pretendemos comparar as opções temáticas de cada jornal, bem como perceber se a presença do mesmo tema é unânime nos quatro. Recorremos aos dados anteriormente referidos, um total de 356 peças, distribuídas por 116 no *Jornal do Fundão*, 104 no *Reconquista*, 86 no jornal *O Povo* e 50 peças no *A Voz da Póvoa*.

Desta forma, concluímos que no total das peças de primeira página o tema Sociedade é o que mais se destaca, embora haja um jornal em que esta categoria não está demarcada em primeiro lugar. Assim, ocupa 22% no jornal *A Voz da Póvoa*, 21% no *Jornal do Fundão*, 20% no *Reconquista* e um total de 15% no jornal *O Povo*. Neste último, a categoria que mais destaque tem é a Política, contabilizando 20% das peças. No *Jornal do Fundão*, para além da categoria Sociedade, destacam-se de igual forma a Economia (21%), seguindo-se Crime (13%), Cultura (9%), Política (9%), Telecomunicações e Transportes (9%), Saúde (6%), Desporto, Educação e Turismo (3%), Ciência e Tecnologia e Festas e Tradições (2%), Religião (1%), sendo que as categorias de Ambiente e Outro não contabilizam nenhuma peça (anexo 14)

No *Reconquista* os temas Economia e Desporto somam cada um 13% das peças de primeira página, Política (12%), Crime (12%), Cultura (8%), Saúde (5%), Ambiente (4%), Educação (4%), Telecomunicações e Transportes (3%), Turismo (3%), Festas e Tradições (1%) e as categorias de Ciência e Tecnologia e Outro não somam peças de primeira página (anexo 15). Por sua vez, *O Povo* assume em primeiro lugar o tema Cultura (20%), Desporto (19%), Sociedade (15%), Economia (13%), Política (13%), Turismo (6%), Ciência e Tecnologia (4%), Educação (3%), Ambiente (2%), Saúde (2%), Festas e Tradições (1%), as categorias de Religião, Telecomunicações e Transportes e Outro não têm peças de primeira página (anexo 17).

A Voz da Póvoa contabiliza 18% em peças de Cultura, Desporto (18%), Política (14%), Festas e Tradições (12%), Turismo (4%), Outro (4%), Saúde (2%), Crime (2%), Ambiente (2%), Economia (2%), os temas de Ciência e Tecnologia, Religião e Telecomunicações e Transportes não são referidos (ver anexo 18). A figura abaixo representada mostra as diferenças e semelhanças dos temas das peças de primeira página (anexo 16).

Figura 5: Géneros jornalísticos das peças de primeira página por jornal (%)



Com esta representação entendemos que relativamente a cada tema não existe uma variação significativa, que no *Jornal do Fundão* as categorias de Sociedade e Economia se destaquem mais. O jornal *Reconquista* evidencia, para além destas, ainda a categoria de Desporto. *A Voz da Póvoa* dá igual importância à categoria de Sociedade, seguida da Cultura, tema que também o jornal *O Povo* mais destaca, tal como o Desporto. É de notar que em todos os jornais as peças que se referem a temas como Religião, Telecomunicações e Transportes e Ciência e Tecnologia estão praticamente ausentes nas primeiras páginas.

Interessa-nos já aqui verificar o destaque dado às peças de cultura. Como já referido, de entre os quatro jornais, aquele que mais salienta a cultura é, sem dúvida, o jornal *O Povo*, podendo deduzir, ou não, que será aquele que igualmente divulga mais notícias sobre esta temática.

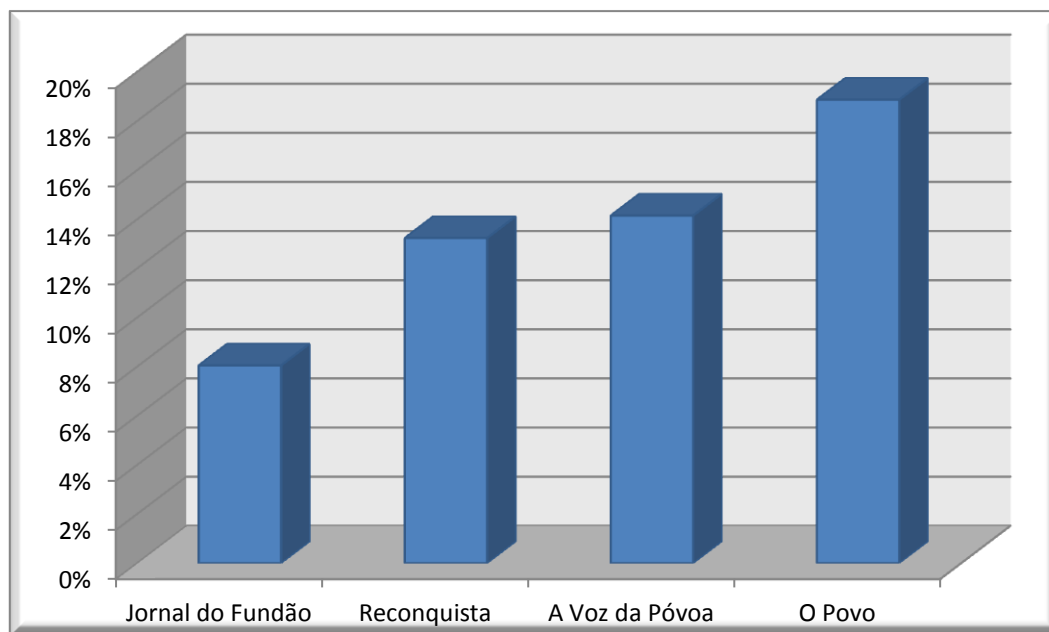
6.4.2 As peças de cultura

Uma das partes que mais nos interessa neste trabalho é perceber realmente qual o peso das notícias de cultura nos quatro jornais regionais. Assim, realizamos tabelas onde contabilizamos o total de peças sobre cultura em cada edição dos semanários (anexo 18). Interessa-nos de igual forma esclarecer se o número de páginas de cada jornal reflete no número

de peças sobre cultura, ou seja, se quanto maior for o número de páginas mais notícias sobre cultura podemos encontrar.

De acordo com os dados analisados, o *Jornal do Fundão*, na soma de todas as edições, contabiliza um total de 98 peças sobre cultura, enquanto o *Reconquista* apresentou 199 peças, *A Voz da Póvoa* 62 e o jornal *O Povo* soma 144 peças. Segundo estes dados, e uma vez contabilizadas todas as peças difundidas por cada jornal, vejamos qual a percentagem das peças de cultura.

Figura 6: Total das peças de cultura por jornal (%)



Percebemos desde já que o jornal que apresenta mais notícias sobre cultura é claramente *O Povo*, com uma percentagem de 19%. Assim sendo, este jornal que tem um total de 763 peças dedica 19% ao tema cultura. Por sua vez, o *Jornal do Fundão*, que apresenta na totalidade 1217 peças, a temática cultura apenas representa 8% dessas peças, o que podemos desde já concluir que é um número muito reduzido. O jornal *A Voz da Póvoa*, que é o jornal que menos notícias tem (438), contabiliza 14% de peças sobre cultura. O *Reconquista*, com 1503 peças na totalidade, dedica 13% à cultura. Concluimos por isso que a percentagem de peças de cultura, face ao total das peças difundidas por cada jornal, é maior nos jornais do litoral do país.

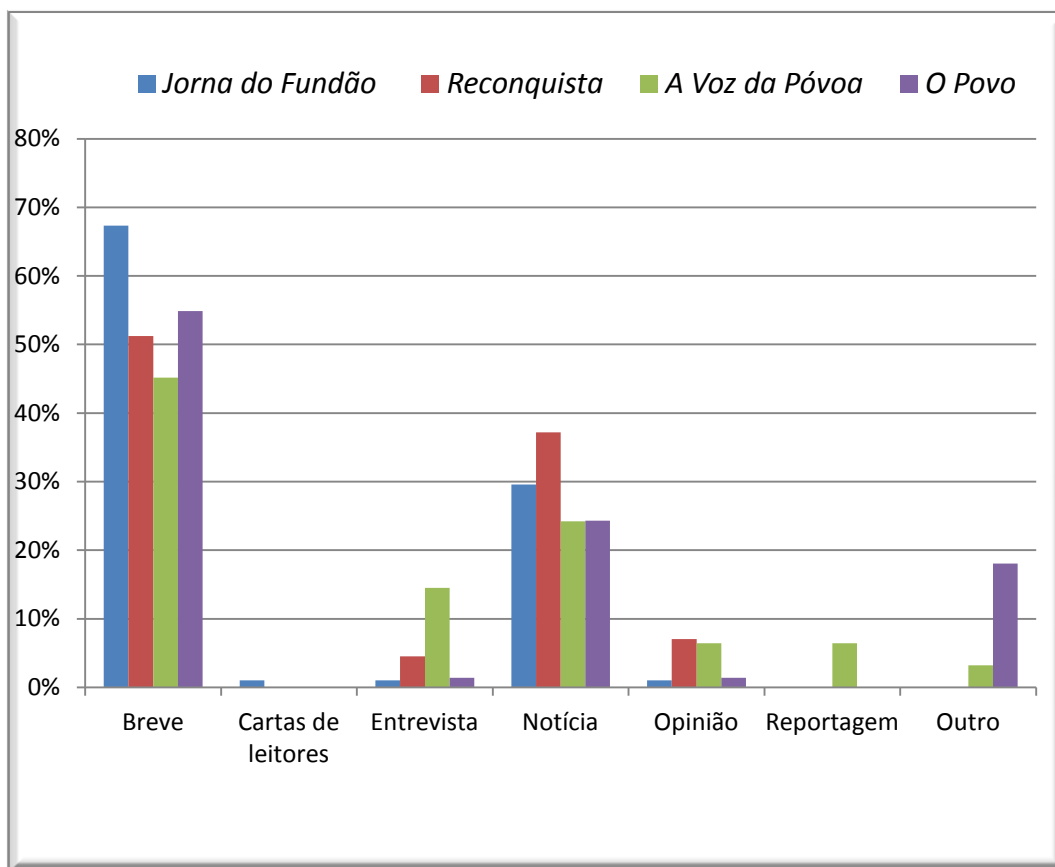
6.4.3 Género jornalístico das peças de cultura

Pelo que já verificamos, a cultura não é o tema que mais prevalece nas páginas dos semanários analisados. Interessa-nos agora perceber, de entre as notícias culturais divulgadas, quais os géneros jornalísticos que mais se destacam. Para isso realizamos tabelas que nos ajudaram a contabilizar, de cada peça de cultura, os géneros mais utilizados em casa jornal (anexos 19, 20, 21 e 22).

De todos os géneros jornalísticos decidimos referir a Breve, Cartas de Leitores, Entrevista, Notícia, Opinião, Reportagem e Outro. Assim, para além de verificarmos o peso da cultura na imprensa regional também achamos importante perceber qual o género jornalístico mais utilizado nas peças de cultura pelos quatro jornais. Pretendemos assim perceber até que ponto os quatro jornais optam pelo mesmo género jornalístico.

Neste caso, num total de 503 peças, foram utilizadas 275 para o género Breve, significando 55% das peças. A seguinte figura revela-nos a percentagem das peças sobre cultura por género jornalístico em cada jornal.

Figura 7: Total de peças de cultura por género jornalístico nos jornais em análise (%)



Concluimos então que todos os jornais dão preferência ao mesmo género jornalístico, Breve, para divulgação das peças sobre cultura. O *Jornal do Fundão* num total de 98 peças sobre cultura, 66 são Breves o que representa 67% das peças divulgadas, de seguida segue-se as Notícias como segundo género jornalístico de eleição para as peças de cultura, com 30%, a Entrevista, Opinião e Cartas de Leitores ocupam 1% no género escolhido, já a Reportagem não inclui notícias desta categoria. O *Reconquista*, com 199 peças sobre cultura escolhe também a Breve como género de eleição, representando 51%. De seguida encontra-se também a Notícia, que ocupa 37%, a Opinião com 7% e a Entrevista com 5% das notícias de cultura.

Relativamente ao jornal *A Voz da Póvoa*, o género jornalístico Breve representa 45% das peças, seguido da Notícia (24%), Entrevista (15%), a Opinião e a Reportagem 6%, enquanto 3% dizem respeito a Outro género jornalístico. Já *O Povo* conta com 55% das peças representadas como Breve, seguido da Notícia com 24%. Destaca-se aqui os 18% atribuídos a um outro género que não os identificados. Quanto à Entrevista e à Opinião, apenas completam 1% das peças.

Sem dúvida que, neste ponto de análise, o género jornalístico mais utilizado nas peças de índole cultural é a Breve, representando, em quase em todos os jornais, mais de metade das peças divulgadas.

6.4.4 O enquadramento das peças sobre cultura

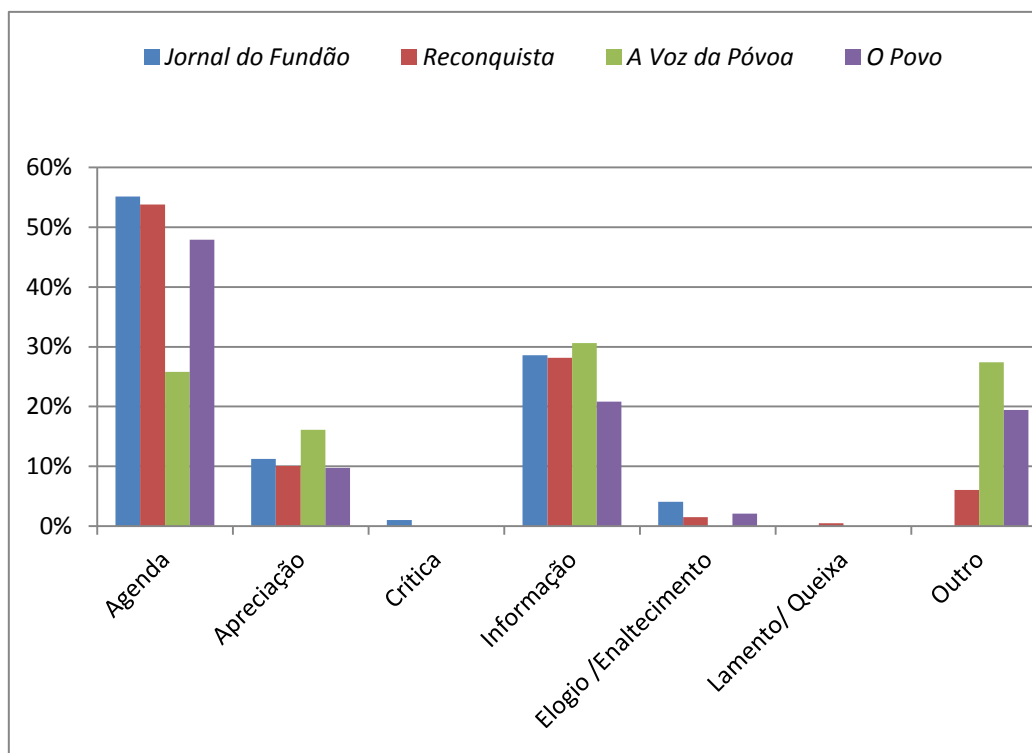
Identificado o género jornalístico mais utilizado, é-nos igualmente importante verificar qual o enquadramento que cada jornal atribui às peças culturais. Concluimos que para o tema cultura deveríamos definir, à partida, o que poderia estar dentro deste tema.

Deparamo-nos com dados bastante díspares em relação ao enquadramento. É de notar que, a maioria das peças de cultura estão enquadradas na divulgação de notícias em forma de agenda. Deste modo, no total das 503 peças sobre cultura, 246 correspondem a notícias de agenda, representando 51% das peças.

Os dados apresentados demonstram que o Jornalismo Cultural, ou se preferirmos as notícias de cariz cultural, vive muito da agenda. O *Jornal do Fundão*, por exemplo, tem um total de peças, divulgadas em forma de agenda, de 54, correspondendo a uma percentagem de 55%. O *Reconquista*, do total de 199 peças, 107 são consideradas de agenda, o que faz corresponder a 54% das peças. Se verificarmos quanto ao jornal *A Voz da Póvoa*, que dedica 62 peças à informação cultural, 16 são em formato de agenda (26%), sendo o jornal que menos destaque dá a este tipo de enquadramento. Por sua vez, *O Povo* faz corresponder 48% das peças de cultura à agenda (anexo 23, 24, 25 e 26).

Para que melhor percebamos estes dados e os possamos comparar, representamos a seguinte figura.

Figura 8: Total das peças de cultura por enquadramento nos jornais em análise (%)



Percebemos, desta forma, que para além do jornal *A Voz da Póvoa*, todos os outros apresentam a *Agenda* como preferência no enquadramento das peças de cultura. O enquadramento predileto do jornal *A Voz da Póvoa* para a cultura é o *Informativo*, representando 31% das peças, seguindo-se o género *Outro* (27%), 16% das peças correspondem a uma *Apreciação*, sendo que *Crítica*, *Elogio/ Enaltecimento* e *Lamento/ Queixa* não vêm destacados nas notícias de cultura presentes em cada edição do jornal. A nível do enquadramento de carácter *Informativo*, os quatro jornais estão praticamente ao mesmo nível, sendo que no *Jornal do Fundão* representa 29% das peças, seguindo-se o *Reconquista* com 28% e *O Povo* com 21% das peças.

A *Apreciação* está igualável nos quatro jornais, destacando-se o jornal *A Voz da Póvoa* tal como referido, sendo que no *Jornal do Fundão* ocupa 11%, no *Reconquista* e no jornal *O Povo* 10%. É de notar que o enquadramento das notícias de cultura em termos de *Crítica* ou *Lamento* quase não há referência, a não ser no *Jornal do Fundão* em que 1% corresponde à *Crítica* e no *Reconquista* 1% corresponde a *Lamento/ Queixa*.

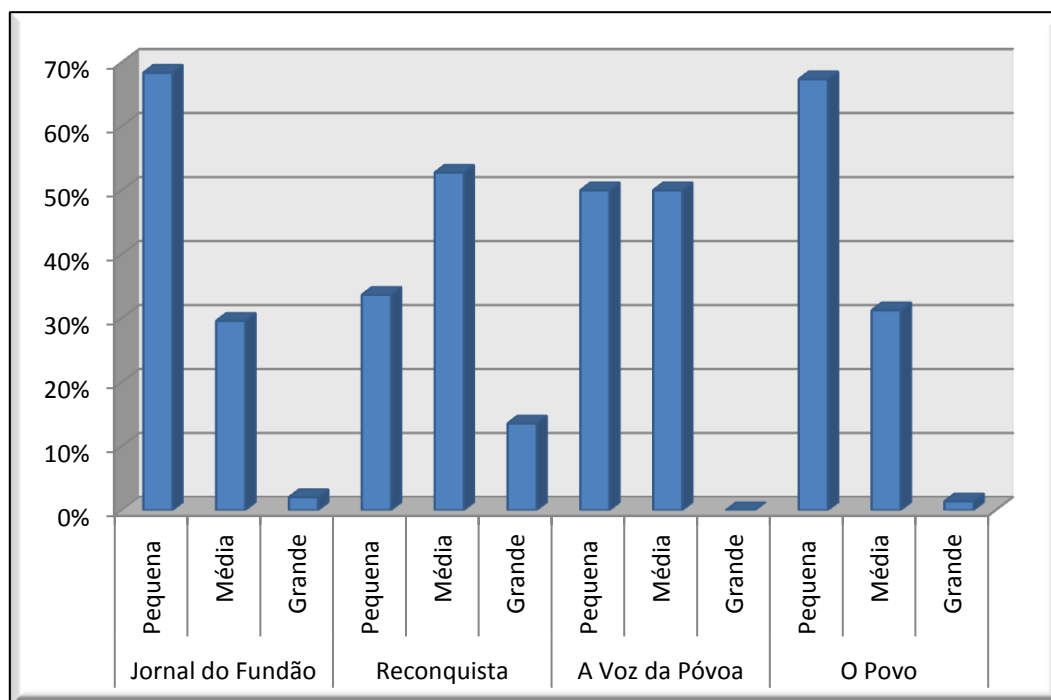
6.4.5 Dimensão das peças de cultura

Achamos por bem definir qual a dimensão das notícias culturais em cada um dos quatro jornais para que nos fosse possível perceber qual o destaque e a importância que essas notícias têm nas páginas dos semanários regionais. Para isso, utilizamos o total das peças sobre cultura e atribuímos dimensões às peças de cultura.

Já percebemos que de uma maneira ou de outra, de uma forma mais ou menos notável, todos os jornais fazem referência aos vários gêneros jornalísticos bem como ao tipo de enquadramento das notícias sobre cultura. Contudo, já obtivemos também o resultado de que o enquadramento que mais destaque tem é, sem dúvida, a agenda. Portanto, à partida a dimensão das notícias culturais não irá ser muito extensa. Para concluirmos esta afirmação utilizamos a escala de pequena, média e grande, fazendo corresponder a cada um dos jornais (anexo 27, 28, 29 e 30).

A contagem resultante da análise mostra-nos que, num total de 503 peças, 262 são de dimensão pequena, o que corresponde a 52% das peças, sendo que o maior número de peças de cultura, consideradas como pequenas, pertence ao *Jornal do Fundão*. Mas, vejamos a figura 9 que nos mostra, em comparação, a percentagem das notícias de cultura de acordo com a sua dimensão.

Figura 9: Dimensão das peças de cultura por jornal (%)



Dos resultados apresentados aquilo que mais se destaca é as peças de cultura de grande dimensão. À exceção do *Reconquista*, que apresenta uma taxa de 14% de peças, os outros jornais praticamente não divulgam informação cultural de grande dimensão. No jornal *A Voz da Póvoa* chega mesmo a ser inexistente. *O Povo* apresenta 1% para as notícias consideradas grandes, enquanto o *Jornal do Fundão* sobe para os 2%. No que diz respeito às notícias médias, o *Reconquista* está na frente com 53% das peças, logo de seguida está *A Voz da Póvoa* com 50% das peças, já com um número mais reduzido está o jornal *O Povo*, 31%, e por fim o *Jornal do Fundão* com 30%.

Ao contrário das peças de grande dimensão, todos os jornais têm uma elevada percentagem de notícias pequenas. Sendo que o *Jornal do Fundão* é o que mais se destaca, apresentando 68% das peças. Apenas com a diferença de um ponto percentual está *O Povo*, somando 67%. Por sua vez o jornal *A Voz da Póvoa* iguala as notícias médias com as pequenas, 50%, sendo que nesta questão de dimensão das peças culturais, o *Reconquista* é o jornal que menos taxa tem relativamente às notícias pequenas, totalizando 34% das peças.

6.4.6 Que cultura?

Vistas as peças de cultura que fazem parte das edições dos quatro jornais analisados, percebemos que, independentemente do destaque, todos os jornais fazem referência a peças de cultura. O que nos importa agora compreender é que tipo de cultura está patente nas páginas dos jornais regionais. Interessa-nos também tentar perceber se as diferenças geográficas, uma vez que dois dos jornais se encontram no Interior do país e outros dois localizados mais perto do Litoral Norte.

Segundo a nossa perspetiva, entendemos que no litoral, seja norte, centro ou sul, é mais comum a divulgação de acontecimentos culturais, como teatro, cinema, pintura, festivais de música, entre outro. E embora não analisemos ao pormenor esta hipótese (de que a implementação geográfica dos jornais influencia a divulgação de notícias culturais), talvez consigamos obter resultados através do número de peças e do tipo de cultura.

Neste ponto interessa-nos essencialmente perceber qual o tipo de cultura presente nas peças dessa categoria. Assim, aproveitamos para análise o total de peças de cultura dos quatro jornais (503). No entanto algumas dessas peças não foram incluídas neste tópico. Retiramos para análise as peças de opinião e as que pertencessem à categoria Outro, já anteriormente explicada. Contabilizamos, para o efeito, um total de 92 peças no *Jornal do Fundão*, 179 no *Reconquista*, 56 no jornal *A Voz da Póvoa* e 112 no jornal *O Povo*. Ora, se no total das peças de cultura contabilizamos 503, podemos então concluir que só 87% é que entram nas categorias agora

apresentadas. Escolhemos então a Cultura Popular, Erudita e de Massas para enquadrar as peças já analisadas.

Analisando individualmente cada jornal, no caso do *Jornal do Fundão*, as 92 peças distribuem-se, da seguinte forma, pelo tipo de cultura:

Tabela 2: Total de peças de Cultura de acordo com o tipo no *Jornal do Fundão*

Semana \ Tipo	Popular	Erudita	Massas	Total
3 Out a 10 Out	2	3	0	92
10 Out a 16 Out	5	3	0	
17 Out a 23 Out	3	4	0	
24 Out a 30 Out	1	3	1	
31 Out a 6 Nov	0	3	2	
7 Nov a 13 Nov	4	1	1	
14 Nov a 20 Nov	6	3	1	
21 Nov a 27 Nov	4	4	2	
28 Nov a 4 Dez	2	9	0	
5 Dez a 11 Dez	2	3	1	
12 De a 18 Dez	3	4	4	
19 Dez a 25 Dez	1	3	1	
26 Dez a 1 de Jan	0	2	1	
TOTAL	33	45	14	

A tabela acima representada diz-nos que no que respeita ao *Jornal do Fundão*, o tipo de cultura mais utilizado na divulgação das peças é a Erudita, contabilizando um total de 45 peças, seguindo-se a cultura Popular e por último a de Massas.

No jornal *Reconquista*, em que o total de peças de cultura era 199, verificamos que para esta análise apenas se contabilizaram 179. Apresentamos igualmente uma tabela que explica os valores das peças por tipo de cultura.

Tabela 3: Total de peças de Cultura de acordo com o tipo no *Reconquista*

Semana \ Tipo	Popular	Erudita	Massas	Total	
3 Out a 10 Out	3	10	4		
10 Out a 16 Out	8	6	5		
17 Out a 23 Out	3	4	1		
24 Out a 30 Out	1	6	5		
31 Out a 6 Nov	4	9	6		
7 Nov a 13 Nov	2	10	1		
14 Nov a 20 Nov	5	4	4		
21 Nov a 27 Nov	5	6	2		
28 Nov a 4 Dez	2	3	4		
5 Dez a 11 Dez	6	7	3		
12 De a 18 Dez	7	5	3		
19 Dez a 25 Dez	5	5	2		
26 Dez a 1 de Jan	4	7	2		
TOTAL	55	82	42		179

Desta forma concluímos que neste jornal o género de cultura mais utilizado é a Erudita com um total de 82 peças, seguindo-se a cultura popular, com 55 peças e por fim a cultura de massas, somando 42 peças.

Falemos do jornal *A Voz da Póvoa*. Este contabiliza um total de 62 peças de cultura, mas apenas 56 fazem parte desta análise. Utilizando estes dados percebamos como estão distribuídas pelo tipo de cultura. Vejamos a tabela abaixo apresentada.

Tabela 4: Total de peças de Cultura de acordo com o tipo no jornal *A Voz da Póvoa*

Semana \ Tipo	Popular	Erudita	Massas	Total	
3 Out a 10 Out	1	4	0		
10 Out a 16 Out	2	1	1		
17 Out a 23 Out	5	2	0		
24 Out a 30 Out	3	3	0		
31 Out a 6 Nov	3	2	1		
7 Nov a 13 Nov	1	1	0		
14 Nov a 20 Nov	1	1	0		
21 Nov a 27 Nov	1	2	0		
28 Nov a 4 Dez	1	3	0		
5 Dez a 11 Dez	2	0	1		
12 De a 18 Dez	5	2	0		
19 Dez a 25 Dez	5	1	0		
26 Dez a 1 de Jan	1	0	0		
TOTAL	31	22	3		56

Os resultados mostram-nos que no universo das 56 páginas que agrupam estes géneros de cultura, o jornal *A Voz da Póvoa* divulga um total de 31 peças de cariz popular, enquanto de cultura erudita contabiliza 22 peças e de cultura de massas apenas três.

No que respeita ao jornal *O Povo*, verificamos que num total de 144 peças apenas 112 têm características para contabilizarem as categorias de cultura popular, erudita e de massas. Por isso, mostramos a seguinte tabelas para que percebamos os resultados obtidos.

Tabela 5: Total do número de peças pelo tipo de cultura no jornal *O Povo*

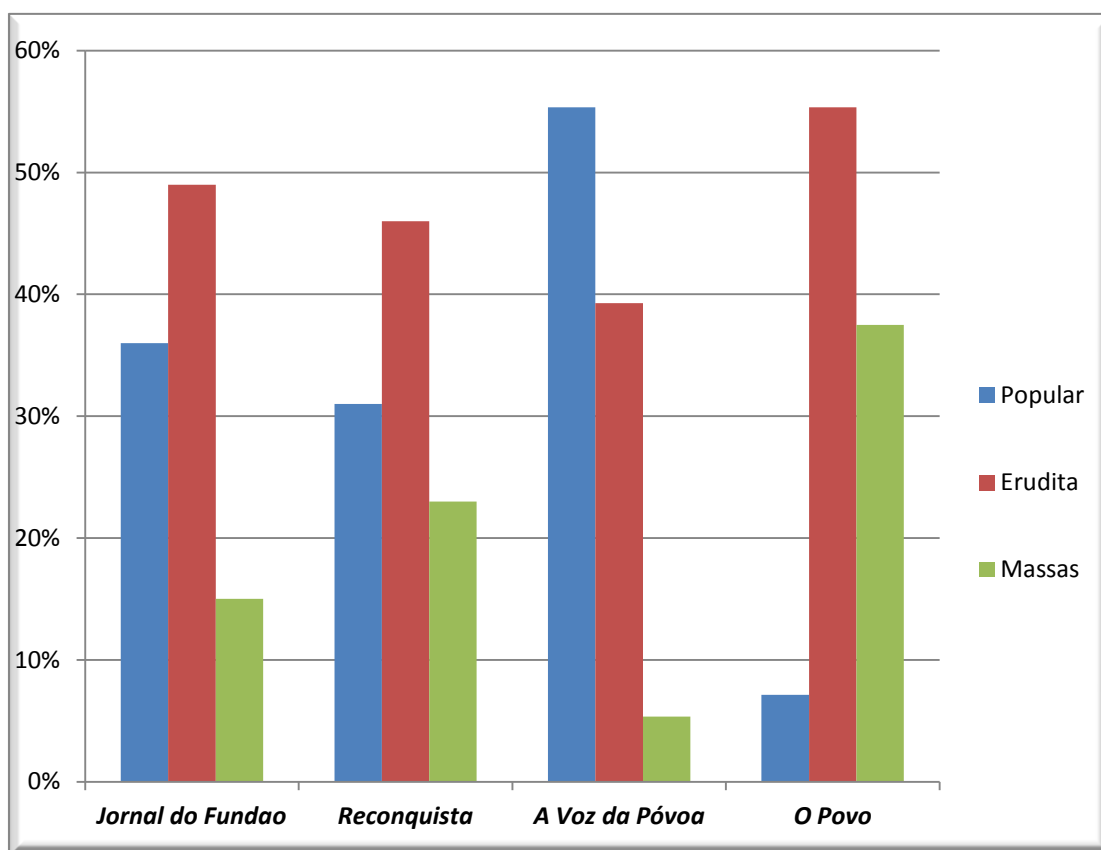
Semana \ Tipo	Popular	Erudita	Massas	Total
3 Out a 10 Out	1	3	5	112
10 Out a 16 Out	0	5	4	
17 Out a 23 Out	1	4	1	
24 Out a 30 Out	1	5	2	
31 Out a 6 Nov	1	7	2	
7 Nov a 13 Nov	1	6	3	
14 Nov a 20 Nov	0	2	4	
21 Nov a 27 Nov	0	7	5	
28 Nov a 4 Dez	0	6	3	
5 Dez a 11 Dez	0	6	4	
12 De a 18 Dez	0	4	6	
19 Dez a 25 Dez	2	4	1	
26 Dez a 1 de Jan	1	3	2	
TOTAL	8	62	42	

Através destes dados concluímos que num total das 112 peças que compõem as categorias da cultura, 62 pertencem à cultura erudita, 42 são difundidas com base numa cultura de massas, sendo que a cultura popular só soma 8 peças.

Talvez seja pertinente comparar, em percentagem, os dados acima representado nos quatro jornais. Assim, conseguimos perceber realmente se, sendo jornais regionais, o tipo de cultura condiz com esse género de imprensa. Percebemos também, nessa análise, que percentagens atribuem os jornais a cada tipo de cultura e se há diferenças regionais a esse nível. Ou seja, queremos verificar se as notícias de Cultura Popular, Erudita e de Massas estão mais evidenciadas no Litoral ou no Interior.

Ao longo das 13 edições de cada jornal e num total de 3921 peças vejamos a percentagem de notícias de cultura erudita, popular e de massas.

Figura 10: Total de notícias por evento cultural (%)



Conclui-se que em termos percentuais, o tipo de cultura optado pela maioria dos jornais é a erudita, à exceção do jornal *A Voz da Póvoa*, que opta pela cultura popular.

Assim, relativamente à cultura erudita o *Jornal do Fundão* acumula 49% das peças, seguindo-se *O Povo* com 55%, o *Reconquista* soma 46% e o jornal *A Voz da Póvoa* conta com 39% das peças. Por sua vez, as peças de cultura popular destacam-se no jornal *A Voz da Póvoa*, somando uma percentagem de 55% das peças. No *Jornal do Fundão* totaliza-se 36%, no *Reconquista* 46%, sendo *O Povo* aquele que menos peças, de cultura popular, difunde, 7%. Uma taxa bastante reduzida comparada com os outros jornais. A cultura de massas tem mais destaque no jornal *O Povo*, 38% das peças. Nos restantes somam-se 23% no *Reconquista*, 15% no *Jornal do Fundão* e no jornal *A Voz da Póvoa* apenas 5% das peças de cultura pertencem à categoria de cultura de massas.

Podemos desde já salientar que antes desta análise deduzimos que, falando de jornais regionais, as peças com maior destaque seriam aquelas que se incluem na cultura popular, o que, segundo os resultados não se comprova.

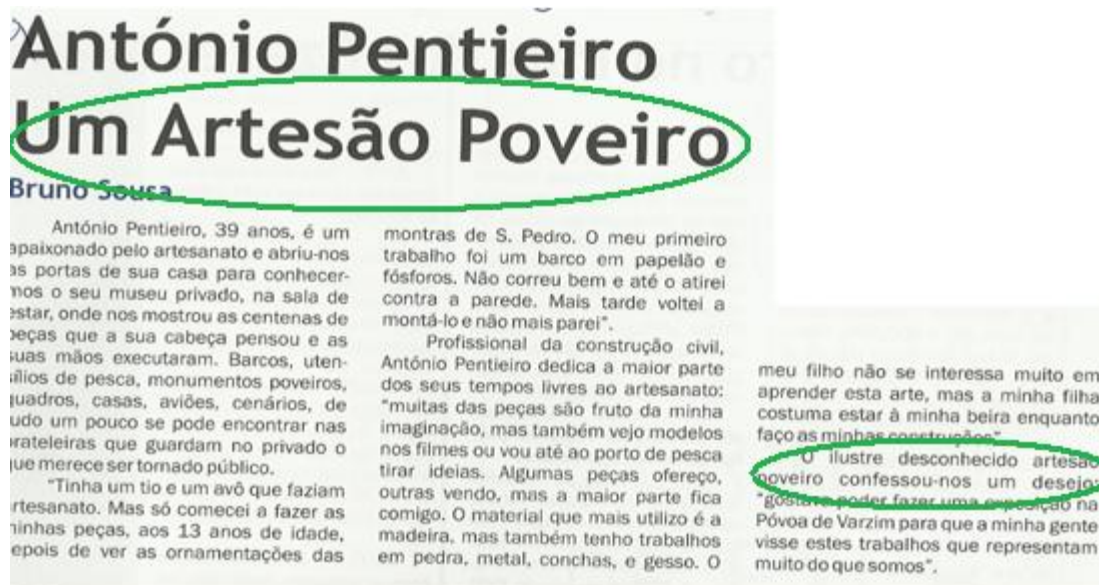
6.5 Análise qualitativa

Quanto à análise qualitativa, escolhemos fazer uma observação aos textos das peças de cultura analisadas, dos quatro jornais, de forma a identificar traços dos tipos de cultura que estes transmitem. Neste sentido, a análise qualitativa permitirá identificar “a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração” (Bardin, 1977, p.21). A análise qualitativa é a descritiva e os dados têm como base as comunicações, em que são recolhidos por texto/ palavras ou imagens, não números.

Assim sendo, procuramos através das notícias que se enquadram no género popular, erudito ou de massas, compreender se existem traços semelhantes que liguem estas notícias a marcas de regionalismo ou proximidade. Ou seja, quisemos verificar se os títulos e o conteúdo, destes jornais regionais, independentemente do tipo de cultura, englobam características típicas da região onde estão inseridos. Portanto, e relativamente às peças de cultura popular, quisemos comprovar se apenas são consideradas como notícias de cultura popular pelo seu conteúdo ou por fazerem referência à população. Ou seja, por cultura popular entende-se tudo aquilo que advém do povo, como os costumes e tradições, mas podemos igualmente incluir nesta definição a música popular, como o folclore, o artesanato, entre outros. Mas, tratando-se do jornalismo, e consequentemente de peças jornalísticas, pode também entender-se dentro da cultura popular assuntos que digam respeito simplesmente à população, histórias e/ ou trabalhos desenvolvidos por ela. Daí que nos interesse analisar o seu conteúdo, de modo a compreender se às peças de cultura popular interessa as suas práticas ou os seus protagonistas.

Começamos pelas notícias de cultura popular. O jornal *A Voz da Póvoa*, que numa das suas peças caracterizadas como cultura popular refere o título “António Pentieiro um artesão poveiro” (2/11/2011, p.16). Notamos desde já marcas de proximidade, uma vez que se refere a um artesão que, por sinal, é da mesma região do jornal. Não é apenas uma notícia de cultura popular por mencionar o artesanato mas também porque relata-a como um trabalho que é desenvolvido pela população.

Figura 11 - Exemplo de notícia de cultura popular no jornal *A Voz da Póvoa*



In: *A Voz da Póvoa*, 2/11/2011, p.16

O mesmo acontece no jornal *O Povo*, onde as notícias de carácter cultural têm marcas de proximidade uma vez que refere ações, trabalhos, em que a população participa ativamente. Como exemplo pode tomar-se o título "Grupo Ceifeiras de Gondar actua na Suíça" (28/10/2011). Por si só a notícia já é de carácter popular, falando da música popular, do folclore. No entanto faz também referência a marcas de proximidade, nomeadamente a referência à localização do próprio jornal, bem como às tradições vividas e produzidas na região. A notícia começa desde logo a frisar a cidade de Guimarães e mesmo centrando-se num acontecimento que ocorrerá no estrangeiro, Suíça, volta a realçar a cidade do jornal.

Figura 12 - Exemplo de notícia de cultura popular no jornal *O Povo*

Folclore

Grupo Ceifeiras de Gondar actua na Suíça

O Grupo Folclórico Ceifeiras de Gondar vai representar a cidade de Guimarães e Portugal na Suíça. O grupo desloca-se, no próximo dia 5 de Novembro, à Suíça para participar no festival de folclore organizado pelo Rancho Folclórico Aldeias de Portugal de Baar-Zug.

A actuação do grupo naquele país vai divulgar as tradições e hábitos vimaranenses através do folclore.

In: *O Povo*, 28/10/ 2011, p.4

O *Jornal do Fundão*, nas peças caracterizadas como cultura popular, faz igualmente referência à participação de pessoas comuns e evidencia o seu trabalho. Baseia-se igualmente em notícias que divulguem assuntos como festas, artesanato, folclore, que, de uma maneira ou de outra, peças onde o povo interage diretamente. A peça difundida na edição de 15 de dezembro de 2011, intitulada “Um presépio de encantar” traduz-se nessas marcas de proximidade que são características desta cultura popular. A notícia assume-se com os marcos de âmbito regional, evidenciando a Vila de São Vicente da Beira, região próxima ao jornal.

Figura 13 - Exemplo de notícia de cultura popular no *Jornal do Fundão*



In: *Jornal do Fundão*, 15/12/2012, p.32.

O caso do jornal *Reconquista* não é diferente, mostra igualmente marcas regionais associadas ao tipo de cultura aqui identificado. Desta forma, tomamos por exemplo a peça com o título “Festa em Amarelos” (13/10/2011, p.16). Sem dúvida um exemplo da cultura popular, contanto por isso com muitas marcas de proximidade, esclarecendo ao pormenor que a ‘festa’ é na aldeia de Amarelos, na freguesia de Sarnadas pertencente ao concelho de Vila Velha.

Figura 14 - Exemplo de notícia de cultura popular no jornal *Reconquista*

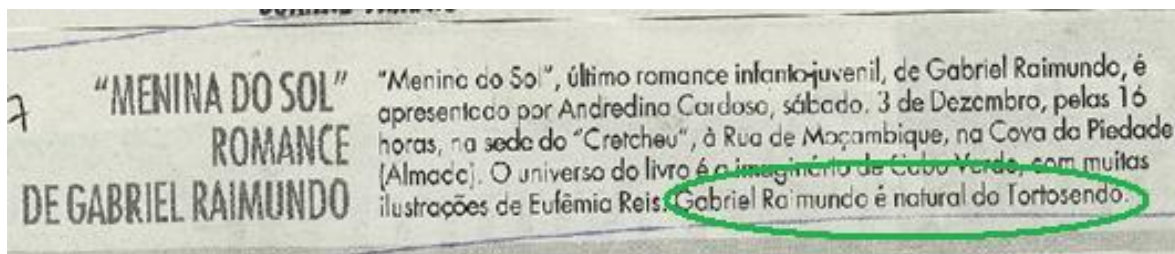


In: *Reconquista*, 13/10/2011, p.16

Pegamos em alguns exemplos de peças de cultura erudita dos quatro jornais para explorarmos a questão da proximidade. Tratando-se de um género de cultura diferente, a erudita, pretendemos verificar se as peças divulgadas a este nível têm igualmente traços de um jornalismo regional. Embora não se aplique em todos os casos, verificamos que na maioria as peças de cultura erudita, de uma maneira ou de outra, têm indícios de uma imprensa regional, de proximidade.

Começando pelo *Jornal do Fundão*, que apresenta uma peça que se intitula ““Menina do sol” romance de Gabriel Raimundo”. A notícia começa por fazer referência à apresentação de um livro, um romance infanto-juvenil, indica a informação da mesma mas realça que o autor é natural do Tortosendo, o que nos leva a considerar que, também em peças de cultura erudita, os traços de proximidade estão visíveis.

Figura 15 - Exemplo de notícia erudita no *Jornal do Fundão*



In: *Jornal do Fundão*, 1/12/2011, p.19

No caso do jornal *O Povo*, apesar de não tão significativas, encontramos marcas de regionalismo, marcas de proximidade. Consideramos exemplos de cultura erudita como o caso de exposições. Assim sendo, verificamos o caso abaixo representado, que não falando diretamente de um caso específico da região acaba por fazer referência à cidade de Guimarães, cidade onde está implantado o próprio jornal.

Figura 16 - Exemplo de notícia erudita no jornal *O Povo*

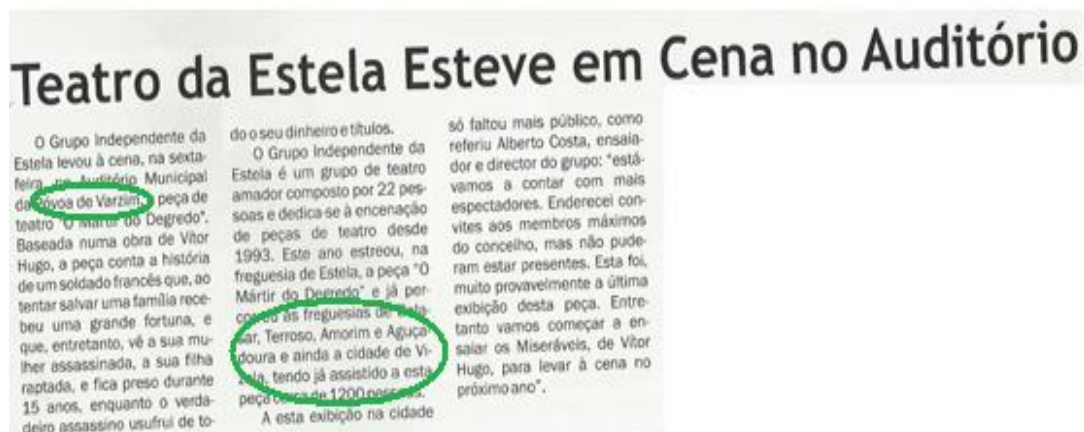
"Mãos Dadas" patente a partir de amanhã

É já este sábado que o Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura (CAAA) vai estrear a exposição "Mãos Dadas", que resulta das 15 residências artísticas promovidas pela área programática Comunidade da Capital Europeia da Cultura 2012. Esta mostra inclui uma série de mostras permanentes - de amanhã até 27 de Novembro - e as actividades performativas "Histórias sem fim", "Mais de uma hora de luz" e "Retratos da nossa gente", que decorrem a 12, 19 e 26 de Novembro. Durante os primeiros dez meses do ano, Guimarães convidou diversos artistas a instalarem-se na cidade, por períodos fixos e a mobilizarem a população local para oficinas abertas, de acordo com a sua representação artística. Tendo como mote a expressão "Conte-nos o seu sitio", a comunidade explorou as memórias e olhares dos lugares através das mais variadas formas.

In: *O Povo*, 4/11/2011, p.11

Ainda no caso da cultura erudita, podemos ainda referir casos desse tipo de cultura. Desta forma, encontramos igualmente marcas do regionalismo e da proximidade. Todos os casos que são apresentados, e independentemente do tipo de cultura, fazem referência ou à cidade, vila ou aldeia, o que nos remete para uma ideia regional, mostrando que o jornal também está atento ao tipo de público, uma vez que refere sempre à sua região. O título apresentado pelo jornal *A Voz da Póvoa*, "Teatro da Estrela esteve em cena no auditório" vemos exemplos disso.

Figura 17 - Exemplo de notícia de cultura erudita no jornal *A Voz da Póvoa*



In: *A Voz da Póvoa*, 19/10/2011, p.15

No caso do *Reconquista* também encontramos exemplos de proximidade em notícias de cultura erudita. Desta forma, peças que digam respeito a teatro fazem sempre referência não só à peça em si mas também ao local que, quase sempre, refere a localidade onde o jornal está inserido. São este tipo de marcas que nos ajudam a compreender esta questão da proximidade entre jornal e leitor. Há sempre a preocupação de, mais do que incidir sobre a peça em si, reforçar a ideia do local. Tomemos como exemplo a peça difundida pelo jornal *Reconquista* na edição de 24 de Novembro.

Figura 18 - Exemplo de notícia de cultura erudita no jornal *Reconquista*



In: *Reconquista*, 24/11/2011, p.17

Uma vez referidos exemplos de notícias que se referiram à cultura popular e erudita, quisemos de igual forma expor alguns exemplos das peças sobre cultura de massas em cada um dos jornais. Desta forma, e desde já, verificamos que na maioria, os títulos acabam sempre por referir aspetos regionais, indicando a localidade onde estão inseridos, se os protagonistas têm alguma ligação à região, entre outros.

Daí, verificamos então no jornal *A Voz da Póvoa*. Faz referência à indústria discográfica, logo à partida cultura de massas. Contudo, divulga essa notícia com referência ao seu protagonista uma vez que é da mesma região que o jornal, tendo por título “Álbum de Rap Poveiro”. Vejamos as marcas de proximidade na peça, onde é notável a referência à cidade de Póvoa de Varzim, como a utilização do termo como ‘poveiros’. Para além da região, os protagonistas são marcas de proximidade.

Figura 19 - Exemplo de notícia de cultura de massas no jornal *A Voz da Póvoa*



In: *A Voz da Póvoa*, 12/10/2011, p.11

No caso do *Jornal do Fundão* encontramos peças de cultura de massas que remetem para marcas de proximidade, fazendo referência, neste caso, aos atores sociais referidos nas peças. Falando na indústria cinematográfica, o jornal faz referência à peça com o título “Jovens cineastas vencem prémio”. Neste caso em específico, encontramos explicitamente a referência aos jovens enquanto residentes na mesma zona onde o jornal está implementado, o Fundão. O que mais uma vez comprova que a imprensa regional faz jus ao termo utilizando as marcas de proximidade.

Figura 20 - Exemplo de notícia de cultura de massas no *Jornal do Fundão*



In: *Jornal do Fundão*, 17/11/2011, p.13

Ainda referente às peças de cultura de massas, verifiquemos o caso do jornal *Reconquista*. Este jornal faz, de igual forma, referência a marcas de proximidade. Utilizando o título "Noite Gélida compete em França", com referência a uma curta-metragem de Castelo Branco, o jornal frisa ao longo da peça que o autor é natural de Castelo Branco, comprovando assim que as peças, mesmo não sendo de índole regional, tem marcas de proximidade.

Figura 21 - Exemplo de notícia de cultura de massas no jornal *Reconquista*



In: *Reconquista*, 17/11/2011, p.18

O jornal *O Povo* também não é exceção. Apesar do título “João Canijo apresenta “Sangue do meu Sangue” em Guimarães”, não estar diretamente ligado a conteúdos regionais ou de proximidade, faz referência à região onde está implantado, a cidade de Guimarães. Portanto, consideramos também que tenha marcas de proximidade uma vez que a notícia é publicada, a nosso entender, porque o filme irá ser apresentado na cidade de Guimarães, daí estar referida no jornal.

Figura 22 - Exemplo de notícia de cultura de massas no jornal *O Povo*

João Canijo apresenta "Sangue do meu Sangue" em Guimarães

"Sangue do meu sangue" vai ser exibido esta terça-feira no Grande Auditório do Centro Cultural Vila Flor, inserido na programação do Cineclub de Guimarães. Esta sessão terá um convidado especial: o realizador do filme, João Canijo. A longa metragem já passou por vários festivais internacionais e foi visto por mais de quinze mil pessoas ao fim de quatro semanas nos cinemas. "Sangue do meu Sangue" conta a história de Márcia (Rita Blanco) é mãe de Cláudia (Cleia Almeida) e Joca (Rafael Morais) e irmã de Ivete (Anabela Moreira). Mãe solteira, vive numa casa no Bairro Padre Cruz, em Lisboa, com Ivete que a ajudou a criar os filhos e os ama como se fossem seus. O que ninguém esperava é que duas tragédias chegassem para marcar aquela família: Cláudia apaixonou-se por um dos seus professores da faculdade, casado, e Joca, um pequeno traficante cadastrado, contrai uma dívida com um homem perigoso.

In: *Jornal O Povo*, 18/11/2011, p.11

Capítulo 7 - Discussões dos resultados

Concluída a análise quantitativa, é necessário relembrar as hipóteses anteriormente colocadas neste estudo. Começando pelos temas de primeira página, pelo que seria de esperar, os temas das peças que vêm representadas nas primeiras páginas de cada jornal são similares. Num universo de 356 peças, o tema sociedade, que representa 20% das peças de primeira página, é o que menos discrepância apresenta aquando da comparação entre os jornais. Embora alguns temas sejam mais, ou menos, referidos que outros, em termos gerais as percentagens estão sempre próximas umas das outras. Concluímos portanto que nos temas de primeira página há padrões bastante diferentes quando enfatizados os temas culturais, que é o objetivo deste estudo. Desta forma, nos jornais Reconquista e Jornal do Fundão, a cultura é um tema claramente minoritário na primeira página e, por sua vez, nos jornais A Voz da Póvoa e O Povo, os temas culturais têm uma expressão muito considerável, a maior entre todos os temas de primeira página, no primeiro jornal, e a segunda, relativamente próximo do primeiro, no jornal de Guimarães. Proporcionalmente surgem bastante mais notícias de cultura nas primeiras páginas nos dois jornais do litoral.

É de facto do nosso interesse analisar as peças de cultura. Nesse sentido, propusemo-nos verificar se o número de páginas de cada jornal influencia a divulgação de notícias sobre cultura. Os resultados obtidos surpreenderam, uma vez que, os jornais que mais páginas têm não são os que mais notícias de cultura divulgam, isto a nível percentual. No entanto se analisarmos os dados de acordo com o total das peças difundidas por cada jornal, verifica-se que no caso do Reconquista, quanto maior é o número de peças maior o número de notícias de carácter cultural. Os jornais por si só são diferentes, quer em termos de páginas, conteúdo, número de peças, entre outros aspetos, devendo isso à sua implantação geográfica. À partida, consideramos que a difusão de notícias sobre cultura é maior no litoral, devido à centralização dos bens culturais e também porque é onde se concentra um maior número de pessoas. Por isso, podemos concluir que, no total de peças de cultura, o jornal Reconquista é o que mais se destaca. Agora, e se o avaliarmos em termos percentuais, há uma diferença significativa a esse nível.

Em termos de enquadramento das notícias sobre cultura, os jornais recorrem quase sempre à agenda, havendo um deles que não tem este enquadramento como o de eleição. O Jornal do Fundão, o Reconquista e O Povo têm mais de 48% de peças de cultura em contexto de agenda. Apenas o jornal A Voz da Póvoa opta por um enquadramento informativo para as peças sobre cultura.

Uma vez verificada a questão do enquadramento, e visto que a maioria dos jornais privilegiam a agenda para a divulgação das notícias de cultura, quisemos igualmente perceber o peso das notícias de cultura relativamente à sua dimensão. Neste contexto, os quatro jornais

quase que excluem as peças de grande dimensão. Contudo, dois deles, o Jornal do Fundão e O Povo, privilegiam as notícias de cultura que, pela sua extensão, se apresentam como pequenas enquanto o Reconquista e A Voz da Póvoa dão um maior ênfase às notícias de dimensão média. Portanto, não se confirma a hipótese anteriormente colocada, pois existem diferenças na dimensão das peças de cultura nos jornais em análise.

No que respeita aos géneros jornalísticos, e embora já apresentadas as semelhanças e diferenças, estes coincidem nos quatro jornais em análise. A breve é o género jornalístico que mais sobressai na divulgação das peças sobre cultura.

A hipótese que aplicamos na análise qualitativa confirma-se. Por certo, as peças de cultura têm marcas de proximidade, o que se traduz nas características do jornal: regional. O nome da região, ou regiões próximas dele, aparece quase sempre em todas as peças de cultura, sendo que, na maioria, as notícias são difundidas pelo jornal por aquele acontecimento estar ligado aquela região, que quase sempre é a mesma onde o jornal está localizado. Apesar das peças de cultura não se resumirem ao mesmo tipo, confirma-se que acabam sempre por fazer referência à região, aproximando-se do leitor.

Verificados os dados relativos à análise qualitativa, e apesar de em ambos os jornais as peças de cultura afirmarem a questão da proximidade, há diferenças nas variáveis consoante o tipo de evento cultural. Parece-nos que cada categoria se refere a um diferente tipo de proximidade, o que não afasta a hipótese previamente estabelecida - todas as peças de cultura têm marcas de proximidade.

Neste sentido, as peças de cultura popular parecem referir-se mais a algo que é produzido na própria região e por membros das comunidades locais, o que traduz que neste caso a cultura funciona como um elo de ligação interno da comunidade regional. No caso da cultura erudita, apesar de haver igualmente referência a marcas de proximidade, acontece de maneira diferente. Do que nos foi possível averiguar é que há um conjunto de obras produzidas por artistas da região que são patenteadas fora do território e obras externas que são divulgadas na própria região. Ao contrário da cultura popular, na erudita há uma ligação da região ao resto do mundo, por meio da cultura. No caso da cultura de massas, a questão da proximidade não é muito diferente da apresentada na cultura erudita. Ou seja, nos exemplos referidos, há uma divulgação de obras culturais, ou dos seus protagonistas, produzidas na região ou por pessoas que a ela pertencem e que se expandem para outras zonas do país ou do mundo, tendo, de igual forma, a cultura como elo de ligação.

Conclusão

Para a realização desta dissertação propusemo-nos a identificar que tipo de cultura é difundido nas páginas dos jornais regionais, tendo como objeto de estudo os jornais *Reconquista*, *Jornal do Fundão*, *A Voz da Póvoa* e *O Povo*, localizados em Castelo Branco, Fundão, Póvoa de Varzim e Guimarães, respetivamente. Neste trabalho, os resultados apresentados têm como suporte uma análise de conteúdo, distribuída por uma análise quantitativa e qualitativa, que nos possibilita conhecer o tipo de cultura mais usado nas páginas da imprensa regional.

Quisemos, através dessa análise, conhecer as temáticas mais destacadas nas primeiras páginas dos quatro semanários por considerar que nos mostra desde logo qual a informação mais relevante, compreendendo assim qual o lugar deixado para as peças de cultura. Portanto, definimos de imediato como hipótese que tratando-se de jornais regionais, e embora em localidades diferentes, os temas das peças de primeira página deveriam ser similares em ambos os jornais. Desta forma, quisemos também perceber qual o destaque dado às peças de cultura, desenvolvendo um quadro teórico que define o que são peças de pequena, média e grande dimensão. Assim, mais do que perceber que lugar ocupa a cultura na imprensa regional, conseguimos também concluir qual o destaque lhe é dado pelos jornais.

Analisados os dados, a primeira grande conclusão que retiramos dos jornais *Reconquista*, *Jornal do Fundão*, *A Voz da Póvoa* e *O Povo*, ligados à imprensa regional, e embora implantados em diferentes zonas geográficas, é que se regulam pela mesma disposição nos temas de primeira página. Em termos de conteúdo, os temas de primeira página prediletos não são muito distintos, sendo que a cultura está entre os temas mais utilizado. Em particular, o tema cultura tem mais destaque nos jornais *A Voz da Póvoa* e *O Povo*, sendo que o *Jornal do Fundão* e o *Reconquista* dão preferência ao tema sociedade. Logo nas peças de primeira página podemos também concluir que os jornais situados no litoral do país dão primazia às peças de cultura, pelo menos numa primeira abordagem.

No corpus dos jornais, e no que diz respeito a eventos culturais, o jornal *O Povo* destaca-se, embora pouco, uma vez que essas peças são, maioritariamente, de pequena dimensão. Em ambos os jornais é a agenda, pequenas notas informativas sobre eventos ou acontecimentos que estão ou vão acontecer, que mais destaque tem, fomentando a ideia de Fonseca (2006) de que o jornalismo cultural está muito dependente da agenda, afirmando que quase é sinónimo de agenda cultural.

Uma vez que se fala de imprensa regional, concluímos à partida que o evento cultural mais utilizado seria a cultura popular. Isto porque a própria definição de imprensa regional a isso nos remete, uma vez que pretende atingir um público em específico que por norma é aquele onde está inserido. Após a nossa análise, e ao contrário do esperado, isso não se comprovou. O

tipo de cultura mais utilizado pela maioria dos jornais é a cultura erudita, somente no jornal *A Voz da Póvoa* verificamos uma maior ligação e divulgação de peças de cultura popular. Comprova-se aqui que, embora considerada uma imprensa com marcas de um jornalismo pré-industrial, consegue sustentar peças de cultura do tipo popular, erudita e de massas.

Outra grande questão ligada à imprensa regional é a da proximidade. Detetamos que todos os títulos têm uma grande proximidade em relação à população como à cidade ou região, indicando, portanto, especificidades da imprensa regional, uma vez que a relação entre o jornal e o leitor, ou público, é maior. Tal como refere João Carlos Correia “os media regionais portugueses são geralmente consumidos pelos públicos das regiões aos quais se referem as notícias, havendo por isso uma comunhão de saberes partilhada em grande parte pelos produtores das notícias e pelos seus públicos” (1998, p.159). Ambos os jornais tentam, acima de tudo, prender atenção do público da sua região, difundindo notícias de carácter regional e em que o seu conteúdo se revela próximo do leitor. Em todos os semanários nota-se que há uma preocupação em cativar o leitor, uma vez que tentam mostrar, mesmo em notícias de âmbito nacional, os acontecimentos respeitantes ao território onde o leitor está inserido.

O conceito de cultura é complexo e muito abrangente, tornando o estudo da cultura na imprensa regional, igualmente complexo e difícil. O que dantes fazia parte do jornalismo cultural, discussão e opinião sobre livros, teatro, música clássica, filmes, agora quase não tem destaque nas páginas dos jornais. E embora não façamos referência, talvez a análise ou a crítica cultural deixou ser prioridade nos jornais para passar a ser da responsabilidade dos suplementos, que muitas das vezes se intitulam como culturais.

Mesmo não significativo e embora os resultados sejam naturalmente limitados, este trabalho prende-se com o objetivo de ser apenas mais um contributo para o estudo e compreensão do tipo de cultura difundido pela imprensa regional, bem como para uma perceção das diferenças, em termos culturais, entre diferentes regiões, neste caso o litoral e o interior. Embora consideremos que os objetivos gerais deste trabalho tenham sido conseguidos, outros aspetos seriam interessantes, e importantes, para esta análise e compreensão, como é o caso das fontes de informação nas peças de cultura e características mais aprofundadas daquilo que consideramos ser cultura nos jornais de âmbito regional.

Bibliografia

Alves, J. (2005). *O Poder da Comunicação*. Cruz Quebrada, Casa das letras;

Bardin, L. (1997). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70, LDA;

Barreiras, D. F. (2005). *Informação de Proximidade: Jornais e Rádios*. Lisboa, Âncora Editora;

Basso, E. (2006). *Jornalismo Cultural: uma análise sobre o campo*. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação ,XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo e Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Consultado em 22 de Novembro de 2011, em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1869-1.pdf>;

Caleiro, M. (2005) *Para um Estudo do Jornalismo em Portugal (1976- 2001) Padrões jornalísticos na cobertura de eleições presidenciais*. Tese de Mestrado, Lisboa;

Câmara Municipal de Castelo Branco. Consultado 10 de Agosto de 2012, em <http://www.cm-castelobranco.pt/>;

Câmara Municipal do Fundão. Consultado em 10 de Agosto de 2012, em <http://www.cm-fundao.pt/>;

Câmara Municipal de Guimarães. Consultado em 10 de Agosto de 2012, em <http://www.cm-guimaraes.pt/PageGen.aspx>;

Câmara Municipal de Póvoa de Varzim. Consulto em 10 de Agosto de 2012, em <http://www.povoadevarzim.com.pt>;

Camponez, C. (2002). *Jornalismo de Proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional*. Coimbra, MinervaCoimbra;

Carmo, Teresa e Maia (2006). *Evolução portuguesa do jornalismo cultural*. Lisboa. Universidade Nova de Lisboa. Consultado em 8 de Novembro de 2011, em http://janusonline.pt/2006/2006_2_2_9.html;

Correia, J.C. (1998). *Jornalismo e Espaço Público*. Covilhã, Universidade da Beira Interior. Consultado em 10 de Fevereiro de 2012, em http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110826-correia_jornalismo_espacopublico.pdf;

Correia, J.C. (2011). *O admirável Mundo das Notícias: Teorias e Métodos*. LabcomBooks. Covilhã. Consultado em 11 de Fevereiro de 2012, em http://pt.scribd.com/doc/59868104/38/Os-criterios-de-noticiabilidade#outer_page_157;

Correia, J. C. (2009). *Teoria crítica do discurso noticioso: notas sobre jornalismo e representações sociais*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Consultado em 2 de Setembro de 2011, em http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110819-correia_teorica_critica_discurso_noticioso.pdf;

Crespi, F. (1997). *Manual de Sociologia da Cultura*. Editorial Estampa;

DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL (2002). UNESCO. Consultado em 21 de Novembro de 2011, em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>;

Estatuto da Imprensa Regional. (1988). Consultado em 7 de Dezembro de 2012, em http://www.aacs.pt/legislacao/estatuto_da_imprensa_regional.htm

Faustino, P. (2005). *A imprensa em Portugal: Transformações e Tendências*. Lisboa, Media XXI;

Ferin, I. (2009). *Comunicação e culturas do quotidiano*. Lisboa: editora quimera;

Ferreira, P. (2005). *O custo das não decisões na imprensa local e regional portuguesa*. In: Fidalgo, A. & Serra, P. (Org.) ACTAS DO III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO - Volume III. Covilhã: Universidade da Beira Interior, pp. 145-156;

Fonseca, A. (2006). *O verdadeiro jornalismo cultural*. Consultado em 19 de Outubro de 2011, em <http://pt.scribd.com/doc/5624306/O-verdadeiro-jornalismo-cultural>

de Fontcuberta, M. (1999). *A Notícia - pistas para compreender o mundo*. Lisboa, Editorial Notícias.

Garcia, F. S. (2000). *Los Grupos Empresariales de Prensa Regional Como Factor de Progreso de la Comunidad. Estrategias y Expansion. Competitividad y Competencia com los Grandes Grupos Nacionales. El Papel de la Prensa Regional Como Factor de Progreso en la Comunidad*. Santiago de Compostela, Grupo Nuevo Lunes;

Gomes, F. (2009). *Jornalismo Cultural*. Brasileirinho Produções. Consultado em 27 de Outubro de 2011, em <http://www.jornalismocultural.com.br/jornalismocultural.pdf>;

Gradim, A. (2000). *Manual de Jornalismo. Estudos em Comunicação*. Universidade da Beira Interior. Covilhã. Consultado em 24 de Novembro de 2011, em http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110826-gradim_anabela_manual_jornalismo.pdf;

Grisprud, J. (2000). *Tabloidization, Popular Journalism, and Democracy*. In *Tabloid Tales*, ed. Colin Sparks and John Tulloch, Lanham, Md.: Rowman and Littlefi;

Gonzalez, L. (2009). *Jornalismo Cultural: Interfaces entre cultura e entretenimento*. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - Rio de Janeiro. Consultado em 11 de Outubro de 2011, em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/expocom/EX14-0616-1.pdf>;

Hartley, John (2004), *Comunicação, Estudos Culturais e Media*, Lisboa: Quimera.

Jeanneney, J. (1996). *Uma História Da Comunicação Social*. Lisboa: Terramar;

Labella, L. I. (2010). *Manual de periodismo local*. Madrid: Editorial Fragua;

Lopes, D. & Freire, M. *O jornalismo cultural além da crítica: um estudo das reportagens na revista Raiz*. Consultado em 23 de Outubro de 2011, em http://ufsm.academia.edu/Deboracristinalopez/Papers/191292/O_jornalismo_cultural_além_da_crítica_um_estudo_das_reportagens_na_revista_Raiz ;

López, G. X. (2004). *Desafios de la Comunicación Local: Guía para la práctica de la información en los ámbitos de proximidad*. Sevilha: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones;

Magalhães, M. (2010). *POLARIZAÇÕES DO JORNALISMO CULTURAL*. Consultado em 2 de Setembro de 2011, em <http://www.marcadefantasia.com/ebook/jornalismo-cultural-ebook.pdf>

Melo, H. (s/d). *Jornalismo Regional e Democracia*. AAVV, 3º Congresso de Jornalistas Portugueses, Lisboa;

Morin, E. (1999). *Cultura de Massas do século XX: necrose* (3ªedição). Rio de Janeiro: Forense Universitária;

Pena, F. (2005). *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto. Consultado http://www.latinoamericano.jor.br/aulas/teoria_jornalismo/Gatekeeper_ORGANIZACIONAL_ideo_logica.pdf;

Quintero, P. A. (1994). *História da Imprensa*. Lisboa: Planeta Editora;

Rieffel, R. (2003). *Sociologia dos Media*. Porto: Porto Editora;

Santos, Sofia. (2007). *Imprensa Regional - Temas, problemas e estratégias da informação local*. Lisboa: Livros Horizonte;

Schudson, M. (2003). *The Sociology of News*, W.W. Norton & Company, New York;

Silva, D. (s/d). *Tendências do jornalismo cultural em Portugal*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Universidade Nova de Lisboa. Consultado em 4 de Outubro de 2011, em

http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/434/432;

Sousa, J. P. (2001). *Elementos de Jornalismo Impresso*. Porto. Consultado em 21 de Janeiro de 2012, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>;

Sousa, J. P. (s.d). *Comunicação regional e local na Europa Ocidental*. Universidade Fernando Pessoa. Consultado em 21 de Janeiro de 2012, em <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-comunicacao-regional-na-europa-ocidental.html#SECTION00030000000000000000>;

Sousa, J. P. (2006). *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Consultado em 28 de Dezembro de 2011, em <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pesquisa-comunicacao-media.pdf>;

Sousa, J. P. (2008). *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. Consultado em 3 de Janeiro de 2012, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>;

Tengarrinha, J. (1989). *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa: Editora Caminha, 2ª Edição;

Traquina, N. (2002). *O que é o Jornalismo*. Lisboa: Quimera Editores;

Traquina, N. (s.d). *Teorias de Jornalismo*. Consultado em 5 de Dezembro de 2011, em <http://pt.scribd.com/doc/50646476/Teorias-de-Jornalismo-Nelson-Traquina-Livro>

Traquina, N. (2005). *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são*, volume 1 / Nelson Traquina. Florianópolis: Insular. 2. Ed.

Wolf, M. (1987). *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presenças;

Anexos

ANEXO 1 - Mapa de Portugal



Fonte: <http://portugal.veraki.pt/regioes/regioes.php>

Anexo 2 - Mapa de Castelo Branco



Fonte: Enciclopédia das localidades portuguesas: mapa de Portugal

Anexo 3 - Mapa de Guimarães



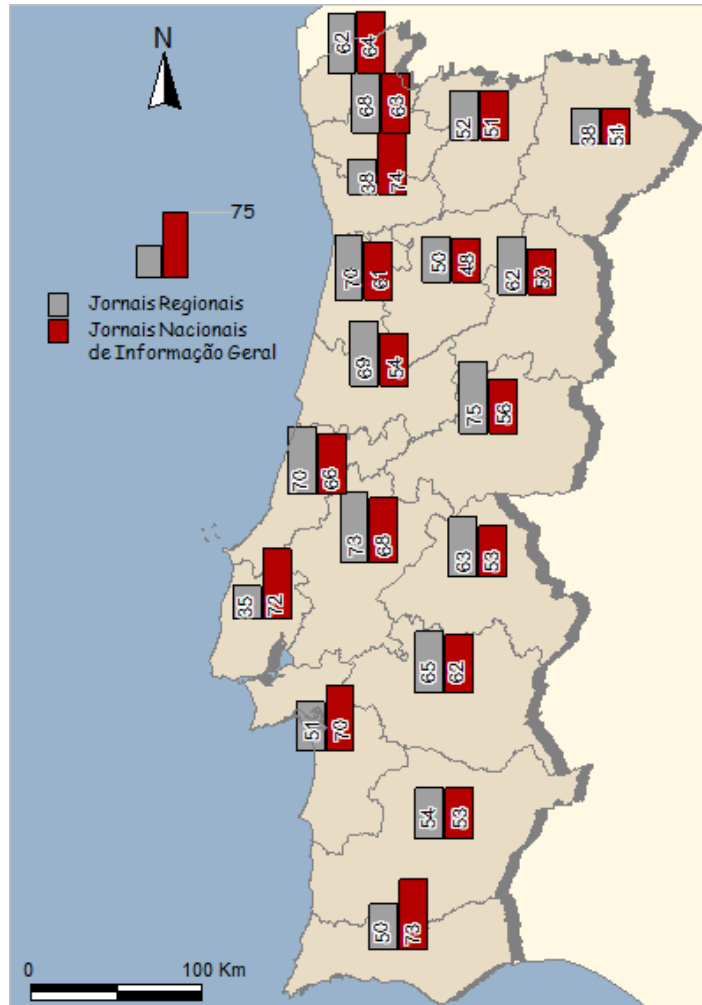
Fonte: Camara municipal de Guimarães

Anexo 4 - Mapa de Póvoa de Varzim



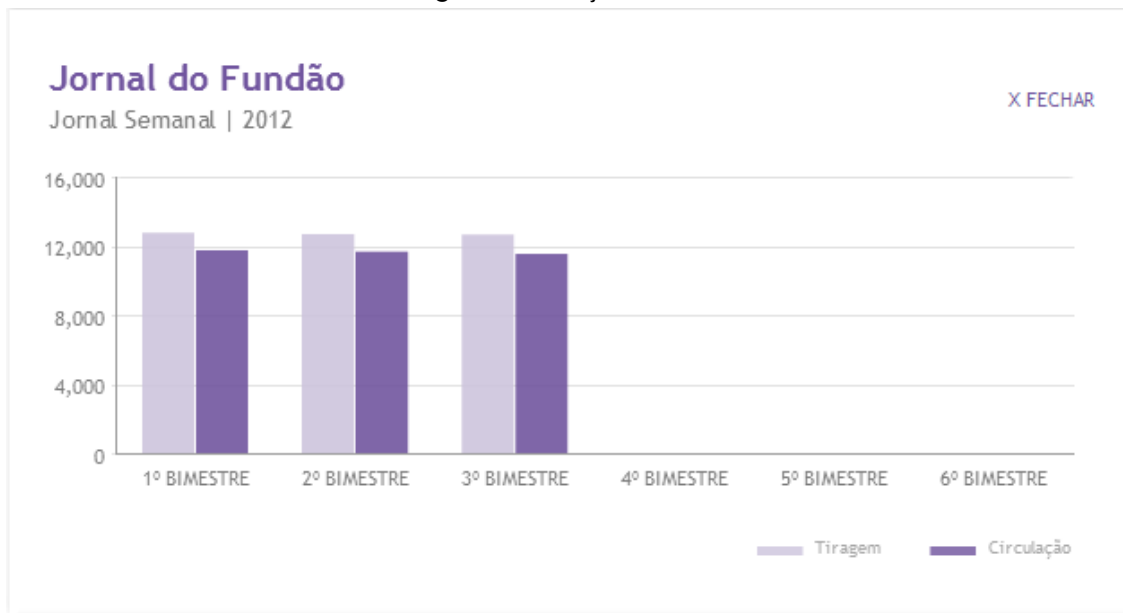
Fonte: Enciclopédia das localidades portuguesas: mapa de Portugal

Anexo 5 - Índice de leitura de jornais regionais e nacionais



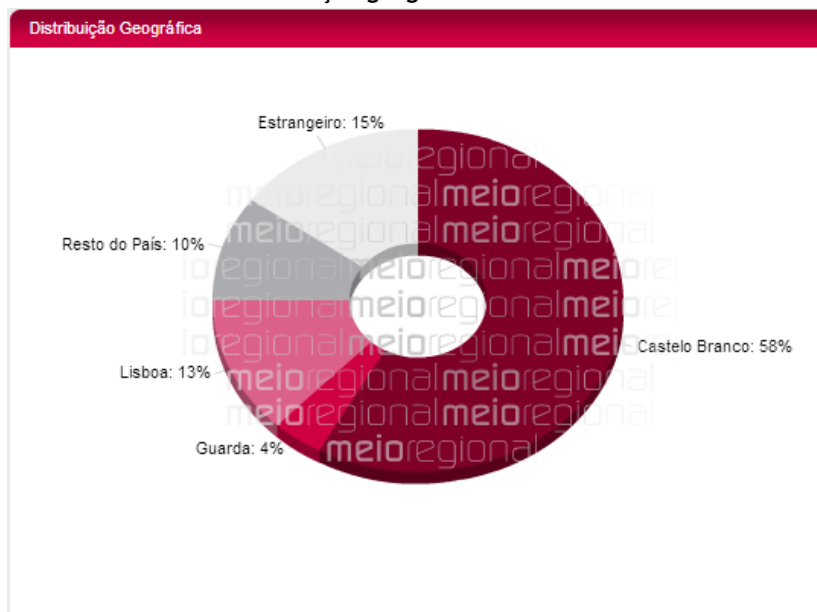
Fonte: <http://www.marktest.com/wap/img.aspx?src=/WAP/private/images/news2010/677/Mapa-B.gif>

Anexo 6 - Tiragem e circulação do *Jornal do Fundão*



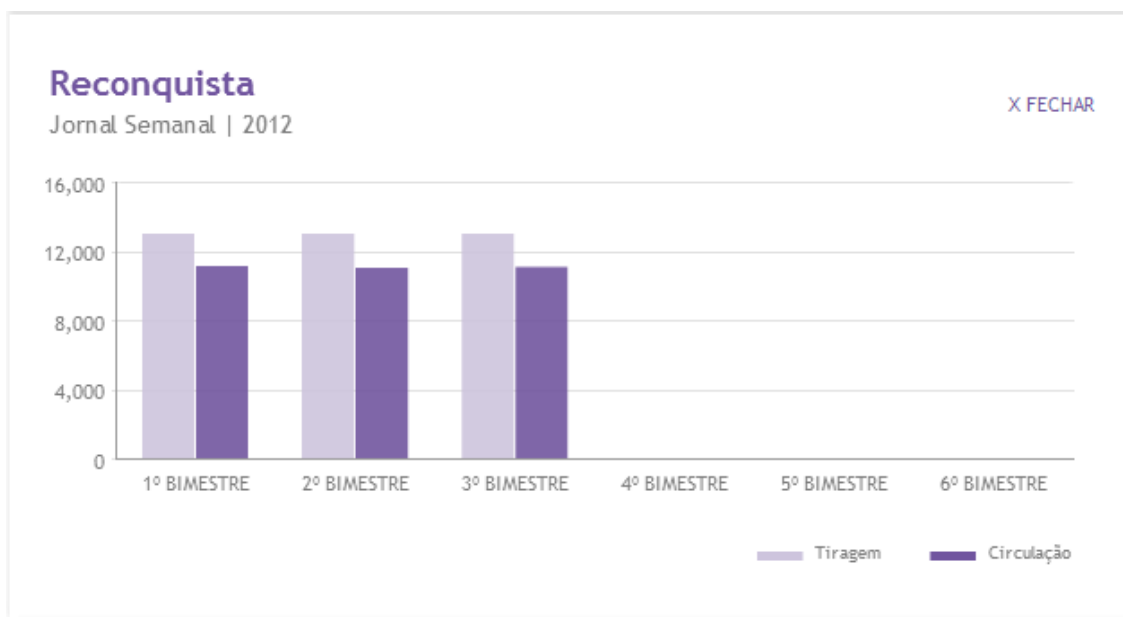
Fonte: Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação
http://www.apct.pt/Analise_simples.php

Anexo 7 - Distribuição geográfica do *Jornal do Fundão*



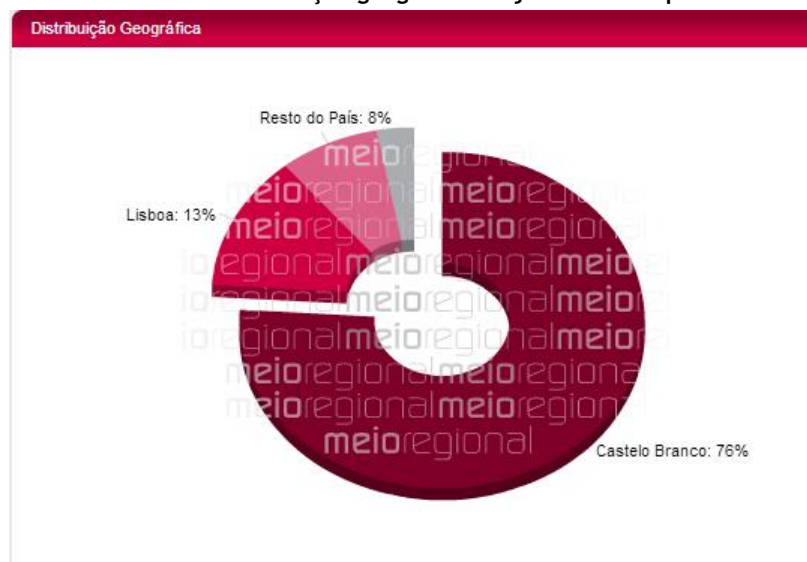
Fonte: Meio regional
http://www.meioregional.pt/index.php?content=34&publicacao_id=44&tipo=5&subtipo=5&distrito=5&concelho=2

Anexo 8 - Tiragem e circulação do jornal Reconquista



Fonte: Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação
http://www.apct.pt/Analise_simples.php

Anexo 9 - Distribuição geográfica do jornal Reconquista



Fonte: Meio regional
http://www.meioregional.pt/index.php?content=34&publicacao_id=44&tipo=5&subtipo=5&distrito=5&concelho=2

Anexo 10 - Distribuição geográfica do jornal A Voz da Póvoa

Distribuição Geográfica



Fonte: Meio regional

http://www.meioregional.pt/index.php?content=34&publicacao_id=44&tipo=5&subtipo=5&distrito=5&concelho=2

Anexo 11 - Número de peças por jornal

Semana \ Jornal	Jornal do Fundão	Reconquista	A Voz da Póvoa	O Povo	Total
3 Out a 10 Out	85	108	41	62	
10 Out a 16 Out	110	132	35	55	
17 Out a 23 Out	83	121	34	60	
24 Out a 30 Out	86	122	38	51	
31 Out a 6 Nov	89	118	34	61	
7 Nov a 13 Nov	93	124	37	60	
14 Nov a 20 Nov	91	107	33	73	
21 Nov a 27 Nov	90	109	32	62	
28 Nov a 4 Dez	113	103	36	69	
5 Dez a 11 Dez	105	118	28	41	
12 De a 18 Dez	102	109	26	63	
19 Dez a 25 Dez	81	111	34	59	
26 Dez a 1 de Jan	89	121	30	47	
TOTAL	1217	1503	438	763	3921

Anexo 12 - Número de páginas de cada jornal

Semana \ Jornal	<i>Jornal do Fundão</i>	<i>Reconquista</i>	<i>A Voz da Póvoa</i>	<i>O Povo</i>	Total
3 Out a 10 Out	85	108	41	62	
10 Out a 16 Out	110	132	35	55	
17 Out a 23 Out	83	121	34	60	
24 Out a 30 Out	86	122	38	51	
31 Out a 6 Nov	89	118	34	61	
7 Nov a 13 Nov	93	124	37	60	
14 Nov a 20 Nov	91	107	33	73	
21 Nov a 27 Nov	90	109	32	62	
28 Nov a 4 Dez	113	103	36	69	
5 Dez a 11 Dez	105	118	28	41	
12 De a 18 Dez	102	109	26	63	
19 Dez a 25 Dez	81	111	34	59	
26 Dez a 1 de Jan	89	121	30	47	
TOTAL	1217	1503	438	763	3921

Anexo 13 - Número de peças de primeira página por jornal

	<i>Jornal do Fundão</i>	<i>Reconquista</i>	<i>A Voz da Póvoa</i>	<i>O Povo</i>
Total	117	97	50	88

Anexo 14 - Número de peças de primeira página por tema no *Jornal do Fundão*

Semana	Tema	Tema														Total	
		Ambiente	Ciência e Tecnologia	Cultura	Crime	Desporto	Economia	Educação	Festas/ Tradições	Política	Religião	Saúde	Sociedade	Telecm. / Transp.	Turismo		Outro
3 Out a 10 Out		0	1	2	0	0	2	0	1	2	0	0	2	0	0	0	10
10 Out a 16 Out		0	0	1	1	1	2	0	0	1	0	1	0	2	1	0	10
17 Out a 23 Out		0	0	1	1	0	1	0	1	0	0	1	3	1	0	0	9
24 Out a 30 Out		0	0	2	0	1	4	0	0	0	1	0	2	0	0	0	10
31 Out a 6 Nov		0	0	1	1	0	1	2	0	0	0	0	2	0	1	0	8
7 Nov a 13 Nov		0	0	1	2	0	3	0	0	1	0	0	0	1	1	0	9
14 Nov a 20 Nov		0	0	0	2	0	2	0	0	1	0	1	2	2	0	0	10
21 Nov a 27 Nov		0	1	0	1	0	2	0	0	1	0	1	4	0	0	0	10
28 Nov a 4 Dez		0	0	1	1	0	1	0	0	0	0	1	3	1	1	0	9
5 Dez a 11 Dez		0	0	0	1	0	2	0	0	2	0	0	2	1	0	0	8
12 De a 18 Dez		0	0	1	0	0	2	1	0	1	0	0	0	0	0	0	5
19 Dez a 25 Dez		0	0	1	1	1	1	0	0	1	0	1	2	1	0	0	9
26 Dez a 1 de Jan		0	0	0	2	0	1	0	0	1	0	1	3	1	0	0	9
TOTAL		0	2	11	13	3	24	3	2	11	1	7	25	10	4	0	116

Anexo 15 - Número de peças de primeira página por tema no jornal *Reconquista*

Semana	Tema	Tema														Total	
		Ambiente	Ciência e Tecnologia	Cultura	Crime	Desporto	Economia	Educação	Festas/ Tradições	Política	Religião	Saúde	Sociedade	Telecm. / Transp.	Turismo		Outro
3 Out a 10 Out		0	0	1	1	1	2	0	0	2	0	1	2	1	1	0	12
10 Out a 16 Out		0	0	0	0	1	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0	5
17 Out a 23 Out		1	0	2	0	1	3	1	0	0	0	0	0	1	0	9	
24 Out a 30 Out		1	0	1	2	1	1	0	0	1	0	0	2	0	0	9	
31 Out a 6 Nov		0	0	1	1	1	1	0	0	1	0	0	3	0	1	9	
7 Nov a 13 Nov		1	0	0	1	1	1	0	0	1	0	0	2	0	0	7	
14 Nov a 20 Nov		1	0	0	3	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	7	
21 Nov a 27 Nov		0	0	0	1	1	1	0	0	1	0	0	2	0	0	6	
28 Nov a 4 Dez		0	0	1	1	2	1	1	0	1	0	0	0	1	0	8	
5 Dez a 11 Dez		0	0	0	0	1	0	1	1	1	0	0	3	0	0	7	
12 De a 18 Dez		0	0	1	1	1	0	1	0	0	0	1	2	0	0	7	
19 Dez a 25 Dez		0	0	1	1	1	1	0	0	1	0	1	2	1	0	9	
26 Dez a 1 de Jan		0	0	0	1	1	2	0	0	2	1	0	2	0	0	9	
TOTAL		4	0	8	13	14	14	4	1	12	2	5	21	3	3	0	104

Anexo 16: Número de peças de primeira página por tema no jornal A Voz da Póvoa

Semana Tema	Tema														Total	
	Ambiente	Ciência e Tecnologia	Cultura	Crime	Desporto	Economia	Educação	Festas/ Tradições	Política	Religião	Saúde	Sociedade	Telecomu. / Transp.	Turismo		Outro
3 Out a 10 Out	0	0	1	0	2	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	4
10 Out a 16 Out	0	0	2	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	4
17 Out 23 Out	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	2	0	0	0	4
24 Out a 30 Out	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	4
31 Out a 6 Nov	1	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	4
7 Nov a 13 Nov	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0	4
14 Nov a 20 Nov	0	0	1	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	3
21 Nov a 27 Nov	0	0	0	1	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	4
28 Nov a 4 Dez	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	3
5 Dez a 11 Dez	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	4
12 De a 18 Dez	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1	4
19 Dez a 25 Dez	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	4
26 Dez a 1 de Jan	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	4
TOTAL	1	0	9	1	8	1	1	6	7	0	1	11	0	2	2	50

Anexo 17 - Número de peças de primeira página por tema no jornal O Povo

Semana Tema	Tema														Total	
	Ambiente	Ciência e Tecnologia	Cultura	Crime	Desporto	Economia	Educação	Festas/ Tradições	Política	Religião	Saúde	Sociedade	Telecomu. / Transp.	Turismo		Outro
3 Out a 10 Out	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	0	1	0	5	
10 Out a 16 Out	0	0	2	1	2	1	0	0	3	0	0	0	0	0	9	
17 Out 23 Out	0	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	5	
24 Out a 30 Out	0	0	3	0	3	1	0	0	1	0	1	1	0	0	10	
31 Out a 6 Nov	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	1	5	
7 Nov a 13 Nov	1	0	1	0	2	1	0	0	1	0	0	2	0	0	8	
14 Nov a 20 Nov	0	0	1	1	1	3	0	0	1	0	0	2	0	0	9	
21 Nov a 27 Nov	0	1	1	0	2	0	0	0	1	0	0	1	0	0	6	
28 Nov a 4 Dez	1	0	2	0	1	2	1	0	1	0	0	0	0	0	8	
5 Dez a 11 Dez	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	2	0	1	6	
12 De a 18 Dez	0	0	2	0	1	0	0	0	0	0	1	3	0	0	7	
19 Dez a 25 Dez	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	4	
26 Dez a 1 de Jan	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	4	
TOTAL	2	3	17	2	16	11	3	1	11	0	2	13	0	5	0	86

Anexo 18: Número de peças de cultura por jornal

Semana \ Jornal	<i>Jornal do Fundão</i>	<i>Reconquista</i>	<i>A Voz da Póvoa</i>	<i>O Povo</i>
3 Out a 10 Out	5	17	5	12
10 Out a 16 Out	10	19	6	12
17 Out a 23 Out	7	10	7	8
24 Out a 30 Out	5	14	7	11
31 Out a 6 Nov	5	20	5	12
7 Nov a 13 Nov	6	15	3	13
14 Nov a 20 Nov	10	13	3	9
21 Nov a 27 Nov	10	15	3	14
28 Nov a 4 Dez	13	11	4	12
5 Dez a 11 Dez	6	18	3	12
12 De a 18 Dez	12	18	7	12
19 Dez a 25 Dez	5	13	6	9
26 Dez a 1 de Jan	4	16	3	8
TOTAL	98	199	62	144

Anexo 19: Género jornalístico das peças de cultura no *Jornal do Fundão*

Semana \ Género	Breve	Cartas de leitores	Entrevista	Notícia	Opinião	Reportagem	Outro	Total
3 Out a 10 Out	1	0	0	4	0	0	0	98
10 Out a 16 Out	5	0	0	4	1	0	0	
17 Out a 23 Out	5	0	0	2	0	0	0	
24 Out a 30 Out	4	0	0	1	0	0	0	
31 Out a 6 Nov	4	0	0	1	0	0	0	
7 Nov a 13 Nov	5	0	0	1	0	0	0	
14 Nov a 20 Nov	10	0	0	0	0	0	0	
21 Nov a 27 Nov	8	0	0	2	0	0	0	
28 Nov a 4 Dez	8	0	0	5	0	0	0	
5 Dez a 11 Dez	4	0	0	2	0	0	0	
12 De a 18 Dez	7	0	1	4	0	0	0	
19 Dez a 25 Dez	3	0	0	2	0	0	0	
26 Dez a 1 de Jan	2	1	0	1	0	0	0	
TOTAL	66	1	1	29	1	0	0	

Anexo 20 - Género jornalístico das peças de cultura no jornal *Reconquista*

Semana \ Género	Breve	Cartas de leitores	Entrevista	Notícia	Opinião	Reportagem	Outro	Total
3 Out a 10 Out	11	0	0	5	1	0	0	199
10 Out a 16 Out	10	0	1	7	1	0	0	
17 Out a 23 Out	4	0	1	5	0	0	0	
24 Out a 30 Out	8	0	1	3	2	0	0	
31 Out a 6 Nov	9	0	1	10	0	0	0	
7 Nov a 13 Nov	9	0	0	5	1	0	0	
14 Nov a 20 Nov	8	0	5	0	0	0	0	
21 Nov a 27 Nov	7	0	0	6	2	0	0	
28 Nov a 4 Dez	5	0	0	5	1	0	0	
5 Dez a 11 Dez	10	0	0	6	2	0	0	
12 De a 18 Dez	10	0	0	8	0	0	0	
19 Dez a 25 Dez	5	0	0	7	1	0	0	
26 Dez a 1 de Jan	6	0	0	7	3	0	0	
TOTAL	102	0	9	74	14	0	0	

Anexo 21 - Género jornalístico das peças de cultura no jornal *A Voz da Póvoa*

Semana \ Género	Breve	Cartas de leitores	Entrevista	Notícia	Opinião	Reportagem	Outro	Total
3 Out a 10 Out	3	0	1	0	0	1	0	62
10 Out a 16 Out	2	0	1	1	1	1	0	
17 Out a 23 Out	4	0	0	3	0	0	0	
24 Out a 30 Out	2	0	1	2	1	1	0	
31 Out a 6 Nov	2	0	1	2	0	0	0	
7 Nov a 13 Nov	0	0	1	1	0	0	1	
14 Nov a 20 Nov	0	0	1	1	1	0	0	
21 Nov a 27 Nov	2	0	0	1	0	0	0	
28 Nov a 4 Dez	3	0	0	1	0	0	0	
5 Dez a 11 Dez	2	0	0	1	0	0	0	
12 De a 18 Dez	6	0	1	0	0	0	0	
19 Dez a 25 Dez	2	0	1	2	0	1	0	
26 Dez a 1 de Jan	0	0	1	0	1	0	1	
TOTAL	28	0	9	15	4	4	2	

Anexo 22 - Género jornalístico das peças de cultura no jornal *O Povo*

Semana \ Género	Breve	Cartas de leitores	Entrevista	Notícia	Opinião	Reportagem	Outro	Total
3 Out a 10 Out	4	0	0	6	1	0	1	144
10 Out a 16 Out	7	0	0	3	0	0	2	
17 Out a 23 Out	3	0	0	3	0	0	2	
24 Out a 30 Out	7	0	0	2	0	0	2	
31 Out a 6 Nov	7	0	0	3	0	0	2	
7 Nov a 13 Nov	8	0	0	2	0	0	3	
14 Nov a 20 Nov	5	0	0	2	0	0	2	
21 Nov a 27 Nov	7	0	0	5	0	0	2	
28 Nov a 4 Dez	6	0	1	2	1	0	2	
5 Dez a 11 Dez	8	0	0	2	0	0	2	
12 De a 18 Dez	7	0	1	2	0	0	2	
19 Dez a 25 Dez	5	0	0	2	0	0	2	
26 Dez a 1 de Jan	5	0	0	1	0	0	2	
TOTAL	79	0	2	35	2	0	26	

Anexo 23 - Enquadramento das peças de cultura no *Jornal do Fundão*

Enquadramento \ Semana	Agenda	Apreciação	Crítica	Informação	Elogio /Enaltecimento	Lamento/ Queixa	Outro	Total
3 Out a 10 Out	2	1	0	2	0	0	0	98
10 Out a 16 Out	4	1	1	3	1	0	0	
17 Out a 23 Out	5	0	0	2	0	0	0	
24 Out a 30 Out	3	2	0	0	0	0	0	
31 Out a 6 Nov	4	0	0	1	0	0	0	
7 Nov a 13 Nov	5	0	0	1	0	0	0	
14 Nov a 20 Nov	5	2	0	3	0	0	0	
21 Nov a 27 Nov	7	0	0	3	0	0	0	
28 Nov a 4 Dez	7	3	0	3	0	0	0	
5 Dez a 11 Dez	2	1	0	3	0	0	0	
12 De a 18 Dez	5	1	0	5	1	0	0	
19 Dez a 25 Dez	4	0	0	0	1	0	0	
26 Dez a 1 de Jan	1	0	0	2	1	0	0	
TOTAL	54	11	1	28	4	0	0	

Anexo 24 - Enquadramento das peças de cultura no jornal *Reconquista*

Enquadramento Semana	Agenda	Apreciação	Crítica	Informação	Elogio /Enaltecimento	Lamento/ Queixa	Outro	Total	
3 Out a 10 Out	10	1	0	5	0	0	1		
10 Out a 16 Out	12	1	0	5	0	0	1		
17 Out a 23 Out	6	2	0	2	0	0	0		
24 Out a 30 Out	4	1	0	7	0	0	2		
31 Out a 6 Nov	15	0	0	4	1	0	0		
7 Nov a 13 Nov	7	4	0	3	0	0	1		
14 Nov a 20 Nov	6	3	0	4	0	0	0		
21 Nov a 27 Nov	8	2	0	4	0	0	1		
28 Nov a 4 Dez	6	0	0	3	0	0	2		
5 Dez a 11 Dez	12	2	0	2	0	0	2		
12 De a 18 Dez	8	2	0	7	1	0	0		
19 Dez a 25 Dez	6	1		5	1	0	0		
26 Dez a 1 de Jan	7	1	0	5	0	1	2		
TOTAL	107	20	0	56	3	1	12		199

Anexo 25 - Enquadramento das peças de cultura no jornal *A Voz da Póvoa*

Enquadramento Semana	Agenda	Apreciação	Crítica	Informação	Elogio /Enaltecimento	Lamento/ Queixa	Outro	Total	
3 Out a 10 Out	2	1	0	1	0	0	1		
10 Out a 16 Out	3	0	0	1	0	0	2		
17 Out a 23 Out	1	0	0	5	0	0	1		
24 Out a 30 Out	1	1	0	3	0	0	2		
31 Out a 6 Nov	2	1	0	1	0	0	1		
7 Nov a 13 Nov	1	0	0	0	0	0	2		
14 Nov a 20 Nov	1	0	0	0	0	0	2		
21 Nov a 27 Nov	2	0	0	1	0	0	0		
28 Nov a 4 Dez	2	0	0	1	0	0	1		
5 Dez a 11 Dez	1	1	0	1	0	0	0		
12 De a 18 Dez	0	2	0	4	0	0	1		
19 Dez a 25 Dez	0	4	0	1	0	0	1		
26 Dez a 1 de Jan	0	0	0	0	0	0	3		
TOTAL	16	10	0	19	0	0	17		62

Anexo 26 - Enquadramento das peças de cultura no jornal *O Povo*

Enquadramento Semana	Agenda	Apreciação	Crítica	Informação	Elogio /Enaltecimento	Lamento/ Queixa	Outro	Total
3 Out a 10 Out	5	2	0	2	0	0	3	144
10 Out a 16 Out	7	0	0	1	1	0	3	
17 Out a 23 Out	5	1	0	0	0	0	2	
24 Out a 30 Out	6	0	0	3	0	0	2	
31 Out a 6 Nov	8	1	0	1	0	0	2	
7 Nov a 13 Nov	5	2	0	2	1	0	3	
14 Nov a 20 Nov	3	1	0	2	1	0	2	
21 Nov a 27 Nov	5	2	0	5	0	0	2	
28 Nov a 4 Dez	6	0	0	3	0	0	2	
5 Dez a 11 Dez	7	2	0	2	0	0	2	
12 De a 18 Dez	6	1	0	3	0	0	2	
19 Dez a 25 Dez	3	1	0	4	0	0	1	
26 Dez a 1 de Jan	3	1	0	2	0	0	2	
TOTAL	69	14	0	30	3	0	28	

Anexo 27 - Dimensão das peças de cultura no *Jornal do Fundão*

Semana	Dimensão	Pequena	Média	Grande	Total
3 Out a 10 Out		1	4	0	98
10 Out a 16 Out		6	4	0	
17 Out a 23 Out		6	1	0	
24 Out a 30 Out		4	1	0	
31 Out a 6 Nov		4	1	0	
7 Nov a 13 Nov		5	1	0	
14 Nov a 20 Nov		8	2	0	
21 Nov a 27 Nov		8	2	0	
28 Nov a 4 Dez		9	4	0	
5 Dez a 11 Dez		4	2	0	
12 De a 18 Dez		8	4	0	
19 Dez a 25 Dez		3	1	1	
26 Dez a 1 de Jan		1	2	1	
TOTAL		67	29	2	

Anexo 28 - Dimensão das peças de cultura no jornal Reconquista

Semana \ Dimensão	Pequena	Média	Grande	Total
3 Out a 10 Out	7	6	4	
10 Out a 16 Out	6	11	2	
17 Out a 23 Out	3	5	2	
24 Out a 30 Out	7	4	3	
31 Out a 6 Nov	6	11	3	
7 Nov a 13 Nov	5	9	1	
14 Nov a 20 Nov	4	7	2	
21 Nov a 27 Nov	2	12	1	
28 Nov a 4 Dez	3	6	2	
5 Dez a 11 Dez	6	10	2	
12 De a 18 Dez	7	9	2	
19 Dez a 25 Dez	5	6	2	
26 Dez a 1 de Jan	6	9	1	
TOTAL	67	105	27	

Anexo 29 - Dimensão das peças de cultura no jornal A Voz da Póvoa

Semana \ Dimensão	Pequena	Média	Grande	Total
3 Out a 10 Out	3	2	0	
10 Out a 16 Out	3	3	0	
17 Out a 23 Out	4	3	0	
24 Out a 30 Out	3	4	0	
31 Out a 6 Nov	2	3	0	
7 Nov a 13 Nov	0	3	0	
14 Nov a 20 Nov	1	2	0	
21 Nov a 27 Nov	2	1	0	
28 Nov a 4 Dez	3	1	0	
5 Dez a 11 Dez	2	1	0	
12 De a 18 Dez	6	1	0	
19 Dez a 25 Dez	2	4	0	
26 Dez a 1 de Jan	0	3	0	
TOTAL	31	31	0	

Anexo 30 - Dimensão das peças de cultura no jornal *O Povo*

Semana	Dimensão	Pequena	Média	Grande	Total
	3 Out a 10 Out	5	7	0	
	10 Out a 16 Out	6	6	0	
	17 Out a 23 Out	5	3	0	
	24 Out a 30 Out	9	1	1	
	31 Out a 6 Nov	9	3	0	
	7 Nov a 13 Nov	10	3	0	
	14 Nov a 20 Nov	7	2	0	
	21 Nov a 27 Nov	8	6	0	
	28 Nov a 4 Dez	8	4	0	
	5 Dez a 11 Dez	10	2	0	
	12 De a 18 Dez	7	4	1	
	19 Dez a 25 Dez	7	2	0	
	26 Dez a 1 de Jan	6	2	0	
TOTAL		97	45	2	144